



# Planejamento Urbano no entorno da Avenida Orlando Gomes

*Uma outra Cidade possível*

André Lima O'Dwyer

**Planejamento Urbano no entorno da Avenida Orlando Gomes**  
Uma outra Cidade possível

Trabalho final de graduação apresentado à Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, orientado pela profª Nayara Amorim e Co-orientado pela profª Marina Teixeira para obtenção do título de Arquiteto e Urbanista.

Salvador, julho de 2018

André Lima O'Dwyer

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família por serem a base de quem eu sou e por todo o apoio e segurança que me possibilitaram estar aqui hoje. Agradeço aos meus avós por darem os primeiros passos na jornada que considero ser a minha e por serem referências fundamentais na minha vida, na minha identidade e nos meus valores. Agradeço a minha mãe e meu pai por todo o amor, carinho e dedicação, pela compreensão e apoio incondicionais, pelos exemplos de integridade e todo o aprendizado que têm sempre me proporcionado. Agradeço aos meus irmãos pelo companheirismo de uma vida dividida e por toda a disponibilidade e afeto que compartilhamos e espero que possamos sempre compartilhar nessa caminhada. Aos meus tios, tias, primos e primas, fico feliz que estejam presentes e por serem parte do meu universo, todos trazendo alegrias.

À minha namorada Bethânia agradeço por ser parte da minha vida, por termos nos conhecido e por todos esses anos compartilhados. Sem você eu não sei quem eu seria.

Finalizando esse ciclo, para mim fundamental, sou feliz por ter tido a companhia e apoio de tantos colegas, companheiros de sonhos e dificuldades, amigos que tive a chance de conhecer e pretendo levar para o resto da vida. Agradeço aos professores, todos importantes na minha formação, com quem sempre pude aprender, e também aos funcionários com quem tive a oportunidade de dividir esse período na faculdade. Podem ter certeza que a consideração que demonstram por mim é mútua.

Por fim, agradeço à minha orientadora Nayara Amorim e à minha co-orientadora Marina Teixeira pela paciência e todo o apoio e empenho que me dedicaram, e aos membros da banca: Professora Glória Cecília Figueiredo, Professor Fábio Velame e Arquiteto e Urbanista José Saraiva, por terem aceito o convite e a quem tenho a honra e confiança de entregar esse trabalho para um último momento de aprendizado enquanto estudante de graduação.

A todos o meu muito obrigado!

# sumário

## 1. APRESENTAÇÃO 5

## 2. INTRODUÇÃO 6

- 2.1 Contexto 6
- 2.2 A Área 7
- 2.3 Objetivo 7

## 3. PROCESSO E METODOLOGIA 9

## 4. APREENSÃO E ENTENDIMENTO 10

- 4.1 Percurso de (Re)conhecimento 11
  - 4.1.1 *Questões fundamentais: Formação da Cidade 13*
- 4.2. Histórico 14
  - 4.2.1 *Desenvolvimento de Salvador 14*
  - 4.2.2 *Duas trajetórias distintas: Condomínios Fechados e Bairro da Paz 18*
  - 4.2.3 *Evolução da Ocupação 20*
- 4.3 Informações Sociodemográficas 22
  - 4.3.1 *Questões fundamentais: Desenvolvimento Desigual 27*
- 4.4 Conversas 28
  - 4.4.1 *Condomínios 29*
  - 4.4.2 *Bairro da Paz 32*
  - 4.4.3 *Representante Comunitário do Bairro da Paz 36*
  - 4.4.4 *Quadro comparativo 37*
  - 4.4.5 *Movimento SOS Vale Encantado 38*
  - 4.4.6 *Terreiro de Candomblé Ilê Asipá 41*
  - 4.4.7 *Questões Fundamentais 44*
    - 4.4.7.1 *Formas de relação com a Natureza 45*
    - 4.4.7.2 *Mobilidade 48*
    - 4.4.7.3 *Futuro da Ocupação 49*

## 5. ANÁLISE DO PLANEJAMENTO: PDDU e LOUOS de 2016 54

- 5.1 Cenário atual: Mudanças e impactos no cotidiano 55
- 5.2 Relação com a Natureza 57
  - 5.2.1 *Macrozoneamento e SAVAM 58*
- 5.3 Ocupação e Usos 62
  - 5.3.1 *Macroáreas (PDDU) 63*
  - 5.3.2 *Zoneamento (LOUOS) 66*
- 5.4 Mobilidade 69
  - 5.4.1 *Transporte coletivo e mobilidade não motorizada 70*
  - 5.4.2 *Sistema Viário 73*
- 5.5 Análise Geral 74

## 6. PROPOSTAS PARA O PLANEJAMENTO 76

- 6.1. Relação com a Natureza 77
- 6.2 Mobilidade 99
- 6.3 Ocupação e Uso 112
- 6.4 Proposta para o entorno da Orlando Gomes 122

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 129

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 130

## I. APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho Final de Graduação surge a partir da minha experiência pessoal enquanto morador da cidade de Salvador e mais especificamente da região de Jaguaribe, em Piatã. Morando ali desde muito cedo, a proximidade com a praia e a paisagem da Orla sempre fizeram parte do meu imaginário e da minha sensação de pertencimento.

Com o crescimento da ocupação e principalmente a partir da construção de alguns edifícios de apartamentos, começa a se alterar a paisagem e a dinâmica da região, e surge entre os moradores uma sensação de estranhamento, de perda da atmosfera bucólica com a qual estavam acostumados, e um sentimento de desagrado com a nova situação. A partir desse sentimento, ao qual como morador não estou imune, surge uma inquietação e a pergunta que vai motivar o desenvolvimento deste trabalho:

O que vai ser dessa região no futuro?

Esses momentos de estranhamento do cotidiano e a dúvida que se apresenta suscitam também outras inquietações e abrem espaço para diferentes possibilidades de resposta. Assim a pergunta chave vem acompanhada de outras e do questionamento do próprio sentimento que a provocou: O que é essa região atualmente e o que não queremos mudar? Essa área tem “dono”? Como viemos morar aqui e o que havia antes? Qual é a realidade mais ampla da qual fazemos parte e como nos encaixamos nessa realidade?

Durante esse tempo, morei em condomínios fechados e isso foi também um ponto fundamental para a minha experiência social e de cidade. O condomínio propiciava uma vivência na “rua” sem preocupações e o acesso a espaços abertos e áreas verdes que aproveitávamos livremente e que conformavam a nossa paisagem e o nosso imaginário. Essa experiência, porém estava ligada a uma nítida sensação de “dentro” e “fora”, em que aprendíamos a viver principalmente o “dentro”, um espaço homogêneo, com uma distinção social clara entre moradores e funcionários e onde a relação de serviço, ainda que cordial, é parte integrante do cotidiano. Não me furto a dizer que ali também estão ex-

pressas as cores da nossa distinção social, onde, com poucas exceções, a maioria dos moradores são brancos e a maioria dos funcionários são negros, e essa “paisagem” e suas relações conformam também o imaginário dos moradores.

Assim, é a partir da primeira pergunta e de outras inquietações que procuro desenvolver o exercício de (partindo da minha própria realidade) tentar entender o mundo e contribuir, nesse momento de formação como arquiteto e urbanista, com mais uma opção para o que pode vir a ser essa região no futuro. É importante frisar que este trabalho não poderia e não tem a pretensão de esgotar qualquer tema, ou de oferecer soluções definitivas, mas busca identificar questões pertinentes e, a partir das condições atuais, apontar alternativas e principalmente contribuir para a discussão sobre a produção do espaço na cidade e a sua vivência pelas pessoas.

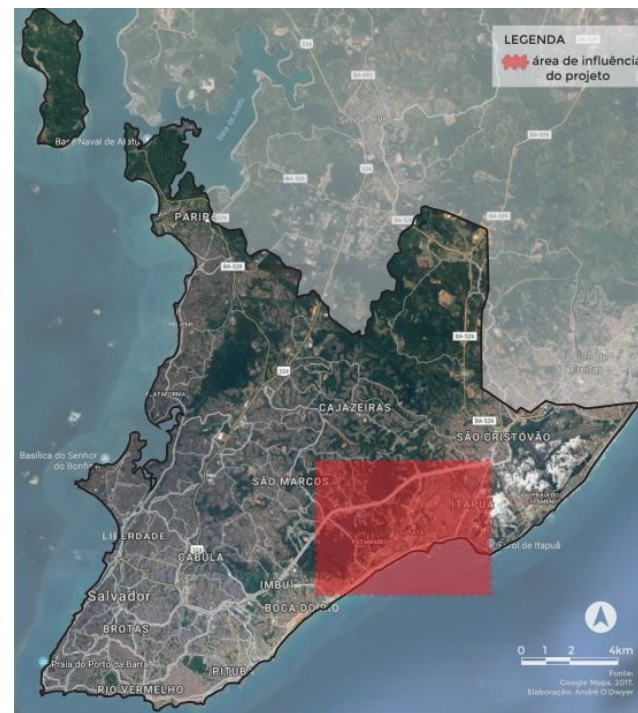
## 2. INTRODUÇÃO

### 2.1 CONTEXTO

O recorte escolhido para o desenvolvimento do trabalho está localizado no entorno da Avenida Orlando Gomes, entre a Avenida Pinto de Aguiar e o bairro de Itapuã e entre a Paralela (Avenida Luis Viana Filho) e a Orla Atlântica (Avenida Otávio Mangabeira). A área tem a sua ocupação ligada à expansão da cidade ao longo da Paralela, a partir da década de 70, e nos últimos tempos vem passando por um acelerado processo de urbanização. Este processo ocorre em um contexto de grandes obras de infraestrutura financiadas pelo Estado, ao mesmo tempo em que há um maior incentivo, permissão e até recentemente uma conjuntura favorável para a realização de empreendimentos imobiliários por parte da iniciativa privada.

A região no entorno da Avenida Orlando Gomes e da Paralela é representativa desse contexto, com a expansão da linha de metrô pela Paralela em direção ao Aeroporto, a ampliação da Avenida Orlando Gomes e construção da sua continuidade com a Avenida 29 de Março, bem como a construção de diversos condomínios, os mais recentes adotando o modelo de conjuntos de prédios. Este processo, entretanto, assim como em toda Salvador, parece obedecer a um mesmo projeto de cidade, se não aos mesmos interesses que, aproveitando uma janela de oportunidade na conjuntura política, tornam-se hegemônicos e vêm se impondo radicalmente e moldando de forma arbitrária o espaço e o futuro da cidade.

Todo esse processo tem o planejamento urbano como palco e objeto de disputas, onde diferentes visões de mundo e interesses tentam influenciar os rumos do desenvolvimento. Desde 2004 diferentes propostas de PDDU (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano) e LOUOS (Lei de Ordenamento do Uso e Ocupação do Solo) vêm sendo elaboradas, em geral sem a participação efetiva da população, apresentadas e então questionadas por diversos grupos da sociedade. No momento atual as discussões se dão em torno dos atuais



PDDU e LOUOS de 2016 integrados ao chamado Plano Salvador 500 que pretende estabelecer as bases e diretrizes para o desenvolvimento de Salvador nos próximos 35 anos.

## 2.2 A ÁREA

Ao referir-se ao “entorno” da Avenida Orlando Gomes, o trabalho parte dessa avenida como referência para a região que se desenvolve nos seus arredores e que tem a Orlando Gomes como elemento importante para a sua dinâmica urbana. Partindo desse elemento central em comum, o recorte abarca principalmente os bairros de Piatã, Patamares e Bairro da Paz, dando ênfase especial às áreas mais ligadas à avenida.

Essa região apresenta características que sintetizam parte dos dilemas e desafios das cidades contemporâneas. Devido à sua ocupação relativamente recente, a região apresenta áreas significativas de natureza preservada, com importantes rios e áreas de Mata Atlântica, mas que estão inseridos em uma área urbana cada vez mais valorizada. Com a preocupação crescente a respeito das questões ambientais e o aumento da compreensão sobre os impactos das atividades humanas nas dinâmicas naturais, surge o desafio de como conciliar a urbanização com a preservação dessas dinâmicas e da qualidade ambiental e consequentemente a necessidade de se pensar qual é o modelo de cidade que queremos construir.

Ao mesmo tempo a região já possui uma ocupação consolidada e que apresenta algumas das questões típicas das metrópoles brasileiras. A região apresenta padrões bastante diferentes de ocupação, frutos das trajetórias históricas diversas dos seus habitantes e dos processos que condicionaram o desenvolvimento da sociedade e das cidades brasileiras. Assim, estão presentes no entorno da avenida áreas que apresentam condições muito discrepantes de moradia, infraestrutura urbana e acesso a serviços fundamentais como saúde, educação e saneamento. Apesar das desigualdades, contudo, observa-se também uma diversidade de formas de se relacionar e viver o espaço e a cidade, assim como diferentes visões de mundo e valores, que constituem uma riqueza e podem oferecer diferentes soluções.

## 2.3 OBJETIVOS

Inserindo-se nesse contexto e no atual momento de definições sobre o futuro da cidade, este trabalho tenta buscar soluções para questões que dizem

respeito não somente à região trabalhada, mas que poderiam ser aplicadas a outras situações, articulando-as em uma proposta que aponte para uma cidade diferente da que vem sendo construída. Dessa maneira são colocados dois questionamentos entendidos como fundamentais para a cidade que se deseja propor:

**Como conciliar a urbanização com a preservação da natureza?**

**Como superar a segregação e as desigualdades e construir uma cidade mais democrática?**





### 3. PROCESSO E METODOLOGIA

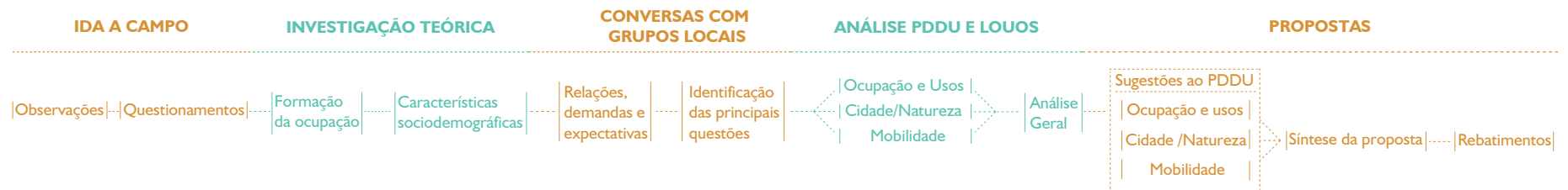
A elaboração do trabalho parte da motivação pessoal do estudante em desenvolver ideias surgidas da vivência como morador e durante o curso de Arquitetura e Urbanismo. Partindo dessas impressões iniciais, busca-se uma nova aproximação com a área de estudo através de um percurso de (re)conhecimento para identificar in loco as situações que irão despertar o interesse e se mostrar importantes para o desenvolvimento do trabalho. A partir dessa ida a campo são reforçadas algumas impressões e surgem questionamentos que vão motivar uma investigação teórica, a fim de entender o que significam as situações observadas em um contexto mais amplo.

São realizadas pesquisas bibliográficas para compreender como se deu o desenvolvimento da cidade de Salvador e quais foram os processos que conduziram à ocupação da área de estudo e que produziram a sua configuração atual. Essa retrospectiva é complementada com a leitura de dados sociodemográficos, que permitem a identificação de algumas características da população e expressam a espacialização atual de questões sociais observadas ao longo da formação da cidade e da sociedade soteropolitana.

Em seguida são realizadas conversas com moradores da região e integrantes de alguns grupos locais para entender como se dão as relações sociais e com

a cidade, de que forma as questões observadas estão presentes na vida das pessoas, quais são as suas motivações, o que consideram importante e quais são as suas expectativas em relação ao futuro. A partir das conversas são identificadas as principais demandas e anseios manifestados por pessoas de diferentes grupos sociais e busca-se, então, realizar comparações e análises, para chegar às questões chave que influenciam a dinâmica urbana e as relações na região e que deveriam ser abordadas pelo planejamento.

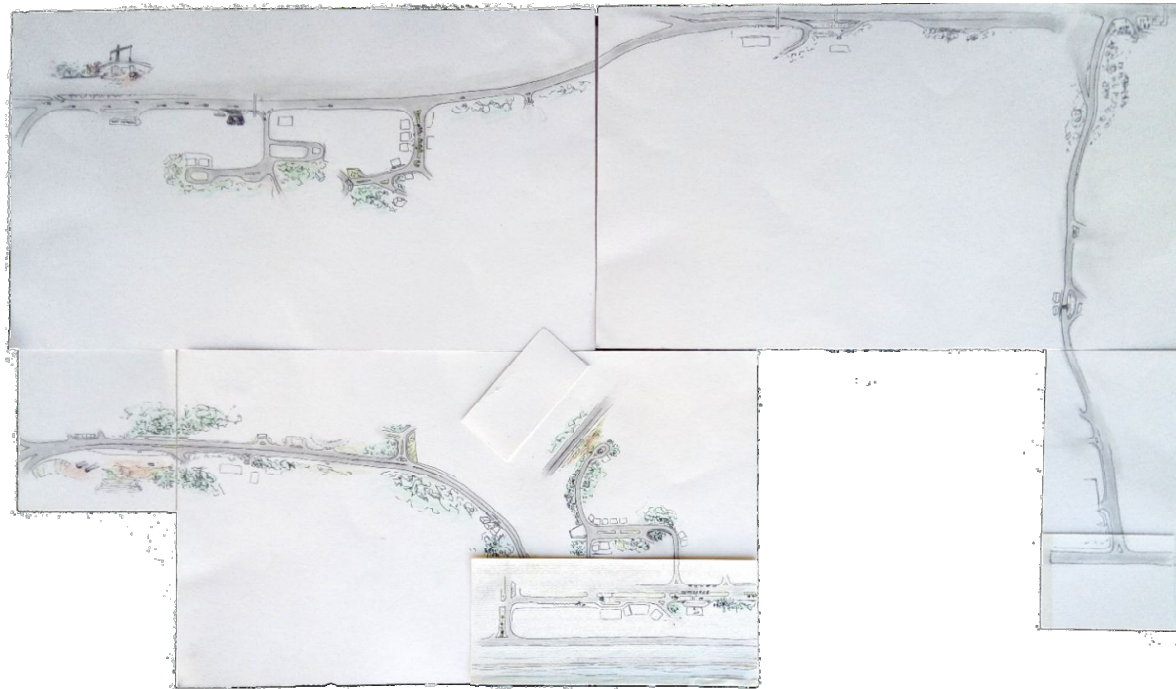
Partindo dessas questões procura-se identificar qual é o cenário atual e analisar, de maneira crítica, de que forma o planejamento, através dos instrumentos do PDDU e da LOUOS, está abordando esses pontos considerados importantes. Em seguida é apresentada uma proposta alternativa, sugerindo alterações que utilizam os próprios mecanismos previstos nos instrumentos em questão, assim como questionando alguns desses mecanismos. Por fim busca-se apresentar uma síntese de como essas estratégias poderiam ser aplicadas para estruturar o desenvolvimento urbano na região e demonstrar o seu possível rebatimento na realidade local e na vivência das pessoas.



## 4. Apreensão e entendimento

## 4.1 PERCURSO DE (RE)CONHECIMENTO

No início do trabalho foi realizado um percurso de (re)conhecimento a partir do qual, aliado à vivência enquanto morador, começa o processo de apreensão da área e de onde surgem algumas questões que vão guiar o desenvolvimento do trabalho. Ao final identifica-se que a maioria das questões que chamaram a atenção estavam relacionadas a três temáticas, que tornam-se eixos que orientam as análises e a abordagem do trabalho.



PERCURSO REALIZADO DE BICICLETA



## REFLEXÕES

### Natureza:

- A presença da natureza é muito forte na paisagem, mas nota-se que ela está inegavelmente sujeita às atividades humanas e inserida na lógica da cidade.
- Existe uma busca e valorização da natureza, mas a partir de interesses diferentes. Algumas casas isoladas parecem buscar uma “imersão” na natureza, outros empreendimentos parecem utilizar a natureza para transmitir uma imagem, mas não tem uma interação mais próxima com o lugar e a vegetação.
- Em ambos os casos parece haver uma relação estética com a natureza, em que ela conforma o entorno e a imagem do que é morar ali.
- Que outras formas de se relacionar com a natureza existem e estão presentes na região?

### Formas de Ocupação:

- É possível notar diferentes formas de ocupação na área, que representam formas diferentes de se relacionar com o espaço e a cidade. Em Patamares a ocupação mais antiga é de casas individuais na rua e as mais novas são de empreendimentos imobiliários de edifícios verticais.
- O Bairro da Paz caracteriza uma forma de ocupação bem diferente das duas outras anteriores e as pessoas e as construções tem um outra lógica de apropriação do espaço e relação com a cidade.
- A região está crescendo rapidamente e muitas obras estão acontecendo no entorno. O futuro dessa região vai depender de quais são as lógicas e formas de relação com o espaço advindas desse novo processo de urbanização.
- Novas obras de infraestrutura e aumento da urbanização estão transformando a região como um todo. Depois da duplicação da Orlando Gomes porém a avenida está bem iluminada, mas uma área onde as pessoas jogam futebol não tem nenhuma iluminação e ainda assim estavam jogando.

### Mobilidade:

- Apesar da aparência de uma ocupação “rarefeita” na região de Patamares, com as atividades acontecendo em pontos isolados, as casas e condomínios são bem estruturados e existem colégios que atendem pessoas de toda a cidade.
- A localização parece ser uma escolha e o “isolamento” é possível através da utilização do carro particular para locomoção. Apesar disso esses locais necessitam do serviço de pessoas que geralmente não se deslocam de carro, e não há uma preocupação em preparar o espaço para essa locomoção, como se pode ver na precariedade dos acessos de pedestre.
- Ciclovia para na entrada do Bairro da Paz e não há integração entre a Orlando Gomes recém duplicada e uma área adjacente utilizada pelos moradores como área de lazer.

### Questões fundamentais:

A região ainda tem áreas com natureza preservada e apresenta diferentes formas ocupação e apropriação do espaço e de se relacionar com a cidade. Com o crescimento e a urbanização acelerada reforçam-se os questionamentos:

- **Como essa região veio a ser o que é hoje?**
- **Como o crescimento poderá afetar essa região no futuro?**

## 4.2.1 DESENVOLVIMENTO DE SALVADOR

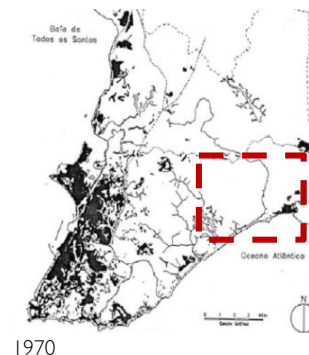
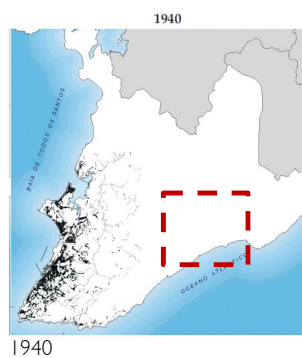
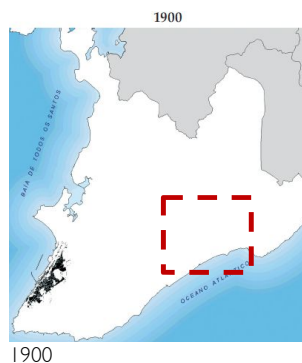
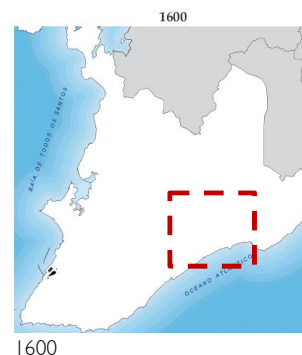
Para entender como se deu o desenvolvimento de Salvador e qual é o contexto em que se insere o processo atual, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a fim de identificar momentos chave e as escolhas e necessidades que contribuíram para as situações observadas.

**1549 – 1889 - Cidade Colonial:** Fundada como cidade fortaleza e capital da colônia portuguesa até 1763, Salvador foi um ponto estratégico da economia colonial, baseada na escravidão dos negros e indígenas pelos brancos. Assim a cidade de Salvador e a sociedade brasileira e local já nascem racializadas e desiguais.

**1850 - Lei das Terras:** Com a aproximação do fim da escravidão é promulgada uma lei que estabelecia como única forma de aquisição de terras a compra, dificultando o acesso dos ex-escravizados a um bem que poderia lhes garantir maior autonomia no futuro.

**Transição Sec. XIX - XX - Intervenções Modernizadoras:** São realizadas intervenções na tentativa de transformar Salvador em uma metrópole moderna, buscando, a partir de uma visão higienista, o embelezamento de espaços públicos, controle de doenças e alargamento de vias. A modernização da cidade estava ligada à tentativa de “modernização” dos costumes, ambas inspiradas na Europa, e vinculadas a ideologias eugenistas. Assim as intervenções promoveram a destruição de cortiços e outras formas de moradia adotadas pela população pobre e negra nas áreas centrais e eram acompanhadas pelo combate a manifestações de origem africana como o samba, a capoeira e o candomblé, consideradas “maus costumes”.

**Terreiros de Candomblé e bairros negros:** Desde antes abolição, a população negra tinha formas próprias de ocupar o território, a partir de diferentes vínculos de profissão, etnia, parentesco, entre outros, e os terreiros de candomblé constituíram importantes núcleos de congregação e povoamento, muitos loca-



lizados na periferia da cidade. Com a expulsão de grande parte da população negra do centro, muitas pessoas migraram para áreas onde teriam maior liberdade, constituindo novos núcleos e reforçando os existentes e assim dando origem a bairros como, por exemplo, o Engenho Velho da Federação.

**1935 - Semana do Urbanismo:** Marca um novo momento, onde se defende o papel do urbanismo e da técnica no planejamento global da cidade, sendo reforçadas as necessidades da presença de luz, ar puro, fluidez do trânsito e embelezamento estético. Devido à gravidade da tuberculose na época, o sonho de modernidade da elite alinhavam-se a um discurso de preocupação com as condições de vida dos pobres, carregado, porém de uma forte intenção de controle. Procurava-se demonstrar como surgiam as “cidades erradas”, “retrógradas e sem higiene”, enquanto eram defendidas as ideias de uma “cidade certa”, “civilizada” e “higiénica”.

**1943 - EPUCS (Escritório do Plano Urbano da Cidade de Salvador):** Trabalhou na elaboração de um plano a partir de um urbanismo científico, tentando entender e planejar a cidade de forma integral e a longo prazo. O plano busca compatibilizar o conhecimento de diversas áreas em uma proposta contextualizada para a realidade de Salvador e propunha soluções integradas para o sistema viário, paisagem e zoneamento. Este plano é representativo do seu momento e tinha forte caráter ordenador do espaço e do desenvolvimento da cidade, mas não chega a ser terminado e nem divulgado. Das propostas apresentadas pelo plano são implementadas apenas as avenidas de vale, que terminaram por causar a remoção de diversas comunidades pobres das áreas em que habitavam.

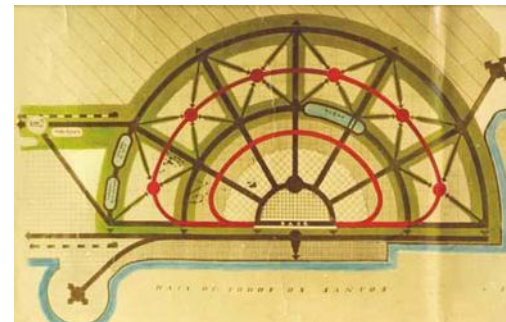
**1946 – Invasão do Corta Braço:** Durante a década de 40 Salvador passa a receber um grande número de pessoas vindas do interior e que não tendo lugar na cidade moderna idealizada, buscam se inserir da maneira que lhes era possível. Acontece assim a primeira grande ocupação coletiva de terras, conhecida como invasão do Corta Braço, onde hoje é o bairro de Pero Vaz. A partir daí esse fenômeno se multiplica, tornando-se o modelo viável de aquisição de moradia e inserção na cidade para grande parte da população.



“CIDADE ERRADA”



“CIDADE CERTA”



Esquema do EPUCS para Salvador



Roda de capoeira no Corta Braço. 1948

**Décadas de 50 a 70 - Período de industrialização:** Com a descoberta de petróleo na baía de Todos os Santos e a criação da Petrobrás em 1953, inicia-se um período de industrialização e com a criação do CIA (Centro Industrial de Aratu), em 1966, tem início um ciclo de planejamento desenvolvimentista, condizente com a ideologia do governo militar. Esse é um período de crescimento econômico, mas também de grande concentração de riquezas e aumento das desigualdades.

**1968 - Lei da Reforma Urbana:** A Lei n. 2.181, conhecida como a Lei da Reforma Urbana substituiu o regime de enfiteuse e permitiu a livre comercialização da terra no mercado. Com o objetivo de combater o “latifúndio improdutivo”, esse processo acabou por representar, também, a transferência a baixo custo de cerca de 10% da área da cidade para a iniciativa privada, passando o estado a promover a valorização daquelas mesmas propriedades.

**1969 - Construção da Paralela:** A construção da Avenida Luis Viana Filho (Avenida Paralela) estabelece um novo eixo para o crescimento da cidade e é uma opção por parte do governo sobre quais seriam os rumos do desenvolvimento, passando a induzir a ocupação dos seus arredores com a implantação de diversos órgãos públicos na região. Ao invés de emitir um decreto expropriatório, considerando o valor das terras nuas, o Governo escolhe obter a autorização dos proprietários mediante o pagamento de indenizações que já consideram o valor das benfeitorias e da valorização com a obra. O traçado retilíneo gera maiores custos e grandes impactos ambientais, com o desmatamento de 1 milhão e 400 mil metros quadrados de Mata Atlântica e são necessários cortes de terreno de até 40 metros. Essa abordagem, condizente com a ética e a estética da ideologia do progresso, contribuiu também, com recursos públicos, para a adequação da região aos projetos do mercado imobiliário.

**1964 a 1986 - Política Habitacional:** Durante esse período, de grande crescimento demográfico, a política habitacional era centralizada no financiamento pelo BNH (Banco Nacional da Habitação) e executada através do INOCOOP (Instituto Nacional de apoio às Cooperativas habitacionais), que trabalhava principalmente com uma faixa de renda entre 5 e 12 salários mínimos, e da URBIS, voltada para uma faixa de 3 a 5 salários mínimos, responsável pela construção de grandes conjuntos habitacionais ao longo da Paralela, como Narandiba, Ca-



Construção da Av. Paralela

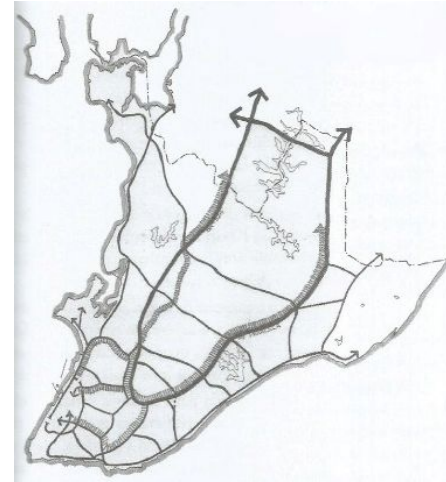


Conjunto habitacional da URBIS em Salvador



jazeiras e Mussurunga. A nível nacional durante a vigência desse sistema, apenas cerca de 6,3% dos recursos foram destinados para famílias com faixa de renda abaixo de 3,5 salários mínimos que representavam 52% do total, enquanto a faixa de renda que recebeu maior volume de recursos, 23,2% foi a de 11 até 16,5 salários mínimos, que representaram 7% do total das famílias. Assim justamente as famílias que mais precisariam de auxílio praticamente não foram contempladas por essas políticas.

**Plandurb:** O Plandurb se apresenta como uma tentativa de retomada de um planejamento global da cidade e tem como algumas das suas principais características: Entendimento sistêmico da estrutura urbana e integração a um sistema regional; introduz a preocupação com as áreas de valor ambiental, associadas a conceitos de imagem da cidade; dá ênfase ao transporte de massa e estabelece núcleos de concentração de serviços; cria as Áreas de Proteção Socioecológica, precursoras das ZEIS, visando consolidar as áreas de ocupação informal. O Plandurb cria ainda os instrumentos da Lei do Processo de Planejamento e Participação Comunitária, Lei do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) e Lei de Ordenamento do Uso e Ocupação do Solo (LOUOS). Ainda que muitas das suas indicações nunca tenham sido seguidas, o Plandurb foi de grande importância para definir as bases do planejamento urbano a partir daquele momento.



Proposta para o Sistema Viário e transportes do Plandurb

## 4.2.2 DUAS TRAJETÓRIAS DISTINTAS

Através da retrospectiva apresentada, foi possível entender alguns dos fatores que condicionaram a produção da cidade e conduziram até a ocupação da região estudada. Foi possível perceber como os interesses e relações sociais que guiaram o processo de planejamento influenciaram na possibilidade de inserção de diferentes grupos, sendo identificadas duas trajetórias distintas que conformaram as duas formas de habitar a cidade consideradas mais representativas na região.

### Condomínios Fechados: Segurança e Qualidade de Vida

Os atuais condomínios começam a surgir em meados da década de 70 e início de 80, não como condomínios fechados mas como loteamentos privados (Colina B I, Parque Costa Verde e Águas do Jaguaribe) e conjuntos habitacionais de casas individuais financiados pelo INOCOOP (Jardim Plakaford, Jardim Piatã, Jardim Gantois e Aldeia Jaguaribe). Esses empreendimentos, em áreas afastadas do centro, atenderam a setores da classe média, principalmente funcionários de uma mesma empresa ou profissionais de uma mesma categoria, que buscavam um estilo de vida tranquilo e próximo à natureza, associado à vida no interior, com liberdade para as crianças e maior proximidade entre os vizinhos. A partir da década de 90, há o agravamento de problemas econômicos e sociais, uma retração do estado e fortalecimento do mercado imobiliário enquanto agente produtor da cidade. Nesse contexto ganha destaque o conceito de condomínio fechado, vendido como solução para os problemas da violência crescente e da diminuição da qualidade de vida nas cidades. Apesar de não serem concebidos e aprovados como condomínios fechados esses conjuntos tinham características semelhantes àquele modelo e em decorrência de episódios onde a violência da cidade se fez presente no seu cotidiano, começam a adotar medidas de aumento da segurança privada e buscam estratégias para viabilizar o seu “fechamento”. Com o aumento da ocupação da Orla Atlântica, esses conjuntos se valorizam e passam a atrair moradores mais abastados. Essa

mudança contribui para a consolidação do novo conceito, calcado nas ideias de segurança e conforto, que se torna um dos principais modelos de empreendimento imobiliário habitacional na cidade. Com o passar do tempo as medidas de segurança se exacerbam, com uma vigilância e controle cada vez maiores, e passam a ser artigo de marketing, assim como a natureza enquanto elemento de composição do cenário de tranquilidade e qualidade de vida.



Tipologia original do INOCOOP

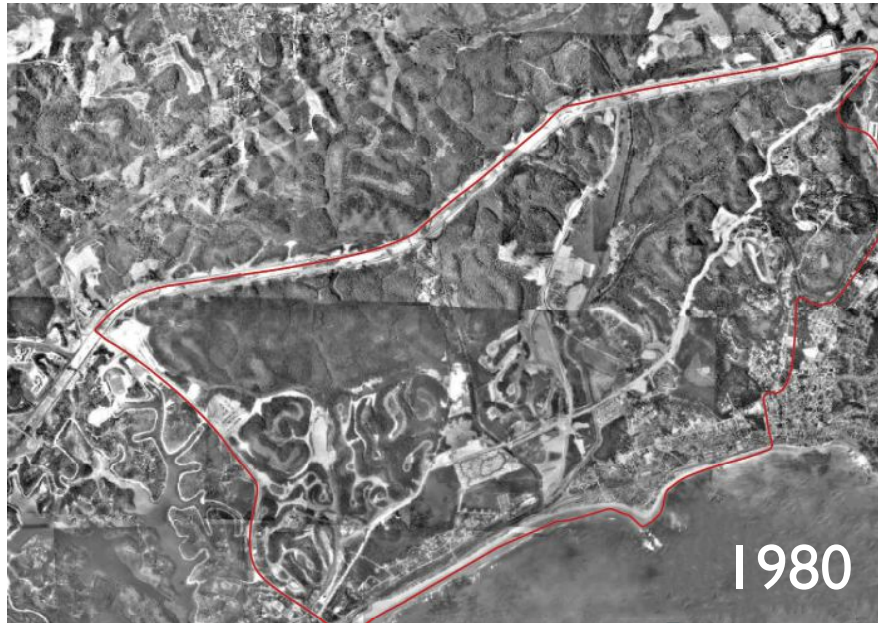
## Bairro da Paz: Ocupação e Resistência

No contexto de expansão da cidade ao longo da Paralela, crescimento do déficit habitacional e ausência de políticas públicas voltadas para a população de renda baixa ou sem renda fixa, acontece em 1982 a ocupação popular das terras onde hoje está localizado o Bairro da Paz, para fins de moradia. Essa ocupação, por uma população pobre e majoritariamente negra, acontece em terras da família Visco entre a Paralela e a Orla Atlântica, faixa mais valorizada pelo mercado imobiliário e onde já estavam sendo construídos alguns loteamentos privados e conjuntos habitacionais destinados a uma população de classe média e alta. A ocupação sofre violenta repressão, inicialmente por capangas contratados pelo proprietário e, logo em seguida, por parte do Estado através da polícia. Barracos eram sucessivamente quebrados e as pessoas agredidas, mas não foi possível expulsar os moradores. Os conflitos geraram grande repercussão na mídia e a ocupação passou a ser conhecida como Malvinas, devido à guerra que acontecia no mesmo período. Os moradores da ocupação organizaram manifestações e reivindicaram junto ao prefeito o direito de permanecerem na área e o cumprimento da lei n. 4132, de 1962, que dispunha sobre a desapropriação de terras sub-utilizadas para fins de habitação, mas não foram recebidos. Depois de diversas tentativas frustradas de expulsão e realocação dos moradores, o governo do estado assume, a partir de 1987, uma postura favorável à ocupação e inicia diálogos com a prefeitura a fim de viabilizar a sua permanência. Com o fim da repressão o bairro consegue aos poucos se estabelecer e a partir da década de 1990 são feitas as primeiras obras de infraestrutura. Através de campanhas feitas por organizações locais a antiga “Invasão das Malvinas” passa a se chamar “Bairro da Paz”.



Invasão das Malvinas, hoje Bairro da Paz.

### 4.2.3 EVOLUÇÃO ESPACIAL DA REGIÃO



## TIPOLOGIAS HABITACIONAIS ATUAIS NA REGIÃO



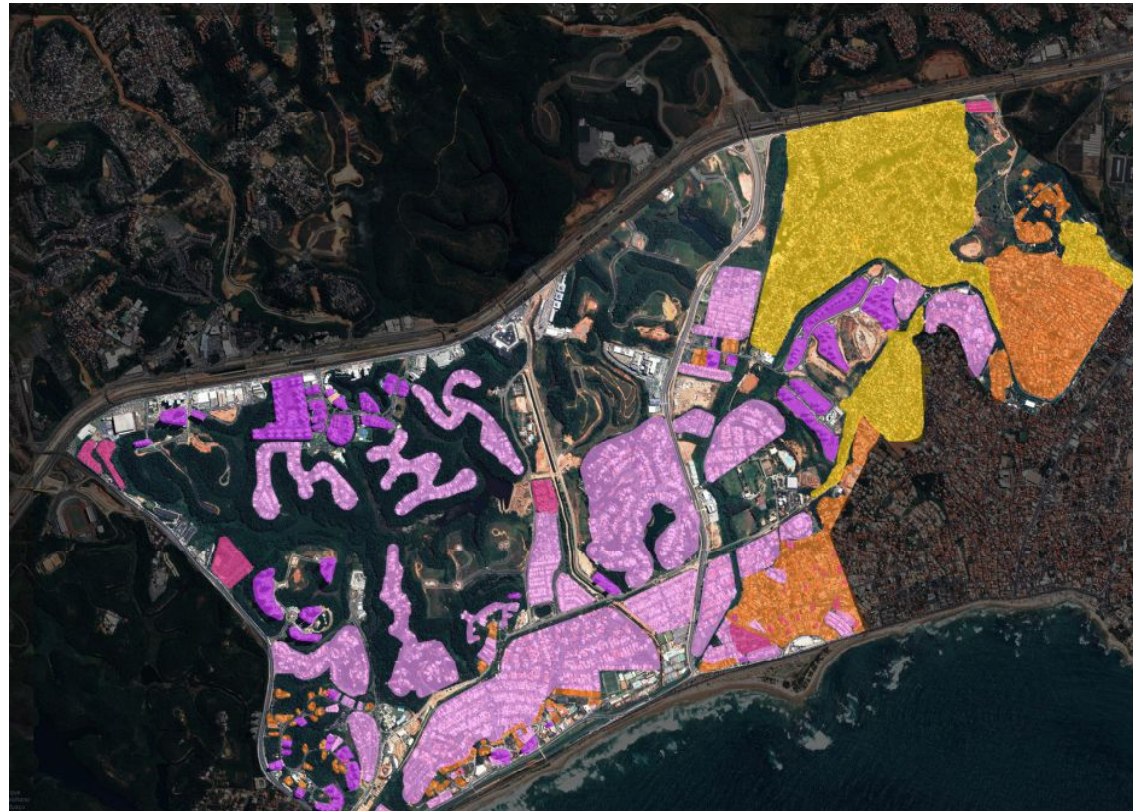
**Conjuntos de Prédios baixos**



**Condomínios fechados hotizontais**



**Casas individuais na rua**



**Ocupação informal**



**Prédios altos (+6 andares)**

### 4.3 INFORMAÇÕES SOCIODEMOGRÁFICAS

Para enriquecer a compreensão sobre as características atuais da população na região é feita a leitura de algumas informações sociodemográficas, que permitem perceber uma grande disparidade social e econômica, características da sociedade sotropolitana e que se expressam também no espaço urbano. Em consonância com os padrões observados ao longo da formação da cidade, pode-se perceber que a espacialização da sociedade não está desvinculada de critérios raciais\*, e como os privilégios se sobrepõem e estão associados a uma população majoritariamente branca, enquanto as condições mais desfavoráveis estão associadas a uma população majoritariamente negra.

Em uma cidade onde 75,2% da população é negra (IBGE, Censo 2000), observa-se uma concentração e uma maioria de brancos nos bairros de Piatã e Patamares, que têm os índices mais favoráveis de renda e tipologia sócio-espacial\*. Pode-se observar nesses bairros uma prevalência do modelo de condomínios fechados, apresentando, também densidades mais baixas. Por outro lado, os bairros que tem a maior porcentagem de pessoas negras são o Bairro da Paz e o Alto do Coqueirinho, oriundos da ocupação informal, e que apresentam as rendas médias mais baixas e densidades mais altas.

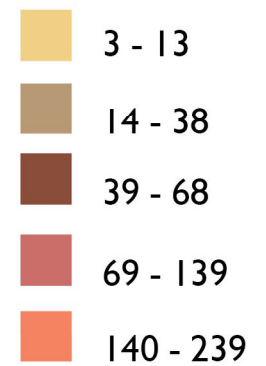
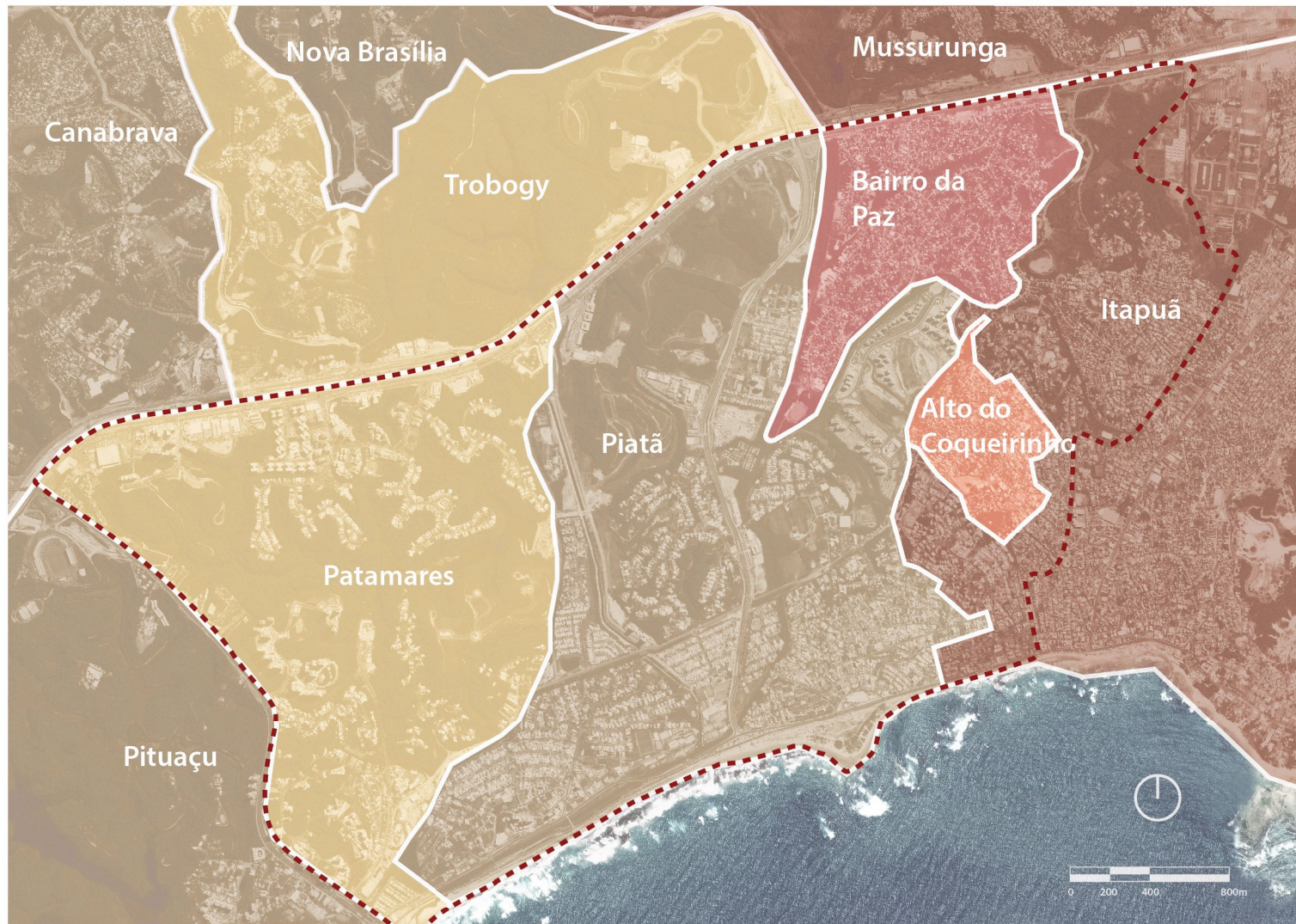
O dados apresentados refletem o momento atual de um processo de exclusão e privilégio que vem perpetuando a segregação através de decisões políticas que favorecem os mesmos grupos em detrimento de outros, atualizando assim as desigualdades e o status quo.

“Nas cidades brasileiras, que são herdeiras do colonialismo escravista, as hierarquias raciais tornam-se estruturantes das desigualdades sociais, assim as relações de dominação e exploração têm tido o racismo anti negro como principal mecanismo organizador dos padrões de ocupação urbana e de manutenção das desigualdades. As marcas dessa distinção social grafam, perceptivelmente, o espaço urbano brasileiro, sobretudo nas metrópoles.”

(BOAVENTURA, 2017, p.5)

A partir desse entendimento pode-se pensar o momento atual como mais um momento chave desse processo histórico, em que as escolhas e decisões tomadas poderão influenciar os rumos do desenvolvimento e contribuir para a definição da sociedade que teremos no futuro. Assim, busca-se compreender melhor como as questões observadas se apresentam no cotidiano, quais são as relações que os grupos estabelecem entre si e com a cidade e quais são os impactos que as medidas adotadas pelo planejamento poderão ter para esses grupos.

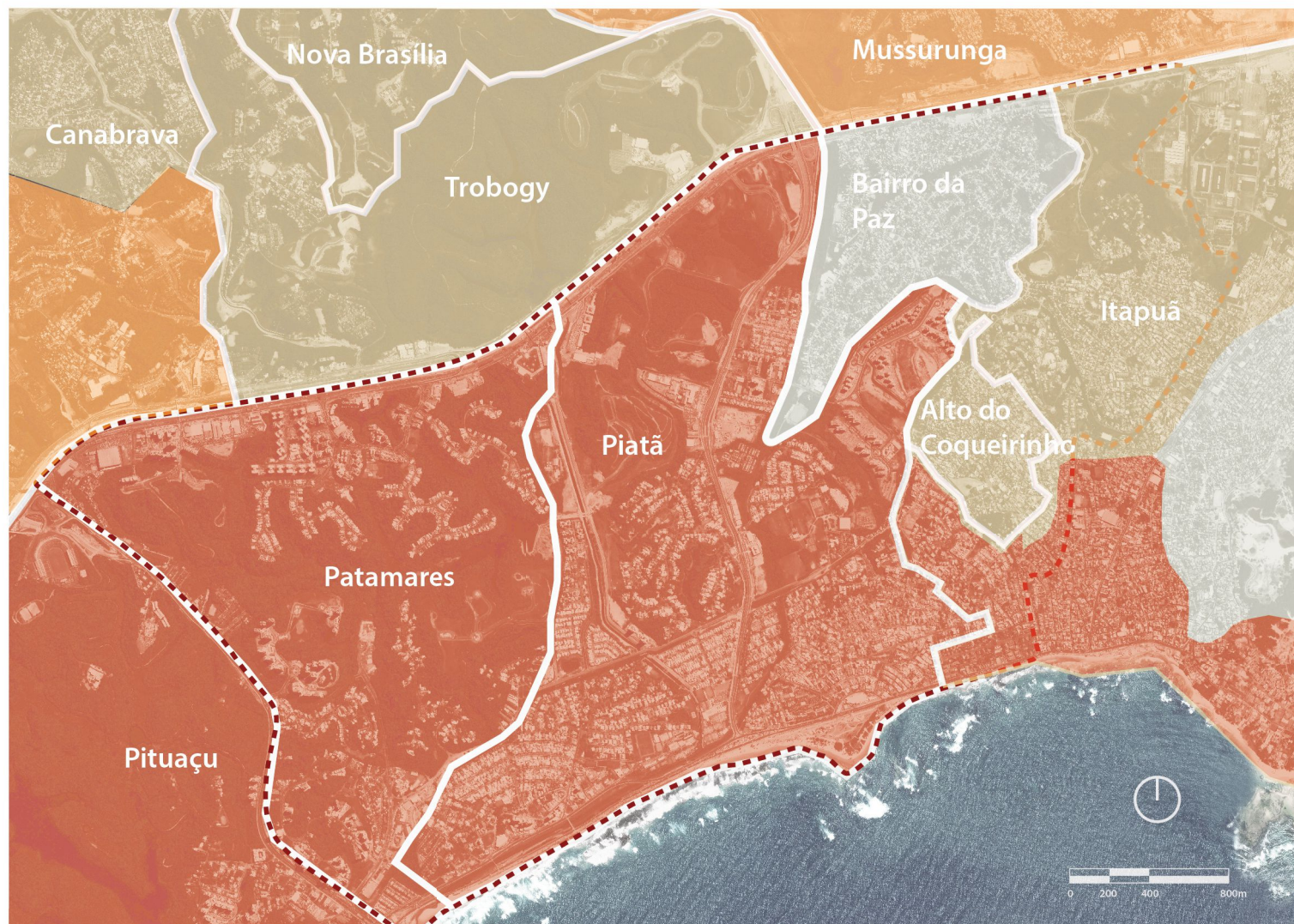
# Densidade Demográfica



----- Poligonal de estudo

Fonte: Santos et al., Caminho das Águas em Salvador, 2010.  
Google Maps, 2017. IBGE, 2010 apud CONDER/INFORMS/SEDIG, 2014.  
Elaboração: André O'Dwyer, 2018.

# Tipologia Sócio-Espacial

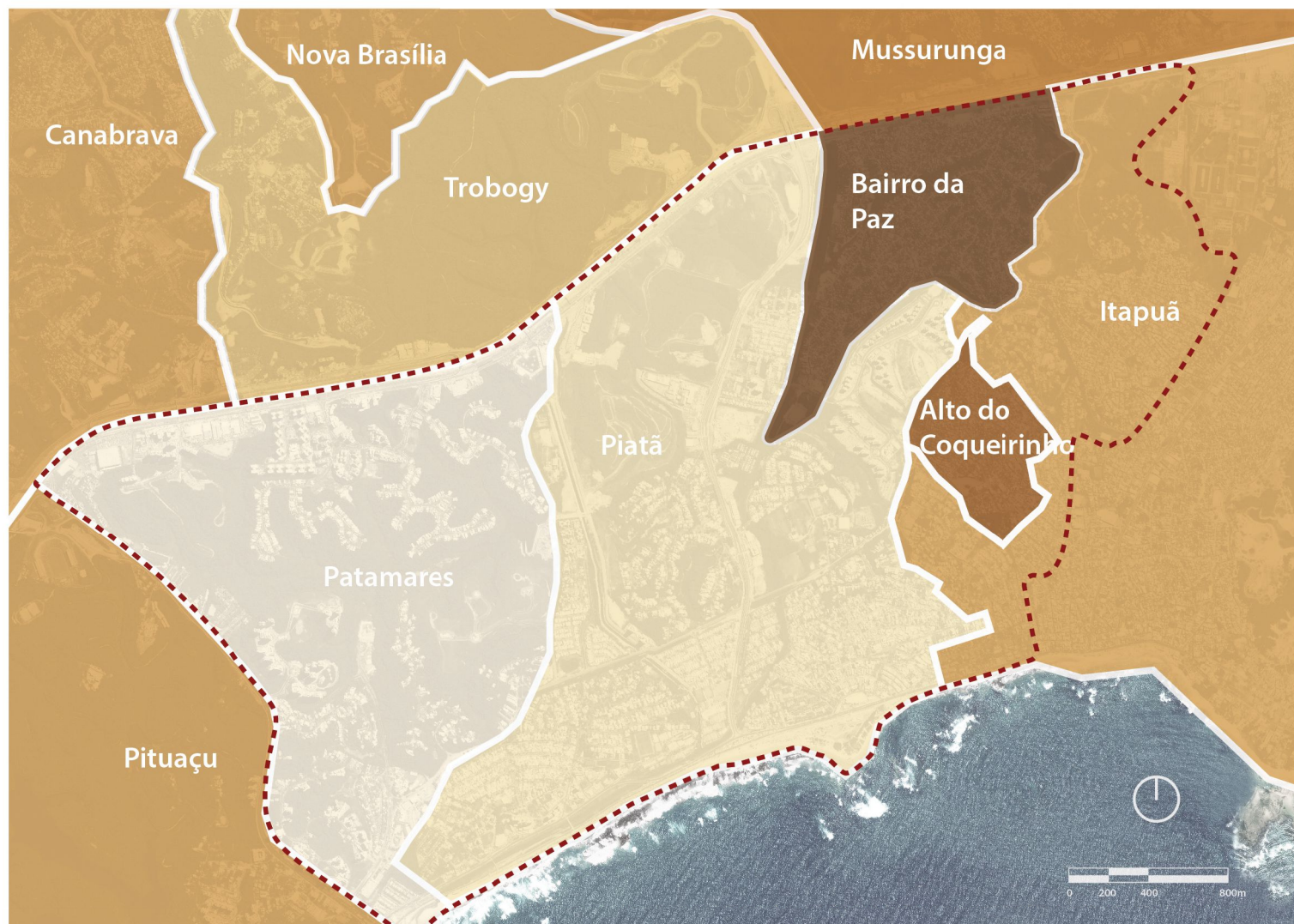


----- Poligonal de estudo

Fonte: Santos et al., Caminho das Águas em Salvador, 2010.  
Google Maps, 2017. IBGE, 2010 apud CONDER/INFORMS/SEDIG, 2014.  
Elaboração: André O'Dwyer, 2018.



# Composição Racial



**PERCENTUAL DA POPULAÇÃO TOTAL RESIDENTE POR COR/RAÇA SEGUNDO OS BAIRROS DO MUNICÍPIO DE SALVADOR - 2010**

BAIRRO	POPULAÇÃO SEGUNDO COR/RAÇA %		
	BRANCA	PRETA	PARDA
PATAMARES	51,84	8,92	38,00
PIATÃ	47,42	10,63	40,86
TROBOGY	26,59	20,26	51,72
PITUAÇU	21,09	28,47	48,94
NOVA BRASÍLIA	12,87	30,99	54,43
ITAPUÃ	20,65	27,25	50,72
MUSSURUNGA	15,81	27,39	54,66
ALTO DO COQUEIRINHO	13,77	34,10	50,30
BAIRRO DA PAZ	9,67	36,98	51,57

----- Poligonal de estudo

Fonte: Santos et al., Caminho das Águas em Salvador, 2010.  
 Google Maps, 2017. IBGE, 2010 apud CONDER/INFORMS/SEDIG, 2014.  
 Elaboração: André O'Dwyer, 2018.

## Rendimento dos chefes das famílias por bairro



----- Poligonal de estudo

Fonte: Santos et al., Caminho das Águas em Salvador, 2010.  
Google Maps, 2017. IBGE, 2010 apud CONDER/INFORMS/SEDIG, 2014.  
Elaboração: André O'Dwyer, 2018.

CONVERSAS  
COM GRUPOS LOCAIS

## 4.4 CONVERSAS

Para entender melhor como a região é vivida pelas pessoas, quais são as relações que estão presentes e quais são as questões consideradas importantes para o planejamento, foram realizadas conversas com moradores e membros de alguns grupos locais.

Para as conversas com moradores escolheu-se focar nas duas formas de habitação consideradas mais representativas do entorno mais próximo da Orlando Gomes e das questões abordadas no trabalho, os Condomínios Fechados e o Bairro da Paz. Assim buscou-se entender como é a relação das pessoas com o seu local de moradia, o entorno e a cidade, o que consideram positivo e negativo, se notam mudanças e o que esperam para futuro. Pela trajetória de luta e organização do Bairro da Paz foi realizada também uma conversa com uma líder comunitário, para entender como tem sido o processo de resistência e quais são os desafios que ainda precisam ser enfrentados.

Além das relações cotidianas na região, procurou-se também compreender mais especificamente como tem se dado a relação entre a cidade e a natureza. Para isso buscou-se compreender a visão de dois grupos de referência na região, com formas diferentes de entender e se relacionar com essa questão, sendo também representativos de trajetórias distintas dentro da sociedade brasileira, o terreiro de Candomblé Ilê Asipá e o movimento ambientalista SOS Vale Encantado.

O movimento SOS Vale Encantado, é formado significativamente, mas não apenas, por moradores de condomínios da região e pessoas ligadas às ciências biológicas, e vem se destacando no debate público acerca das questões ambientais, a partir de um paradigma científico e ocidental.

O Candomblé tem uma forte presença na região, com 40 terreiros identificados pelo mapeamento do CEAO, sendo uma forma de organização tradicional de matriz africana, que tem propiciado uma unidade e autonomia a muitas

comunidades negras na cidade. O terreiro Ilê Asipá foi escolhido por estar localizado entre o Bairro da Paz e Piatã, próximo à avenida Orlando Gomes e por ser uma referência em Salvador e no Brasil, reconhecido como patrimônio cultural e paisagístico.



- Entrevista terreiro de Candomblé
- Entrevista movimento ambientalista
- Bairro da Paz
- Condomínios

(Os números indicam quantas entrevistas foram realizadas)

#### 4.4.1 CONDOMÍNIOS FECHADOS

Foram realizadas conversas com sete moradores de condomínios fechados da região:

**Maurício:** Tem 61 anos e mora no condomínio Águas do Jaguaribe a 21 anos. É médico e psicanalista e trabalha em casa e no Vale do Canela. Identifica-se como branco.

**Fabiana:** Tem 60 anos e mora no condomínio Parque Costa Verde a 15 anos. É médica e trabalha na Pituba e em Lauro de Freitas. Identifica-se como branca.  
**Silvia:** Tem 50 anos e mora no condomínio Vila dos Ipês a 9 anos. É funcionária da Câmara de Vereadores. Identifica-se como branca.

**Adriane:** Tem 22 anos e mora no condomínio Veredas do Sol a 19 anos. Estuda Administração na UFBA. Identifica-se como branca.

**Ananda:** Tem 21 anos e mora no condomínio Parque Costa Verde a mais de 10 anos. Estuda Direito na UFBA. Identifica-se como branca.

**Mizael:** Tem 22 anos e mora no condomínio Solaris a 10 anos. Estuda Direito na UFBA. Identifica-se como branco.

**Daniel:** Tem 19 anos e mora no condomínio Solaris a 10 anos. É estudante do SENAI. Identifica-se como branco.



Vista do condomínio Parque Costa Verde

#### As principais questões e respostas foram:

Para a escolha do local aparece principalmente o desejo de morar em casa, ou em uma casa maior e consideram que o condomínio fechado oferece uma segurança que atualmente não encontram em uma casa na rua. É comum também a busca por uma paisagem natural e a sensação de viver junto à natureza, podendo ao mesmo tempo usufruir dos serviços que a cidade oferece.

*“Primeiro voltar a morar em casa, que eu nasci morando em casa, ali na Graça. Ai eu fui a Brasília, me casei e passei a morar em apartamentos (...) e tinha vontade de voltar, experimentar como era morar em casa, mas queria morar em casa em condomínio, porque achava que morar em casa na rua, já naquela época, era uma coisa muito agressiva, muito arriscada em termos de segurança.”*

Maurício

*“Pra mim a ideia de viver aqui é porque era uma região urbana em que eu tinha uma qualidade de vida, aqui dentro desse condomínio né? E ao redor eu tinha uma mata que eu me sentia privilegiada, no sentido de tá dentro de uma área urbana com preservação do verde né?”*

Fabiana

As atividades que realizam dentro do bairro são principalmente ir ao supermercado, academia e para lazer principalmente ir a restaurantes ou lanchonetes. Mencionou-se muito encontrar com amigos e as pessoas costumam frequentar a casa ou condomínio umas das outras. Apesar dessas atividades foi comum a queixa sobre a falta de opções.

*“Aqui não tem muita coisa. Tem farmácia, supermercado, mas é mais em Jaguaribe. Jaguaribe tem mais coisas. E eu vou lanchar, encontro minhas amigas, tomo açaí, ou em alguma hamburgueria agora. O Vilarejo (centro comercial em Jaguaribe) é bem típico. E vou nos condomínios também, tem o baba (futebol) e tal.*

Ananda

As atividades fora do bairro se sobressaem e aparece principalmente o trabalho ou estudo, seguidos por compras, serviços, festas, idas a restaurantes e cinema. Os bairros que costumam frequentar incluem o Rio Vermelho, Graça, Barra, Canela, Itaigara e Vilas do Atlântico e se deslocam quase exclusivamente através do carro individual.

Para a pergunta “Como é morar aqui?” todos responderam que gostam e se referem como tranquilo. Às vezes é mencionada a distância e a falta de serviços. A fala do morador Daniel do condomínio Solaris exemplifica essa sensação:

*“Morar aqui, tipo, é bom sacou? Porque esse lugar, quer dizer, no meu condomínio, onde eu moro é um lugar que é seguro. Já teve algumas coisas mas a gente sabe que segurança, por mais que seja seguro não vai ser isento de qualquer coisa. É seguro, é tranquilo... apesar de ser entediante... tipo, por um lado ruim é entediante tá ligado? Porque às vezes você tá em casa sem nada pra fazer e você não tem o que fazer mesmo por aqui. É bom pra ficar em casa.”*

Daniel

Quanto ao que mais gostam o principal é a tranquilidade, associada à segurança e a proximidade da Natureza.

*“Viver ainda numa casa num lote grande, dentro de um condomínio fechado, de segurança né? E era arroteado de verde.”*

Fabiana

Quanto ao que menos gostam aparece a distância, a necessidade de usar o carro, a falta de serviços e opções de lazer e as muriçocas.

*Aqui um ponto negativo muito forte é a distância dos lugares, como eu falei né, aqui não tem muita coisa perto. O ‘centro’ assim mais perto daqui é o Shopping Paralela, que é logo ali. Porque dá pra você ir em 10 minutos e aí você pode ir. Se precisar de alguma coisa do mercado tem o Hiperideal na Orla também que quebra um galho, só que não tem um cento cultural, não tem essas coisas aqui. E você vai ver que aqui é muito distante de tudo (...) E um outro ponto negativo que qualquer vizinho se você perguntar vai dizer é muriçoca.”*

Mizael

Quanto à percepção sobre os bairros da região, Piatã, Patamares e Jaguaribe são sempre mencionados e não são percebidas grandes diferenças entre eles, sendo considerados parte da mesma realidade. Itapuã é entendido como um bairro fora da região e é sempre mencionado como uma centralidade que oferece alguns serviços e onde são realizadas algumas compras. O Bairro da Paz

aparece espontaneamente apenas uma vez, porém quando perguntado ele é visto como pertencente a outra realidade. É comum a resposta de que alguns trabalhadores do local moram no Bairro da Paz e também são mencionadas compras no bairro. Em geral surge também uma possível associação com a violência.

*“Aqui tem várias pessoas que trabalham aqui geralmente e moram lá no Bairro da Paz, então você vai ver que eles vão pegar geralmente ônibus, enfim. Tem gente que usa o Bairro da Paz pra comprar coisas, lá tem salão de beleza, lá tem mercado, loja de material de construção, basicamente isso. E aqui já teve assalto também, mas a gente nunca sabe se foi culpa de lá ou não.”*

Mizael

Sobre as mudanças na região foi notado principalmente o crescimento da urbanização e do desmatamento pela construção de novos empreendimentos e a duplicação da Orlando Gomes. O aumento do desmatamento é visto de maneira negativa tanto por questões ecológicas quanto paisagísticas e considera-se que os novos prédios descaracterizam a paisagem. A reforma da Orlando Gomes, no entanto, é vista de forma positiva, pois facilitou o acesso. Sobre o que gostariam que mudasse é unânime o aumento dos serviços, comércio e lazer, o que consideram que já vem começando a acontecer e é um ponto positivo do aumento da ocupação da área. Sobre o que não gostariam que mudasse todos mencionaram a tranquilidade.

*“Tão construindo prédios, edifícios altos né? Acho que muito altos. [...] Acho que tanto esteticamente né, fica aqueles edifícios altos, eu acho que perde o encanto assim de uma orla, como até mesmo a questão de sombreamento na praia, apesar de que eles já fizeram estudos que não, que tem uma região que pode. Mas eu acho que até esteticamente não fica legal e acaba também superpovoando*

*né? Essa região. [...] Eu acho que é importante crescer, mas de forma mais organizada. Eu acho que construção de... (risos) de condomínios e tudo eu acho que já tem bastante construções desse tipo né? Realmente isso é preocupante em relação ao desmatamento. E o que eu falei, apesar de ter alguns restaurantes, mas eu acho que poderia se trazer mais lazeres, mais lazer pra essa região.”*

Sílvia



Novos empreendimentos de prédios em Piatã.

#### 4.4.2 BAIRRO DA PAZ

Foram realizadas conversas com quatro moradores do Bairro da Paz:

**Emerson:** Tem 39 anos e mora no bairro a 9 anos. Trabalha como vigia em Jaguaribe e faz serviços como ajudante de pedreiro. Identifica-se como negro.

**Marli:** Tem 70 anos e mora no bairro a 30 anos. É artesã, dá aulas de artesanato e faz diversos trabalhos voluntários no bairro. Identifica-se como negra.

**Inês:** Tem 59 anos e mora no bairro a 2 anos. Não está trabalhando e ajuda a cuidar da casa e dos netos. Identifica-se como negra.

**Jorge:** Tem 44 anos e mora no bairro a mais de 30 anos. Não está trabalhando e atua como evangelista na igreja que frequenta. Identifica-se como negro.

As principais questões e respostas foram:

Para a escolha do local aparece a necessidade de moradia e o bairro como um suporte para o trabalho e a sobrevivência. Dois dos moradores chegaram ao bairro “no tempo da invasão” e dois mais recentemente.

*“Eu escolhi morar aqui porque não tinha nem ponte pra morar. Eu vim morar aqui a trancos e barrancos. Foi muito difícil, muito mesmo, não tinha telhado, não tinha parede, tudo era improvisado, plástico, papelão. Tudo isso aí, muito sufoco. Sem trabalho, que comia... Eu catava lixo pra sobreviver. Que o pai de meus filhos morreu cedo, me deixou com sete filhos, não deixou renda nenhuma e eu tinha que correr atrás.”*

Marli



Comércio no fim de linha do Bairro da Paz

*“Rapaz, termo de trabalho. Vim pra cá porque no interior não tem trabalho assim, aí vim pra aí, comecei a morar e gostei. Tô aí até hoje.”*

Emerson

A maioria das atividades é realizada dentro do próprio bairro, que é considerado completo e onde encontram quase tudo o que precisam. As atividades fora do bairro são raras e aparecem principalmente serviços de saúde como idas às UPAs de Itapuã e São Cristóvão, realização de algum exame ou compra específica, visita a parentes ou, como mencionado por muitos moradores, para ir ao banco ou a uma lotérica, algo de que sentem falta. Para Emerson aparece também o trabalho em Jaguaribe, mas segundo Marli, a maioria dos moradores trabalha no próprio bairro. O principais meios de locomoção mencionados foram o transporte público, bicicleta e moto próprias, moto-taxi e caminhadas.



*“Rapaz se eu te falar uma verdade, tu me pegou agora. Porque tem tempo que eu saio pra fazer alguma coisa fora. Médico. A não ser um médico que lá dentro não tem assim. Pra você fazer um exame, ou comprar uma peça de moto que às vezes tá em falta, mas... Pizzaria tem, mercado tem, só não tem é cinema (risos) [...] Hoje tem casa de moveis, tem quatro farmácias, já tá abrindo um lá perto de onde eu moro agora. E tudo que eu quiser, naturalmente, loja de roupa, loja de material de construção, loja pra vender bike, oficina... tem tudo meu irmão.”*

Emerson

Para a pergunta “Como é morar aqui?” todos responderam que gostam, e consideram o bairro tranquilo. É comum mencionarem que “não têm problemas com ninguém” e que não interferem na vida dos outros para não serem incomodados.

*“Eu me sinto feliz, né? Tranquilo. Que antigamente o bairro era muito agitado né e agora mudou bastante [...] Um bairro bom, aqui tem tudo né? Aqui tem tudo pra gente não precisar ir pra fora, se locomover. Dá pra resolver tudo aqui mesmo.”*

Jorge

*“Pra mim é bom, socialmente, não tenho rixa com ninguém. Eu me sinto bem onde eu moro, graças a Deus. Ninguém me mexe, eu não mexo com ninguém. Na minha condição que eu moro hoje pra mim é ótimo. Precisa mais de uma área de lazer pras crianças, mas é beleza velho.”*

Emerson

Para o que mais gostam no bairro são mencionadas a facilidade de encontrar aquilo que precisam, a vizinhança e a liberdade.

*“É tranquilo né? E o que tem de bom aqui é a vizinhança mesmo né?”*

Inês

*“O que eu gosto mais no bairro é a ousadia. A ousadia que eu quero dizer é assim, a liberdade. Porque aqui no Bairro da Paz nós temos liberdade, né? Nós temos Axé. Eu moro aqui a 30 anos, vai fazer 31 anos, criei meus filhos todos aqui e ninguém nunca mexeu comigo.”*

Marli

Sobre o que menos gostam aparece principalmente o serviço de saúde, as muriçocas e os moradores sentem falta de uma lotérica ou banco. O morador Emerson menciona o barulho em horários inadequados, que considera falta de respeito.

*“Sinceramente, a falta de respeito. Não é discriminando o bairro, mas você sabe, morar em invasão, você que não mora, é um pouco problemático. Ali é bom você morar em um lugar que tenha espaço e muitos lugares ali não tem, é uma casa por cima da outra. Ai é vizinho do lado, sete, seis horas da manhã tem gente batendo, tem gente cortando de makita, fazendo barulho. Então é um pouco complicado.”*

Emerson

Os bairros da região que foram mencionados são o Alto do Coqueirinho, I7, Itapuã, Mussurunga, Piatã e São Cristóvão e estes são os outros bairros onde mais costumam ir. Uma moradora costuma ir também à Boca do Rio visitar parentes, um vai à casa da sogra em Itapuã e outra visita a irmã na Santa Cruz. Não foi mencionado nenhum condomínio e quando perguntado todos responderam que não tinham o que falar a respeito.

Os moradores notam muitas mudanças que consideram positivas. Consideram que o bairro está muito melhor do que antigamente, mais bem estruturado e mais tranquilo. São observadas também mudanças no entorno com o aumento dos prédios e condomínios, a chegada do metrô e a ampliação das vias.

*“Por exemplo agora a mudança do bairro que mudou tudo né? Da Paralela, o Metrô, as pistas, as passarelas novas. Mudou tudo. E daqui pra lá tomara que venha mudando mais ainda né?”*

Jorge

*“Noto! A mudança quando eu vim praqui agora, nossa. Olha, melhorou 100% mesmo, melhorou bastante. Melhorou mercado, farmácia, melhorou tudo. O metrô que já tá ai na frente...”*

Marli

Sobre o que menos gostam aparece principalmente o serviço de saúde, as muriçocas e os moradores sentem falta de uma lotérica ou banco. O morador Emerson menciona o barulho em horários inadequados, que considera falta de respeito.

*“Sinceramente, a falta de respeito. Não é discriminando o bairro, mas você sabe, morar em invasão, você que não mora, é um pouco problemático. Ali é bom você morar em um lugar que tenha espaço e muitos lugares ali não tem, é uma casa por cima da outra. Ai é vizinho do lado, sete, seis horas da manhã tem gente batendo, tem gente cortando de makita, fazendo barulho. Então é um pouco complicado.”*

Emerson

Os bairros da região que foram mencionados são o Alto do Coqueirinho, 17, Itapuã, Mussurunga, Piatã e São Cristóvão e estes são os outros bairros onde mais costumam ir. Uma moradora costuma ir também à Boca do Rio visitar parentes, um vai à casa da sogra em Itapuã e outra visita a irmã na Santa Cruz. Não foi mencionado nenhum condomínio e quando perguntado todos responderam que não tinham o que falar a respeito.

Os moradores notam muitas mudanças que consideram positivas. Consideram que o bairro está muito melhor do que antigamente, mais bem estruturado e mais tranquilo. São observadas também mudanças no entorno com o aumento



Projeto no Centro Avançar

dos prédios e condomínios, a chegada do metrô e a ampliação das vias.

*“Por exemplo agora a mudança do bairro que mudou tudo né? Da Paralela, o Metrô, as pistas, as passarelas novas. Mudou tudo. E daqui pra lá tomara que venha mudando mais ainda né?”*

Jorge

*“Noto! A mudança quando eu vim praqui agora, nossa. Olha, melhorou 100% mesmo, melhorou bastante. Melhorou mercado, farmácia, melhorou tudo. O metrô que já tá ai na frente...”*

Marli

Para o que gostariam que mudasse aparecem questões de saúde, como o atendimento do posto e o cuidado com o saneamento e as muriçocas, construção de mais áreas de lazer e qualificação das existentes e a implantação de uma casa lotérica. A moradora Inês menciona também que gostaria de uma escola melhor e a moradora Marli acredita que a mobilidade dos ônibus dentro do bairro é prejudicada pelos carros que estacionam dos dois lados da pista.

*“O que devia melhorar bastante aqui é esse posto médico. Às vezes não tem curativo, é assim... devia ser 24 horas. São duas coisas que é a casa lotérica e esse posto ai. Olhe, e o que podia bem melhorar era o ônibus aqui, né? Porque, melhorar quer dizer, depois do metrô melhorou um pouquinho, mas a passagem do ônibus. Que o ônibus quando entra tem dificuldade de entrar, que o pessoal coloca carro de um lado, carro de outro, e ai fica difícil.”*

Marli

Houve alguma dificuldade em responder o que não gostariam que mudasse porque dizem que o bairro é bom mas mudanças para melhor são bem vindas.

*“Aqui é bom, é maravilhoso. Pra mim, mudar aqui eu acho que não deveria mudar nada, né? Porque tem aquela coisa que fala assim, a gente sabe o dia de hoje e não sabe o dia de amanhã né? Vai que hoje aqui tá assim, amanhã pode mudar alguma coisa e mudar alguma coisa pra pior, né? E a única coisa também, no caso, que eu quero dar opinião aqui é a saúde. Negócio de esgotamento, por exemplo, igual essas coisas mesmo, dessas bactérias e dessas muri-cocas né? Os órgãos públicos fazerem alguma coisa.”*

Jorge

Essa posição demonstra uma desconfiança dos moradores com relação aos impactos das possíveis mudanças na vida do bairro e nas conquistas alcançadas, revelando a relação conflituosa que vem sendo estabelecida pelos órgãos oficiais, como fica claro na fala do morador Emerson.



Área de charco no Bairro da Paz

*“O que a gente quer é que deixe a gente no lugar que a gente tá e melhore os bairros vei. Se tiver alguma mudança vamos ter, pra melhora sim, qualquer um aceita agora que respeite quem mora. Porque o problema é que o estado quando vem é tire sua casa e acabou, ou você sai ou o trator cai por cima e ai? Tem criança, tem gente que não tem condições, que não tem pra onde ir.(...)Que eles façam os barrancos que tem faltando. No fundo de onde eu moro mesmo tem umas casas em risco, tem muito barranco lá, ribanceira chamada que não foi feito. Você sabe que a gente fraco não tem condições, ou bem come ou bem faz as coisas.”*

Emerson

*O que eu gostaria que não mudasse nunca era o Bairro da Paz continuar como está e fazer mais uns beneficios pro Bairro da Paz.*

Marli

### 4.4.3 CONVERSA COM REPRESENTANTE COMUNITÁRIO DO BAIRRO DA PAZ

Para entender melhor como tem sido o processo de consolidação do Bairro da Paz e qual é a sua relação com outros grupos da região, o com o poder público e o mercado imobiliário, foram realizadas conversas com Antonio Carlos, representante comunitário reconhecido no bairro e membro do Conselho de Moradores, assim como alguns outros membros. Durante as conversas foram apresentadas diversas questões relevantes para o bairro.

**Organização e Resistência:** Desde a sua formação o bairro tem sofrido uma intensa pressão, tanto do poder público quanto da especulação imobiliária e está em constante luta pela permanência e por melhorias de infraestrutura e serviços. São relatados diversos casos de grilagem de terras por parte de empresas do setor imobiliário e de ameaças e difamações contra moradores e lideranças. Essas empresas tem grande influência no governo e sabe-se que existe o boicote a serviços, obras e programas que beneficiariam o bairro, com o objetivo de manter as más condições de vida e infraestrutura.

Para resistir a essas ameaças, de agentes muito mais poderosos, e conseguir aos poucos a garantia dos direitos dos moradores, têm sido necessária uma grande articulação e conscientização por parte dos mais engajados e assim o bairro possui muitas organizações políticas, culturais e sociais. Existe um Conselho de Moradores com eleições regulares e o Fórum Permanente de Entidades do Bairro da Paz, que congrega diversas organizações. Devido a essa trajetória os moradores tem um forte vínculo de identidade e pertencimento ao bairro, que tem uma vida própria.

**Relação com o entorno:** Existem articulações entre lideranças e organizações do Bairro da Paz e de outros bairros como o Alto do Coqueirinho e Mussurunga, para fins em comum, e já foram feitas articulações com alguns condomínios para lidar com o problema de alagamentos.

Algumas contrapartidas de empreendimentos tiveram o objetivo de beneficiar o bairro mas muitas vezes não são efetivas, como a construção de um centro comunitário pelo empreendimento de Alphaville, que acabou sendo construído próximo ao empreendimento, tornando-se pouco acessível para os moradores. Alguns condomínios já propuseram cursos de capacitação para moradores do bairro trabalharem como funcionários e já houve intenções de contratar apenas moradores locais. Acredita que com isso buscassem uma maior segurança e seria uma oportunidade de geração de empregos, mas reconhece que se mantém ai a relação de serviço. A construção dos empreendimentos Cores de Piatã e Reserva das Ilhas fechou uma grande área que era de uso dos moradores e contribuiu para isolar o bairro.

**Segurança e Violência:** Apesar da imagem que é transmitida, o bairro é seguro, não vive sob fogo cruzado e nem as pessoas vivem oprimidas pelo tráfico de drogas. Essa imagem negativa é transmitida propositalmente como uma forma de estigmatizar o bairro e justificar a repressão. Acredita que a polícia e o governo não se preocupam realmente com a segurança dos moradores, apenas se preocupam com a segurança fora e tratam como se o bairro fosse uma ameaça.

#### O bairro tem diversas necessidades concretas, entre elas:

- Pavimentação e adequação de espaços públicos e áreas de lazer.
- Com a obra no rio Mangabeiras muitas famílias serão retiradas e estão recebendo indenizações ou apartamentos em Cajazeiras, quando deveriam ser realocadas para dentro do próprio bairro.
- Projeto de mobilidade interna do bairro: Trajeto e paradas de ônibus, requalificação de escadarias e outras soluções.
- Construção de mais uma rua de saída para a Orlando Gomes, antes do viaduto, para que se possa fazer o retorno.
- Melhoria dos serviços de saneamento: coleta de lixo, drenagem e esgotamento sanitário.
- Soluções para o problema das muriçocas que enxerga como desequilíbrio ambiental.
- Soluções para o problema de alagamentos

#### 4.4.4 QUADRO COMPARATIVO

##### **Condomínios Fechados**

- População majoritariamente branca.
- Renda média alta.
- Surgem da escolha por um estilo de vida específico.
- Valorizados pela qualidade de vida e segurança.
- Convivência em espaços privados e tendência a um afastamento dos conflitos.
- Deslocamento prioritário através do automóvel privado, principalmente o carro individual.
- A maioria das atividades são realizadas fora do bairro.
- Os condomínios mais antigos são horizontais e apresentam baixas densidades. - Os novos empreendimentos de prédios não estão totalmente ocupados e os moradores antigos consideram que descaracterizam a paisagem.
- Os moradores tem acesso a muitas áreas verdes e espaços abertos privados.
- A natureza aparece como elemento chave para garantir a tranquilidade, tanto por compor a paisagem quando por propiciar um microclima mais ameno.

##### **Mudanças**

- Notam principalmente o desmatamento e o aumento da ocupação.
- Se referem a uma tranquilidade que os levou à escolha do local e temem que esteja ameaçada.
- Consideram positiva a duplicação da Orlando Gomes e o aumento do comércio e serviços.
- Esperam uma dinamização da região sem a perda da tranquilidade.
- Temem a descaracterização da paisagem e a perda da segurança.

##### **Bairro da Paz**

- População majoritariamente negra.
- Renda média baixa.
- Surge da necessidade de moradia e sobrevivência na cidade.
- Valorizado como um suporte à vida e na busca por trabalho.
- Grande apropriação do espaço público e necessidade de administrar os conflitos.
- Deslocamento principalmente através do transporte público e da mobilidade não motorizada, mas também do carro e da moto.
- A maioria das atividades são realizadas dentro do bairro.
- O bairro tem uma grande densidade populacional e uma ocupação predominantemente horizontal, de forma que a paisagem construída reproduz um adensamento de construções.
- Moradores sentem falta de áreas de lazer e as áreas verdes estão no espaço público.
- A natureza é mencionada indiretamente relacionada principalmente a problemas ambientais como os alagamentos, as muriçocas e a poluição.

##### **Mudanças**

- Notam principalmente as obras do Metrô e das vias.
- Se referem a um período anterior mais turbulento na história do bairro e o consideram muito melhor na atualidade.
- Consideram positiva a estruturação do bairro e o crescimento da região.
- Esperam melhorias na infraestrutura e serviços públicos, sem a perda das conquistas atuais.
- Temem a possibilidade de não permanência do bairro e dos moradores.

#### 4.4.5 MOVIMENTO AMBIENTALISTA SOS VALE ENCANTADO

O movimento SOS Vale Encantado é um movimento ambientalista que luta pela proteção da área conhecida como Vale Encantado, em Patamares e vem participando ativamente nas discussões a respeito do planejamento urbano e dos rumos do desenvolvimento de Salvador, no que se refere às questões ambientais. Foi feita uma conversa com Carol Lorenzo, integrante e moradora de Patamares, para entender melhor o que é o movimento e qual é o entendimento que eles têm acerca da questão ambiental na região.

No início a região era pouco habitada e pouca gente conhecia e frequentava a área. Com a formação do Bairro da Paz e o crescimento da cidade esse número aumentou, mas ainda existiam muitas áreas naturais e o Vale não era tão solicitado.

*“Até então nós éramos os únicos moradores aqui, que conhecíamos o lugar. Pessoas que vinham aqui eram pessoas que de repente se des-tampavam com o local e ai um queria armar barraca, o outro queria caçar, outro queria pescar. Mas assim, até então era um lugar que vinha gente, mas vinha pouco. Só que com o crescimento da cidade né, não existia o Bairro da Paz, formou-se o Bairro da Paz. E ai eles vinham nas lagoas nos arredores, tinha umas lagoas com areia branca ali perto da Orla onde é aquela Hípica Vanguarda, onde fizeram uns condomínios rosa assim (Veredas do Atlântico I e II). Eram tudo lagoas e tal, então o pessoal tinha natureza e a população de Salvador não era tão grande, e até então tava guardado aqui o Vale. (...) E ai veio os loteamentos né? Desmatando tudo, aquelas copas de árvore caindo, uma coisa horrível. Eles pensando assim, que a arquitetura e engenharia tem que sobrepor a natureza, né? Ao invés de usar a arquitetura e engenharia pra resguardar a Natureza. E ai eles vieram sobrepondo, usando aqueles tratores com correntes. Nem a madeira não aproveitava, enterrava tudo pra não deixar a perícia achar.”*



Vista interna do Vale Encantado

Com o aumento da urbanização e a criação de diversos loteamentos, começa um processo acelerado de ocupação das áreas antes preservadas e tem início um período mais organizado de luta pela sua manutenção, conseguindo-se em 2006 o embargo do Greenville e em 2007 o decreto de criação do Parque Ambiental do Vale Encantado. Durante o período conhecido como o “boom imobiliário” houve forte pressão desse setor para a implantação de empreendimentos, com invasões de áreas protegidas, desmatamentos e aterros ilegais e perseguição àqueles que se opunham.

*“Foi uma época difícilíssima assim. Na verdade foi a época que mais houve as invasões, que mais houve devastações da Paralela, de tudo, do Litoral Norte, foi nessa época. Foi 2006, 2007, 2008, 2009, que tava o boom imobiliário. (...) Mas ai o que aconteceu, quando começou a gente a entrar no páreo, na luta, o pessoal das imobiliárias eles começaram a fazer os planos maquiavélicos, que era tentar neutralizar quem tava lutando. Então o que é que eles fizeram, eles começaram a processar os fiscais que vinham fazer embargo aqui. Eles começaram a processar os jornalistas que faziam matéria. Nós tínhamos que ser muito cautelosos.”*

Durante esse período são feitas parcerias com outros grupos com interesses em comum, até que em 2015 surge uma nova oportunidade de inclusão do parque na minuta do PDDU de 2016. Com a inclusão da Avenida Atlântica, entretanto, através de uma emenda, é necessária uma nova mobilização em defesa do Vale.

*“Porque em 2006, até 2015, mesmo tendo a repressão, nós sempre estávamos indo nas reuniões de associações de moradores e nós participávamos em algumas outras reuniões. Por exemplo, teve uma reunião de um partido, que era pra falar sobre os parques que iam ser reformados, a gente ia. Ai, teve uma reunião de um grupo, os Filhos de Gandhi, que iam fazer um protesto, a gente ia. O pessoal do Candomblé ia fazer um protesto pra defender uma área verde, a gente ia. Sempre a gente tava ali. (...) Ai quando chegou em 2015 nós construímos a minuta do Plano Diretor e solicitamos através de um abaixo assinado com três mil assinaturas. E ai eu levei e protocolei na época, solicitando que incluísse na minuta do plano diretor e levamos a planta da poligonal. (...) E ai quando chegou em 2016, o executivo mandou pro legislativo o projeto com o parque, com poligonal, dizendo que ia ser unidade de conservação integral, em artigo, tudo certinho. E de repente entra uma emenda dizendo que ia passar uma avenida. E ai foi nessa hora que a gente se reuniu com a velha guarda de novo, rápido, fizemos um panfleto e colocamos se você mora nessa região ai colocamos entre a Orlando Gomes, Piatã... E foi ai que chegou o grupo que hoje em dia formou o SOS Vale Encantado.”*

A importância da preservação do Vale vem das suas características ambientais e ecológicas. Ele é composto por nascentes, córregos, lagos, áreas de charco e abriga uma grande biodiversidade e espécies ameaçadas de extinção. Além de diversas espécies vegetais já foram identificadas 19 espécies de anfíbios, 41 espécies de répteis, 125 espécies de aves e 41 espécies de mamíferos. A área apresenta remanescentes de Mata Atlântica em estágio médio, que aparece em apenas 7% de toda a Mata Atlântica do Brasil. Devido essa importância, considera-se que para a sua preservação o Vale Encantado deveria ser transformado em uma Unidade de Conservação Integral. Com isso a intenção não é afastar as pessoas, mas, ao

*contrário, garantir a preservação para que todos possam continuar a ter acesso a essa área de natureza em meio à cidade.*

*“Na verdade a unidade de conservação você pode ir também. Existem vários tipos de unidade de conservação. Existe a unidade de conservação de uso sustentável e a unidade de conservação integral. Então, por exemplo, APA é uma unidade de conservação de uso sustentável, mas você pode construir hotel, você pode construir o que for. Então você vê a ilha de Fernando de Noronha, metade é APA, metade é Parque Nacional. A área de APA é onde tá mercado, igreja, pousada, estrada, aeroporto. Já a área de Parque Nacional não tem nada, agora todo mundo vai pra essa área, é onde tem mais visitação turística. [...] O que eu venho observando é que vem gerando uma confiança das pessoas, coisa que em outros parques que são urbanos, que você entra à vontade as pessoas não vão. As pessoas tão ali andando no espaço aberto, mas as pessoas não vão na mata, têm medo. [...] Eu também tinha essa visão, eu dizia: ‘Poxa, mas integral não vai vir ninguém.’ E o intuito era que as pessoas viessem conhecer esse lugar lindo, tivessem acesso. E justamente Integral vai vir mais gente do que a gente pensa e ter acesso à Natureza. Porque o Vale é uma unidade de conservação Integral, é Natureza viva. Não é como o Parque da Cidade, que até pista de skate tem lá né? Coisa que aqui não vai ter.”*



Caminhada ecológica no Vale Encantado

Existem diversos grupos que frequentam o Vale, para atividades diferentes.

*“Tem alguns pescadores que sempre vem, o pessoal mais humilde do Bairro da Paz, que eles gostam. Tem pessoas que vem contemplar pássaros, fotografar e tal. Tem grupos de estudantes que vem pra primeiramente conhecer e depois focar em alguma pesquisa, alguma coisa, e tem as que... por exemplo, pessoas doentes que querem vir. Tá com câncer e tal, ai vem pro banho de floresta, entendeu? Ou pessoas que são saudáveis e querem fazer o banho de floresta porque acham que vão continuar saudáveis. E também tem as pessoas que gostam de fazer as caminhadas ecológicas.(...) O pessoal do candomblé vinha muito. Eles tinham um movimento forte, eles eram bem unidos na verdade.”*

Além da redução das áreas naturais, um fator negativo para a preservação da biodiversidade vem do seu isolamento. As conexões ecológicas entre áreas preservadas são fundamentais para garantir uma maior circulação dos animais por territórios mais extensos, importantes para os hábitos de reprodução e alimentação de diversas espécies. Essas conexões vem sendo gradualmente perdidas pela fragmentação das áreas de mata e estão ameaçadas também pelas atuais obras de canalização dos rios.

*“Ele tá virando uma ilha mais agora. Colocaram iluminação nessa via (Av. Tamburugy) no início do ano (2017) ou foi no final do ano passado, que não tinha, então à noite os animais tavam passando aqui e não passava carro quase nenhum nessa via na coisa da ADELBA. Então entre o Jardim Mediterrâneo (Condomínio) e a ADELBA você vê que tinha uma passagem. Agora essas lagoas que tem aqui eles acabaram de aterrar tudo, ainda pegaram o rio Trobogy e canalizaram. Isso foi realmente algo que deu uma prejudicada grande no parque Vale Encantado por conta da passagem dos animais que eles percorriam ainda esse trecho. E o rio Jaguaribe vão fazer a mesma coisa, então tem animais que estão aqui, que tinham conexão com o Trobogy e isso ai acaba prejudicando o Parque Vale Encantado bastante. Isso é algo a se tratar, mas também lembrando que se acaba prejudicando o parque, faz com que seja mais necessária ainda a preservação desse corredor pra interligar com a Paralela.”*

Com relação à poligonal ideal do parque algumas áreas ainda precisam ser acrescentadas. As chamadas “pernas de cima”, correspondentes às áreas públicas do parcelamento de AlphaVille, ainda não estão incluídas na poligonal do parque no PDDU e para garantir a preservação é importante também a inclusão da faixa que chega até uma área verde no fundo do Shopping Paralela por onde se poderia realizar uma conexão ecológica com a área do outro lado da avenida, no Trobogy.

*“A gente já fez um georreferenciamento com essa área aqui, que no PDDU não tá, mas ela já tá, que é essas áreas verdes do Alphaville, isso já fizemos. Agora, tem outra área que não tá que a gente tá pensando em colocar no georreferenciamento porque é essencial pra fazer o corredor ecológico com o lado de lá da Paralela, que é essa área que eu te falei do GOI, que vai do GOI, aqui de frente a ADELBA, seguindo toda a lateral da avenida até chegar na Paralela aqui por trás do Shopping Paralela. Então essa área tem que ser preservada.”*





#### 4.4.6 CONVERSA COM LÍDER RELIGIOSO DO TERREIRO ILÊ ASIPÁ

O Ilê Asipá é um terreiro de culto aos antepassados (Eguns), na tradição Nagô, localizado no entorno da Avenida Orlando Gomes e protegido como Área de Proteção Cultural e Paisagística. Foi feita uma conversa com um líder religioso da casa, o Otun Alagbá José Félix dos Santos (in memoriam), neto do fundador do terreiro, para entender qual a relação da comunidade com o entorno e com a Natureza e qual é a sua importância para o Candomblé e para o Asipá.

O Ilê Asipá foi fundado em 1980 em um terreno doado pelo prefeito da época, através de uma articulação do seu fundador Descoredes Maximiliano dos Santos, o Mestre Didi. Filho biológico da Yalorixá Mãe Senhora do Ilê Axé Opô Afonjá, descobriu em viagem ao Benim o seu pertencimento à tradicional família Asipá, do reino de Ketu, e foi um grande intelectual, líder religioso, escritor e escultor, tendo ocupado o mais alto cargo do culto aos Eguns no Brasil, Alapini.

Quando o terreiro foi fundado a região era praticamente desabitada. Foi necessário abrir caminhos através da vegetação e era feita a travessia de um rio a pé ou a nado, mas logo em seguida conseguiu-se a construção de uma pequena ponte. Quando o terreno foi cercado a polícia quebrou a cerca acreditando tratar-se de uma invasão, sendo necessária a colocação de uma placa que exibisse a legitimidade e autorização para o terreiro de estar ali. A partir daí a comunidade foi construindo as edificações e plantando árvores de valor para o terreiro, muitas trazidas do Ilê Axé Opô Afonjá. De acordo com o Otun Alagbá o candomblé tem uma estreita ligação com a Natureza, representativa e herdeira de uma visão de mundo e espiritualidade tradicionais africanas, que vem sendo mantida.



Terreiro Ilê Asipá

*“Muita coisa aqui nós plantamos. Pé de Iroko (Gameleira Branca), bambuzal, nativo (Dracena), muita coisa a gente trouxe lá de São Gonçalo pra cá. E nós começamos a fazer muita plantação. Nós somos da religião nossa aqui é ‘kosi ewe kosi Orixá’. Quer dizer, se não tem a folha não tem orixá, não tem nada. Então nós temos muito essa coisa de usar a tradição e manter viva essa tradição da energia né? Porque isso tudo aqui é a fé uma de uma raça, de um povo né? Nós cultuamos, preservamos o que de meu avô passou pra mim, pra outros, pra outros e que passaram pra meu avô, então isso vai oralmente passando pra todo mundo.”*

Algumas plantas e árvores são consideradas especiais e de grande importância para o culto, entre elas o a Gameleira Branca (associada com Iroko), a Jaqueira (Apaoká) o Bambuzal e diversas ervas. Cada planta é relacionada a um Orixá e tem diferentes significados e fundamentos no culto. Algumas dessas plantas são consideradas medicinais e esse uso é mencionado como possivelmente distinto do religioso, mas ao mesmo tempo existe uma visão de saúde que não se separa totalmente da espiritualidade.

*“Primeiro lugar é como eu falei, é kosi ewe kosi Orixá, a folha é fundamental. A folha é aquele sumo verde né? O sangue verde. É o que dá a qualidade de vida nagô né? O que é a qualidade de vida nagô? É aquela maneira de digamos assim, você... Favaquinha-de-cobra, oriri, serve pra você botar nas vistas pra você acalmar as vistas, mas também ela tem origem em Oxalá, serve pra botar com outras folhas pra você tomar um banho pra você se acalmar, pra tranquilidade. E pra outros segmentos também, tanto da parte da saúde quanto da parte espiritual, da parte religiosa entendeu?”*

A água, “Omin”, também é mencionada como um elemento importante, associado aos Orixás e na seguinte fala do Otun Alagbá percebe-se a relação que a comunidade estabelece com esse elemento.

*“E tem o fundamento da água né? (...) Omin, o ‘omin ero’, quer dizer o ‘omin ero’ junta o omin com a folha. Nós temos aqui uma obrigação aqui agora no domingo, que é a obrigação da água né? A água fica lá no Axé lá, tem um ritual né, que é feito. Esse ritual era feito na época por minha bisavó, Mãe Senhora do Opô Afonjá, que Oxum vinha pro barracão dançar e trazer água pra todos nós bebermos. Essa água nos purifica, essa água nos dá Axé, essa água dá a maior energia.”*

O culto do terreiro não se dá apenas dentro dos seus muros, mas também fora. Algumas folhas são recolhidas fora do terreiro e são colocadas oferendas em árvores, rios e outros lugares. Durante essas práticas a comunidade do terreiro tem o cuidado de não poluir e entende que as oferendas que são feitas serão comidas por algum animal ou se deteriorar e adubar a terra e há um entendimento de que se está oferecendo vida.



Barracão do Ilê Asipá

*“Fazemos obrigações, porque existem obrigações feitas também na rua, entendeu? Pegamos folhas pela rua também, usamos certos... digamos, obrigação do ano. Todo ano no terreiro vê qual é o caminho do ano, então ai digamos que pega um elemento e tem que botar num pé de árvore lá daqui a duzentos metros de distância daqui. Vai, chega lá, vai o cidadão botar as coisas no chão lá, tudo. Não pra poluir o espaço, não é pra deixar o lugar sujo, mas nós vamos botar ali porque aquilo que tá sendo colocado ali algum animal vai e come, entende? (...)Então no fundo no fundo é o total da sobrevivência né? Tudo o que nós tiramos de obrigação, ou o que seja, e vai botar no mato ou na água aquilo vai dar vida a alguma coisa.(...) Existe uma troca de energia.”*

Com relação à poluição mais uma vez é mencionada a relação entre a saúde e a espiritualidade e é evidenciada a importância dos rios e da água para o culto.

*“E a água é muito importante pra tudo né? Pra limpeza né? Pro Axé, pra fazer o banho de folha, pra juntar o sumo verde com a Omin, a água, a água limpa. O banho de folha é o banho que serve pra você se curar e tudo. Na fé né? Tudo é na fé (...). Pra comunidade nossa religiosa aqui, digamos, quanto mais os rios estão sujos, isso é ruim pra saúde né, da população e pra energia Axé, entende? Porque quem é que gosta de estar sujo? Quem não gosta de tomar um banho? A mesma coisa é a entidade, se a gente vai botar um elemento, alguma coisa na água, a gente vai botar naquela água suja velho? Isso é deselegante pra qualquer ser humano, qualquer energia né?”*

As mudanças na região são vistas como inevitáveis e não alteram a dinâmica interna do terreiro. Ainda assim o aumento da urbanização tem causado impactos nas práticas, principalmente aquelas realizadas no espaço externo.

*“Esses prédios, esses tantos... asfalto, tanta coisa, ai quebra um pouquinho. Tudo bem, tem que ter o avanço né? Tem que ter. Mas o asfalto... tem folha que a gente vai pegar pela rua, tem a folha que a gente fala ‘ojutonã’, quer dizer a folha do caminho, ela dá pela estrada. Ai quando você começa a asfaltar, passar o trator também, ai perde, quebra essa...”*

A relação do terreiro com as pessoas do entorno é positiva, há um respeito mútuo, as pessoas pedem permissão para pegar bambu ou frutas e buscam aconselhamentos espirituais. Existe a preocupação da comunidade religiosa em não gerar incômodos para a vizinhança, mas imaginam que com o aumento da ocupação talvez possam surgir conflitos por parte dos novos moradores. Apesar da preocupação em minimizar possíveis incômodos pelo barulho, entende que o terreiro já estava ali quando as pessoas chegaram e que deve haver um entendimento e respeito também por parte dos moradores.

*“E também muita gente né, que ai... Aqui sempre nós mantemos aqui acabar a festa dez horas da noite, que ai a gente não incomoda. Mas sem condição, que aqui vai ter muita gente, daqui a pouco vão querer que a gente não bata o atabaque, aquilo outro... que não incomoda. Mas a gente aqui, dentro da comunidade religiosa, a gente fica preocupado em não incomodar. Sempre desde meu avô, meu avô falava assim: ‘Vai acabar a festa dez horas da noite.’ Mas acabar porque? Poxa, ficava tão... Mas hoje eu observo que pra manter o nosso espaço, para as pessoas nos respeitar, a gente não incomoda ninguém. Nesse sentido né? Do horário, das obrigações, digamos assim, da alvorada. A gente toca uns fogos assim, cinco horas da manhã digamos. Mas é de caju em caju, tem o calendário. Janeiro, Junho, Julho, Novembro e Dezembro, quer dizer, não é todo dia, não vai incomodar. Normal, quem vem morar aqui... aliás, quem veio morar aqui já encontrou o Axé né? Então a gente não incomoda, pelo contrário, eles têm que se alinhar ao que eles encontraram.”*

Perguntado sobre possíveis espaços importantes a serem preservados diante de mudanças futuras o Otun Alagbá não aponta lugares específicos, pois afirma que as práticas não acontecem sempre nos mesmos lugares e que por isso é importante a valorização de todos os espaços. Ainda assim considera importantes e necessárias algumas medidas que causam impactos, como a construção do Metrô, mas que deve haver uma compensação e recuperação de áreas de vegetação.

*“Isso é difícil porque nós aqui, tudo é... Quando a gente vai fazer alguma coisa nós vamos ao pé do ancestral, ou do Orixá, então nós não sabemos qual é o caminho que vai ser feito, é na hora que é decidido. Você tá me entendendo? Digamos, não é fixo, digamos um exemplo, que é naquele “ibgo” (floresta) ali, tá entendendo? Nada é naquele igbo ali. Não é assim fixo no espaço. (...) Ai que entra na sua pergunta: A valorização de todos os espaços né? Digamos, cortar uma árvore só por cortar? Não vale a pena. Eu vi um antropólogo, não sei se foi isso mesmo, falando sobre essa obra do metrô ai. Óbvio que cortou muito mato, mas eles tão replantando, e tinha que existir como é? A mobilidade. Tinha que ter esse metrô ai, eu não sou contra esse metrô não. Sou a favor, agora... como eles tão replantando. É isso que é importante sabe? Não é só você dizer... Ah acabou? Acabou, agora vamos renovar.”*



Arborização interna do Terreiro Ilê Asipá

#### 4.4.7 QUESTÕES FUNDAMENTAIS

Durante as conversas com os moradores e outros grupos da região percebe-se que muitas questões surgidas da observação e da pesquisa bibliográfica se confirmam. A região apresenta uma complexidade e contradições que ainda que específicas àquela situação, fazem parte de um contexto mais amplo e refletem as ideias e as condicionantes que têm guiado a produção da cidade, bem como a trajetória das pessoas que vieram a ocupar esse lugar.

Ao mesmo tempo em que a região tem uma urbanização recente e ainda apresenta muitas áreas sem ocupação, ela está no centro do que vem se planejando ser a Salvador do futuro e justamente por isso é alvo de disputas acirradas entre os diversos interesses que almejam um lugar nessa cidade.

As áreas livres naturais, consideradas até então uma frente aberta para a expansão da cidade, passam a ser cada vez mais valorizadas e assim aquilo que para alguns representa um vazio a ser ocupado, para outros representa algo em si, com um valor próprio a ser preservado. Também a valorização da Natureza se dá de maneira diferente a depender das visões de mundo de cada grupo e ela própria pode passar a ser elemento de disputa entre concepções e interesses divergentes.

Por outro lado, apesar da urbanização recente, a região já possui uma ocupação consolidada e apresenta características típicas de muitas grandes cidades. Existe uma população diversa porém segregada em áreas com padrões bastante diferentes de qualidade de serviços e infraestrutura urbana, além de formas bastante diferentes de apropriação do espaço.

##### **Condomínios Fechados:**

Segurança  
Descaracterização da paisagem  
Desmatamento  
Muriçocas  
Dependência do carro  
Falta de opções de comércio, serviços e lazer

##### **Movimento Ambientalista SOS Vale Encantado:**

Usar a Arquitetura e a Engenharia para proteger a Natureza  
Proteção às áreas de importância ambiental  
Proteção aos ecossistemas e ciclos naturais  
Relação entre a qualidade ambiental e a saúde  
Conexões entre as áreas fragmentadas  
Florestas e água potável são fundamentais  
Respeito às áreas de retenção natural de água evitam enchentes

##### **Bairro da Paz:**

Permanência  
Acesso aos benefícios da cidade  
Saneamento  
Muriçocas  
Mobilidade Interna  
Áreas de Lazer  
Saúde Pública

##### **Terreiro de Candomblé Ilê Asipá:**

Integração do ser humano à Natureza  
O mundo e a paisagem têm um significado  
Relação entre saúde e espiritualidade  
Urbanização é necessária mas devem ser feitas compensações  
Despoluição dos rios  
Preservação das áreas naturais  
Conscientização das pessoas

#### 4.4.7.1 RELAÇÃO COM A NATUREZA

Durante as conversas percebe-se que a presença da natureza realmente é algo marcante e tem grande influência na relação que as pessoas estabelecem com a região, estando relacionada a algumas das principais questões apresentadas. Foram observadas diferentes formas de enxergar e se relacionar com a natureza, que não aparecem isoladas, mas que se associam de formas diferentes, a partir da visão de mundo de cada pessoa, e que, em maior ou menor grau, podem ser especialmente associadas a alguns grupos sociais da região.

**Visão estética:** Na região observou-se que uma visão estética da natureza está relacionada principalmente aos condomínios fechados, que utilizam os elementos naturais para a criação de uma paisagem e de uma sensação de imersão nesse ambiente, onde se busca um contato principalmente contemplativo. Muitos empreendimentos adotam nomes que remetem à natureza e associam a sua imagem à paisagem rica em vegetação e à presença dos rios ou do mar. É comum a associação dessa visão estética a valores ecológicos e a questões de saúde, como o controle de animais transmissores de doenças, criação de um



Área verde no Condomínio Parque Costa Verde

microclima ameno e o alívio do estresse. Por outro lado, aparecem contradições e os novos empreendimentos imobiliários são considerados os principais responsáveis pelo desmatamento, sendo vistos, muitas vezes, de forma negativa por moradores de empreendimentos anteriores.

*“Eu trabalho o dia todo e ao retornar pra casa sempre foi, assim, a sensação de que eu to voltando prum reduto de verde dentro de uma cidade, hoje, que é uma cidade extremamente urbana né? Com muitos edifícios, mega-edifícios e que a gente vê cada vez mais destruindo.”*

Fabiana, moradora do condomínio Parque Costa Verde.

**Visão ecológica:** Uma visão ecologia enxerga na natureza um sistema de interações cíclicas entre os seres vivos e destes com o meio físico e busca a preservação do equilíbrio desses processos. Na região a visão ecológica é representada principalmente pelo movimento ambientalista SOS Vale Encantado, que defende a preservação de áreas remanescentes de Mata Atlântica e das características naturais dos rios para a proteção da biodiversidade e da qualidade ambiental. A partir desse entendimento, a natureza e o equilíbrio das relações que permitem a manutenção da vida, tem um valor por si mesmo, independente do usufruto humano. Apesar disso a manutenção desse equilíbrio é vista como benéfica para o ser humano, enquanto parte do sistema, evitando doenças e possibilitando condições de clima e disponibilidade de recursos naturais necessárias à sustentabilidade da vida da sociedade.

*“São três pontos simples pra você viver, em qualquer lugar do mundo seja ele urbano ou rural. Então primeiro ponto: água doce que seja potável, então não pode ter poluição dos rios, porque isso vai trazer doenças. Segunda coisa: Florestas. Se você tem florestas você tem qualidade de vida, você tem ar pra respirar, você tem fauna, então você não tem doenças novas, você tem os micro-organismos ali na floresta, e não na sua casa. São os filtros né? Os filtros da natureza. Então o rio preservado, com a floresta dele, que faz parte. Para a formação do rio você tem que ter floresta porque a nascente tá na floresta. Então tendo floresta tem água potável, tendo água potável você tem mais ou menos como sobreviver. (...) E a outra questão que nós temos é o oceano, que também é responsável por a gente ter a chuva e várias outras coisas, juntamente com as florestas.”*

Carol, integrante do movimento SOS Vale Encantado

**Visão espiritual:** A relação espiritual com a natureza aparece de forma mais explícita no Candomblé. De acordo com o líder religioso do Ilê Asipá essa relação é herdeira e representativa de uma espiritualidade e visão de mundo africanas, nesse caso nagô, que entende o ser humano como parte da natureza, porém de maneira diferente da ecologia. Diferentemente de uma visão científica não existe a separação clara entre o elemento concreto, o símbolo e a qualidade espiritual que lhe é atribuída e diferentemente de uma visão tradicional cristã, o mundo material e o mundo espiritual estão intimamente ligados. Assim os espaços e elementos naturais tem um significado e com eles se estabelecem relações que vão além da apreciação estética. Aparece também a noção de saúde, integrada ao componente espiritual. Além da conversa com o Otun Alagbá, um depoimento da integrante do SOS Vale Encantado demonstra a intimidade e o respeito que os adeptos do Candomblé tem pelos elementos da natureza e a sua relação com aquele espaço:

*“Teve um grupo que eu fui, eu acompanhei e eles chegaram nos Dendezeiros e em umas plantas também que pega, iam mexendo, iam conversando com as plantas. O tipo de oferenda que eles fazem aqui normalmente é isso, eles batem muita palma, pedem licença. (...) Teve uma vez que a gente foi com o jornal A Tarde e tinha um presente, cheio de flores, na água, na lagoa.”*



Sapinho do Rio (*Allobates Olfersioides*), ameaçado de extinção. Fotografado no Vale Encantado.



Oferenda religiosa em palmeira

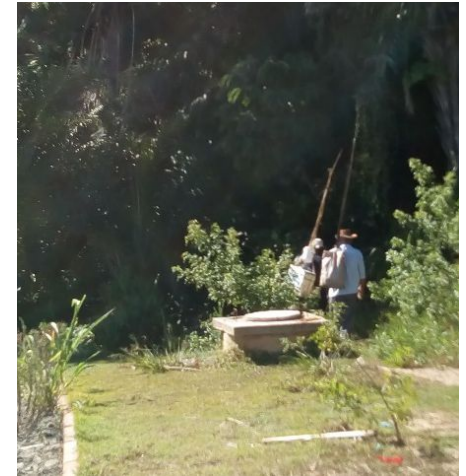
Carol

**Visão sanitária:** De um ponto de vista sanitário os elementos da natureza são considerados naquilo que interferem na saúde da população. Essa concepção está presente em todas as conversas, associada a outras formas de relação e entendendo que a natureza tanto poderia promover a saúde e a qualidade de vida, quanto é mencionada como possível fonte de doenças, em geral quando acontecem desequilíbrios. A partir de uma visão estritamente sanitária, porém, o efeito dos elementos naturais sobre a saúde é entendido não necessariamente a partir de uma concepção ecológica, ou espiritual, mas principalmente utilitária. Assim, a depender da abordagem, podem ser adotadas medidas voltadas à prevenção de doenças que vão de encontro a todas essas outras visões, como no caso do tamponamento de rios, onde busca-se o fim de toda relação com o elemento natural. Essa abordagem aparece na conversa com um morador do Bairro da Paz, em que é possível notar a menção ao corpo d'água não mais como rio, mas como esgoto. A condição de deterioração daquele elemento afasta a sua percepção enquanto elemento natural e é mencionado apenas indiretamente, através dos problemas de saúde que provoca.

“Esses esgotos mesmo, ser coberto, porque as muriçocas, a gente tá sofrendo muito com as muriçocas.”



Corrego canalizado desagua no rio Mangabeira



Pescadores no Vale Encantado

Emerson, morador do Bairro da Paz

**Visão Utilitária:** Aparece ainda, em grande parte das conversas uma relação que, ainda que não seja necessariamente pragmática e não esteja desvinculada de outras concepções, poderia ser considerada prática, ou utilitária, dos elementos naturais. A pesca é uma das atividades desse tipo, praticada por pessoas de diferentes grupos. A integrante do movimento ambientalista a associa aos moradores do Bairro da Paz no Vale Encantado, as crianças do condomínio Parque Costa Verde pescam na lagoa do condomínio e o líder religioso do Ilê Asipá lembra que já comeu bons peixes do rio Jaguaribe, em uma época quando o rio ainda era limpo. Outro exemplo é o cultivo de plantas alimentícias, como as árvores frutíferas mencionadas pela moradora do Parque Cosa Verde e também pelo representante comunitário do Bairro da Paz, que tem a sua horta no quintal de casa. Com relação a esse tipo de atividade, vale registrar a importância das áreas verdes públicas, ou de acesso livre, para os moradores do Bairro da Paz, representando as principais áreas verdes a que tem acesso e onde são realizadas atividades de lazer, mas também a criação de animais, colheita de frutas, entre outras.

*“Eu mesmo tenho minha horta ai, a minha salada vem do quintal. Eu tenho alface, tomate, cebolinha, quero plantar também agora pimentão. Bananeira também.”*

Carlos, morador do Bairro da Paz

## 4.4.7.2 MOBILIDADE

A mobilidade aparece como uma das questões mais importantes para a dinâmica da região e para a forma como as pessoas de diferentes grupos vivenciam e têm acesso à cidade. Os moradores de condomínios se deslocam principalmente através do carro individual, e costumam frequentar bairros distantes, tanto para atividades diárias de trabalho ou estudo, quanto para ter acesso a atividades de comércio, serviços e lazer. Os moradores do Bairros da Paz costumam frequentar principalmente o próprio bairro ou bairros próximos, e utilizam uma maior variedade de modos de transporte, principalmente o transporte coletivo e caminhadas, mas também bicicleta, mototaxi, ou motos e carros particulares.

Apesar de uma maior facilidade de locomoção, pela utilização do automóvel individual, os moradores dos condomínios se queixam dos longos deslocamentos e do que consideram ser uma dependência do carro, e gostariam de ter acesso a mais opções de emprego, comércio e serviços próximos.

*“Pra tudo a gente tem que usar carro. Pelo menos onde eu moro, fica numa região mais pra dentro né? Onde eu moro não passa transporte público, então realmente a gente tem que fazer tudo de carro, fica uma dependência muito grande do carro. Isso realmente é complicado.[...] Eu trabalho na Câmara Municipal de Salvador que é no Centro. Isso realmente é muito cansativo né? Bastante cansativo porque eu corto a cidade. [...] Realmente, tem que tá perto do trabalho né, porque é qualidade de vida, então eu estou realmente refletindo essa questão de já procurar alguma coisa pro lado de cá.”*

Apesar de ainda ser considerada “isolada”, já estão sendo vistas mudanças consideradas positivas, e existe a expectativa de que com a ampliação e construção de novas vias e a implantação dos novos sistemas de transporte de massa, essa situação venha a se transformar. Os moradores do Bairro da Paz também tem

notado melhorias na sua condição de mobilidade, pela ampliação da oferta de transporte coletivo e implantação de ciclovias.

*“Mudou, de uns tempos pra cá mudou muita coisa. Ônibus tem pra vários lugares, agora mesmo o metrô chegou, passando ali na frente, melhorou bastante. Agora na Paralela ali de junto do bairro já tão fazendo a via de ciclista. Essas coisas todas vem só melhorando pra gente né? Vindo praqui mesmo pela Orlando Gomes antes tinha que vim pelo meio da pista, hoje tem a via de ciclista entendeu?”*

Emerson

Com as transformações na região o modelo de mobilidade adotado irá influenciar diretamente na capacidade de cada grupo de se apropriar desse novo momento e uma maior ênfase para o transporte coletivo, para a mobilidade não motorizada, assim como mais opções de serviços e trabalho nas proximidades é um ponto em comum entre os dois grupos.



### 4.4.7.3 FUTURO DA OCUPAÇÃO

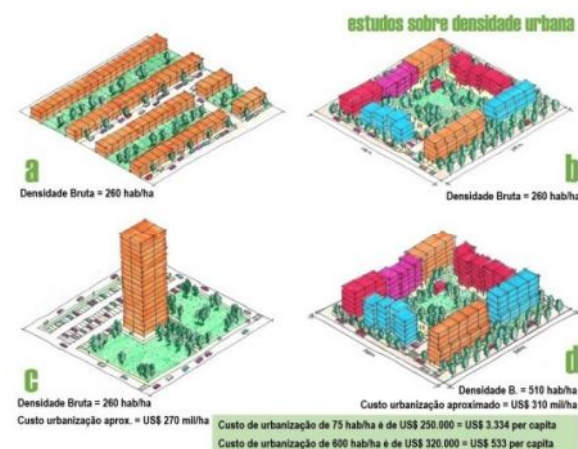
Durante as conversas com moradores foi comum expressarem expectativas divididas com relação ao futuro, em que são esperadas mudanças, mas ao mesmo tempo existe a preocupação quanto aos impactos sobre o que consideram positivo.

#### Descaracterização VS Diversidade:

Entre os moradores dos condomínios isso se dá principalmente com relação à necessidade da vinda de mais opções de comércio, serviços e lazer e da preocupação com a descaracterização da paisagem e perda da tranquilidade. Em diversas falas é possível identificar um sentimento negativo com relação ao aumento da ocupação da área, ao mesmo tempo em que se reconhece um aumento da oferta de serviços, o que é considerado positivo.

Essa dualidade pode ser entendida como resultante do próprio imaginário construído em torno do “modo de viver” em condomínios, inspirado nas cidades-jardins, em que se busca um distanciamento da vida urbana, ao mesmo tempo em que se pretende disfrutar dos benefícios da urbanização. É vendida uma “qualidade de vida” interna, que independe e até mesmo nega a cidade ao redor e assim a reprodução desse modelo produz uma “não-cidade”, com a multiplicação de núcleos fechados que não se relacionam entre si e com espaços intersticiais desabitados. Em muitos desses conjuntos as convenções internas limitam os tipos de uso e construção permitidos, para além da legislação da cidade, e assim o uso exclusivamente residencial falha em oferecer os serviços que poderiam atender às próprias demandas daquela população. Mesmo quando são previstos centros comerciais internos as atividades que se instalam muitas vezes não obtêm sucesso, pelo público reduzido em decorrência da restrição do acesso.

Outra contradição surge com relação à proposta desses conjuntos de integração à natureza, com a associação de cada novo empreendimento ao desmatamento pelos moradores de empreendimentos anteriores. Esse modelo com



densidades muito baixas provoca a ocupação, e o desmatamento, de grandes áreas para usufruto de poucas pessoas e a sua reprodução mostra-se insustentável em atingir os próprios ideais ecológicos demonstrados pelos moradores. Os novos empreendimentos de prédios, considerados os principais responsáveis pela descaracterização da paisagem, mostram-se possivelmente menos destrutivos com relação às áreas naturais se for considerado a quantidade de pessoas que podem abrigar com o desmatamento de uma área menor.

Assim observa-se que se individualmente os condomínios parecem atender aos desejos imediatos dos seus moradores, numa lógica de exclusividade, como modelo de ocupação eles prejudicam a construção de uma cidade mais integrada, que possa oferecer soluções reais para os problemas que o condomínio tenta evitar. Assim, para compatibilizar a manutenção das características da paisagem, a preservação da natureza e uma maior oferta de atividades, é necessário repensar esse modelo e a forma de ocupação atual, buscando um equilíbrio entre um maior adensamento e a manutenção de gabaritos não tão altos, além de uma maior diversidade de usos e circulação de pessoas.

## Desenvolvimento VS Gentrificação:

De forma diferente, o Bairro da Paz é entendido pelos seus moradores como um bairro completo, que consegue fornecer quase tudo o que precisam e oferece serviços inclusive para os moradores dos condomínios. Ao contrário do imaginário que levou à escolha por morar em condomínios, a escolha por morar no Bairro da Paz tem a ver justamente com a busca por uma inserção na cidade e ter acesso às oportunidades que ela oferece. Assim, a urbanização do entorno é vista de forma positiva e desperta expectativas de uma possibilidade cada vez maior de inserção social. As demandas dos moradores são por melhorias nas condições de vida, com a implantação de uma rede de infraestrutura e serviços públicos adequados, e trazem uma visão não de exclusividade, mas de obtenção de direitos a que outras pessoas já têm acesso. Essas expectativas, porém, vêm acompanhadas de uma desconfiança sobre se haveria lugar para os atuais moradores nessa nova realidade, e a principal demanda é, antes de tudo, pela própria permanência do bairro e pela continuidade do seu papel de apoio à habitação e à vida na cidade.

A fala do morador Emerson demonstra uma compreensão dos mecanismos pelos quais os moradores podem vir a ser excluídos, e exemplifica os processos gentrificadores\* que se mostram cada vez mais como os mecanismos contemporâneos de expulsão e substituição de populações mais pobres por populações mais ricas:

*“A tendência muita coisa ali é tirar. Como a gente mora ali, futuramente, não sei se é o Estado ou não, mas muita casa vai sair dali. Como é segundo disse que aquele beira rio ali pegando perto do I7 vai sair. Que vão fazer uma pista pra sair aqui entre Piatã e Itapuã. Se sair vai ser uma boa pra quem mora ali porque é barranco mesmo, vai ser uma melhora, indenizando quem mora ali e morando em outro lugar. Mas tem gente que se você fizer uma pesquisa não quer sair dali. Porque hoje nós mora no Bairro da Paz, era deserto e hoje você tá quase no centro. Você vê, tão fazendo obra em tudo quanto é canto ali. Daqui a uns dias a gente tá dentro do centro. Agora se os poderosos, entre aspas, vai deixar... Porque o problema, você diz: ‘Ah o Estado não tira.’ Não tira, agora mesmo deu a posse de terra*

*né? Que não tinha. Mas amanhã ou depois pode o poder público não tirar mas pode chegar um empresário desse ai e começar a comprar as casas. ‘Quanto? Aqui ó!’ Dez, doze, quinze casas daquela dá pra fazer um condomínio. Compra, vai lá paga tudinho, joga a frente pra rua, a bagaceira pro lado da invasão... Daqui a pouco tá comprando tudo entendeu?”*

Como se pode observar ao longo do processo de formação da cidade, e é reiterado pela experiência prática dos moradores e do representante comunitário, o planejamento não é neutro, o mero “desenvolvimento” não tem sido capaz de oferecer melhores condições de vida a grande parte da população, e o mercado imobiliário não tem interesse em construir uma cidade democrática. Considera-se, então, que para atender a essa necessidade, a permanência dos atuais moradores deve ser uma meta específica do planejamento, com a adoção de medidas de apoio à moradia e estratégias que lhes permitam se apropriar dos benefícios e oportunidades que irão surgir, usando o desenvolvimento para, de fato, alavancar melhorias na qualidade de vida e uma maior estruturação social que fortaleça a autonomia e segurança dessas pessoas dentro da sociedade.



Contraste entre empreendimento Cores de Piatã e o Bairro da Paz.

## Segurança VS Segregação:

A segurança aparece também como um tema central, que organiza grande parte das relações que os grupos estabelecem entre si, com a cidade e com a esfera pública, e está fortemente imbricada à segregação que se observa na região. Esse é um fator determinante para a forma de habitar dos condomínios fechados e em muitas conversas pode-se entrever uma sensação de medo, e a noção de que a violência é uma certeza e a melhor forma de garantir a própria segurança é o isolamento.

*“Então no passado a gente ia a Itapuã até pra comer um acarajé e prum lazer, hoje a gente só vai durante o comércio de dia, porque hoje o bairro já se vê perigoso. A violência vai chegando a esses bairros que eram estritamente familiares né? E hoje não. Então a gente já vê que aquela região de invasões de Itapuã, já chegou a droga, já chegou as questões, que são de urbanização né? E da pobreza né? O comercio de... Então hoje eu não vou a Itapuã, comer um acarajé hein? Que eu tenho medo. Então isso aqui virou um local... um oasis, de proteção.”*

Fabiana

Essa fala é bastante representativa de um sentimento de medo da cidade, e é feita a associação da violência à pobreza e a um possível caráter não “estritamente familiar” da região de ocupações informais de Itapuã, em oposição ao condomínio como um “oásis de proteção”. Essa associação é comum também em relação ao Bairro da Paz, mesmo que indiretamente quando se diz que “nunca tivemos problemas”.

Nas conversas com moradores desse bairro, porém, o tema da segurança é pouco representativo e a violência não é mencionada através da possibilidade de assaltos, mas de possíveis conflitos entre as pessoas. Quando perguntada sobre a imagem que é transmitida do bairro a moradora Marli, confirma a versão do representante comunitário de que o bairro é seguro, mas que existe uma estigmatização:



Aparato de segurança do condomínio Parque Costa Verde.

*“Eu moro aqui a 30 anos, vai fazer 31 anos, criei todos meus filhos aqui, ninguém nunca mexeu comigo. Na minha casa não tem grade, é sem grade, entende? Porque a gente não deve julgar nada, tem que vir ver pra crer. Eu gosto muito daqui do Bairro da Paz. Aqui você entra e sai e ninguém mexe com você. Tem coisas boas, tem coisas ruins, mas isso é em todo lugar. (...)Mas é, o pessoal diz assim: ‘Ah, você tá dando aula no Bairro da Paz, lá é perigoso.’ Meu Deus, vá pro Rio, vá pra favela do Rio pra ver. Aqui ninguém mexe com ninguém. Isso é através de quem não conhece o bairro, não tem informação... Não tem ligação com os outros lugares. Porque se for ligar todos os bairros, no Brasil todo, tudo é assim, não tem diferença (...) Pessoas de fora vem dar aula aqui. Porque vem dar aula aqui? Aqui é o lugar que achou um emprego e ninguém mexe com ninguém aqui.”*

Percebe-se que a moradora do Bairro da Paz também menciona as favelas do rio como referência de violência, imagem amplamente divulgada pela mídia. Apesar disso, a conclusão que parece tirar é a de que a violência existe “em todo lugar”, não seria específica daquele local, e não enxerga a sua vida apartada dessa realidade. Ao contrário, aparece na fala de alguns moradores de condomínios a associação da violência ao mundo externo e a tentativa de desvincular o seu “oásis de proteção” daquela realidade. Essa construção aparece vinculada não apenas ao espaço em si, mas também a parcelas da população associadas à violência. Assim a ideia de proteção física não está desvinculada da ideia de construção de um “oásis” também social, e é interessante notar como a ideia de preservação da natureza pode ser usada também para estabelecer as barreiras desse reduto.

*“E a segurança, né? Dessas via né, que é uma coisa difícil. A invasão dessas regiões é uma favelização né? É sempre um problema no sentido de que... Teve um período aí quando começaram a devastar que a gente viu à noite montarem barraca até. Eu disse vai ter uma invasão aí atrás. Era a sensação que a gente tinha. Que qualquer espaço que foi devastado o indivíduo quer montar um espaço pra viver né? Dentro da cidade, ele não quer sair. Ele quer ficar perto do espaço onde ele trabalha, onde ele pode ter um deslocamento mais fácil né?(...) E com essa via nova que estão fazendo vai ter acesso também uma nova população né? Então vai ser diferente, a gente não sabe ainda o que vai ser.”*

Fabiana

A fala de Emerson, que trabalha como vigia em Jaguaribe, indica quais são as características que distinguem a população não considerada perigosa e aquela que seria o alvo preferencial das medidas de “segurança”, revelando o outro lado dessa questão.

*“Mas é claro. Olha aí, você mora aqui, você tem uma cor (sou branco), tem condições. Você pode usar um brinco, pode botar uma tatuagem. A polícia se chegar aqui não vai te parar, ou então não vai chegar como eles fazem dando tapa. Agora se for comigo vai chegar logo chamando de vagabundo.”*

Emerson

Essas associações revelam a persistência de concepções racistas e eugenistas, reminiscentes do higienismo social que marcou o início do planejamento no século passado, e como essas ideias influenciaram o imaginário de civilização que continua a ser perseguido na atualidade. Sobre a persistência e atualização desses padrões a autora Lélia González observa:

*“O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural no negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço.” (GONZALEZ, 1982, p. 15, apud BOAVNTURA, 2017)*

Na fala da moradora Adriane é possível perceber a intenção dos condomínios de constituírem um espaço de exceção, onde a segurança interna é garantida às custas da construção de uma barreira seletiva, e como isso pode reforçar, na subjetividade dos moradores, o medo da cidade “lá fora”.

*“Quando era pequena eu tinha muito medo de sair do condomínio, tinha que passar por portões cheio seguranças. Como eu cresci assim eu vejo coisas boas, mas tem isso. Talvez o condomínio crie um ambiente seguro mas faça parecer que lá fora é mais perigoso ainda.”*

Adriane

A leitura dos dados sociodemográficos da região corrobora com a associação dessas questões ao componente racial e sobre o efeito do isolamento sobre a subjetividade dos moradores, mencionado por Adriane, Telles observa que:

*“Para além dos seus impactos materiais, o isolamento espacial dos negros em relação às classes médias e elites na cidade (Telles, 2004) contribui para alimentar um imaginário social que racializa a pobreza, o crime e a violência, e naturaliza as distâncias sociais entre negros e brancos (ROCHA; CANDIDO; DAFLON, 2016, p.131).” (BOAVENTURA,2017)*

Por fim, a reflexão do morador Maurício aponta também como a multiplicação dessa aparente solução de isolamento, em busca de uma segurança exclusiva, contribui para o esvaziamento do espaço público, produz áreas desertas e acaba por contribuir para a construção de uma cidade mais insegura para todos.

*“Rapaz eu acho que esse modelo de condomínio é uma coisa lamentável a existência dele, porque você cria um bolsão e você cria no entorno dele uma zona muito complicada. Aqui é menos visível isso mas se você anda na própria avenida, você tem o costa verde, que tá tudo fechado em volta, então fora do condomínio é um deserto e uma zona extremamente inóspita e arriscada pra quem anda.”*

Mauricio



Operação policial na entrada do Bairro da Paz.

# 5. Análise do Planejamento Urbano

*PDDU e LOUOS de 2016*

## 5.1 CENÁRIO ATUAL

Confirmando as impressões que motivaram o desenvolvimento do trabalho, têm sido percebidas grandes mudanças na região, e o momento atual é considerado um momento chave, em que os caminhos adotados irão definir o que será essa região no futuro. Essas transformações têm acontecido principalmente através de grandes obras que tem causado impactos nas dinâmicas locais, e as principais questões que tem mobilizado a atenção das pessoas são:

**Obras de Mobilidade:** As obras de mobilidade, como a ampliação da Av. Orlando Gomes, a construção da Av. 29 de Março e a implantação do Metrô, são as principais responsáveis pelas transformações na região e provocam sentimentos divididos. Ao mesmo tempo que tem causado desmatamento e impactos ambientais, facilitaram o acesso, e no geral são consideradas positivas por membros de todos os grupos. Essas obras, e as conexões que possibilitarão, são também as principais responsáveis pela sensação de que a região está se tornando “central” e espera-se um grande aumento da ocupação.

**Construção de prédios:** A construção de edifícios altos, e especialmente dos conjuntos de edifícios, representa uma mudança nos padrões de ocupação do espaço na região, associada ao novo ciclo de urbanização e é vista com receio pelos moradores mais antigos. Muitos moradores dos condomínios horizontais consideram que os prédios descaracterizam a paisagem e podem causar uma “superpopulação”, enquanto alguns moradores do Bairro da Paz, desconfiam do novo ímpeto do mercado imobiliário e sentem que isso pode ter impactos negativos, contribuindo para a exclusão do bairro. Os dois grupos porém consideram que o aumento da ocupação tem sido positivo para a região.

**Canalização dos rios:** As obras de canalização dos rios tem dividido opiniões. Movimentos ambientalistas e alguns moradores, principalmente de condomínios, denunciam os impactos ambientais causados por essas obras, enquanto outros moradores, do Bairro da Paz e também de condomínios, esperam que as obras possam evitar os problemas de alagamentos e proliferação de muriquis.



Obra de canalização do rio Jaguaribe.



Canteiro de obras na Av. Orlando Gomes

Para além da escala local, essas transformações obedecem a critérios de planejamento e fazem parte de processos a nível da cidade, e assim a os moradores têm assistido ao desdobramento de decisões e escolhas das quais não participaram diretamente, mas que têm um impacto direto na sua vida cotidiana.

No momento atual o planejamento da cidade tem como o seus principais instrumentos o PDDU e a LOUOS, de 2016, e é em torno desses instrumentos que têm se dado as discussões e disputas a respeito de quais serão os rumos escolhidos para o desenvolvimento da cidade. Assim, é feita uma leitura e análise de alguns aspectos desses instrumentos, para entender melhor qual é a abordagem atual do planejamento, quais são as perspectivas de futuro que ela coloca para a cidade, e de que forma isso pode afetar as questões consideradas importantes pelos moradores, com ênfase os três eixos de abordagem que vêm sendo trabalhados: **Relação com a Natureza, Ocupação e Usos e Mobilidade.**



Construção da Av. 29 de Março.



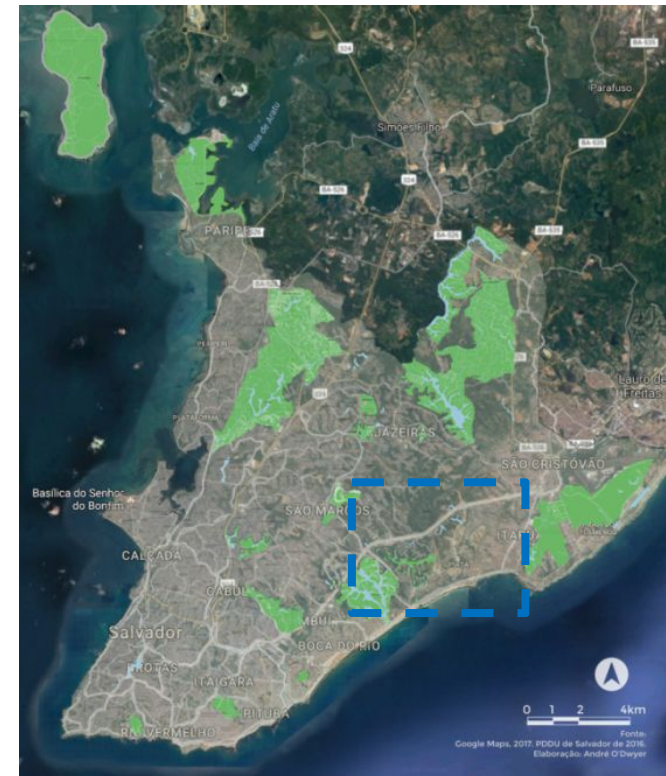
## 5.2 Relação com a natureza

## 5.2.1 MACROZONEAMENTO

A primeira e mais ampla divisão do território da cidade pelo PDDU é o macrozoneamento, que representa também a instância mais contundente de definição da relação que o planejamento estabelece entre a urbanização e o meio natural. A cidade é dividida em duas Macrozonas, de Ocupação Urbana e de Conservação Ambiental, que terão abordagens diferentes e diretrizes e objetivos específicos:

**Macrozona de Ocupação Urbana** - Compreende os espaços urbanizados do Município em seus diversos estágios de estruturação, qualificação e consolidação, destinando-se à moradia, ao exercício de atividades econômicas e sociais predominantemente urbanas, comportando níveis diferenciados de densidade populacional e de ocupação do solo.

**Macrozona de Conservação Ambiental** - É integrada por ecossistemas de interesse ambiental e por áreas destinadas à proteção, preservação, recuperação ambiental e ao desenvolvimento de usos e atividades sustentáveis. Compreende as ilhas na Baía de Todos os Santos, as áreas de proteção rigorosa das APA, os parques urbanos definidos pelo SAVAM e as áreas indicadas para constituir Unidades de Conservação. A Macrozona tem como objetivo geral assegurar a preservação dos ecossistemas e das áreas de interesse ambiental, especialmente os mananciais, promovendo o desenvolvimento econômico e social sustentável. Os usos e a ocupação do solo estão subordinados à necessidade de manter ou restaurar a qualidade do ambiente natural e respeitar a fragilidade dos ecossistemas.



MACROZONA DE  
CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

MACROZONA DE  
OCUPAÇÃO URBANA

## SAVAM - SISTEMA DE ÁREAS DE VALOR URBANO E AMBIENTAL

Compreende as áreas que contribuem de forma determinante para a qualidade ambiental urbana e para as quais o Município, no âmbito de sua competência, estabelecerá planos e programas de gestão, ordenamento e controle, visando à proteção ambiental e cultural. O SAVAM é dividido em:

Sub-sistema de Unidades de Conservação: Constituído por áreas de relevante valor ecológico e sociocultural, de grande importância para a qualidade ambiental do Município. Inclui os grupos de Unidades de Conservação Integral e Unidades de Conservação de Uso Sustentável, com suas categorias próprias.

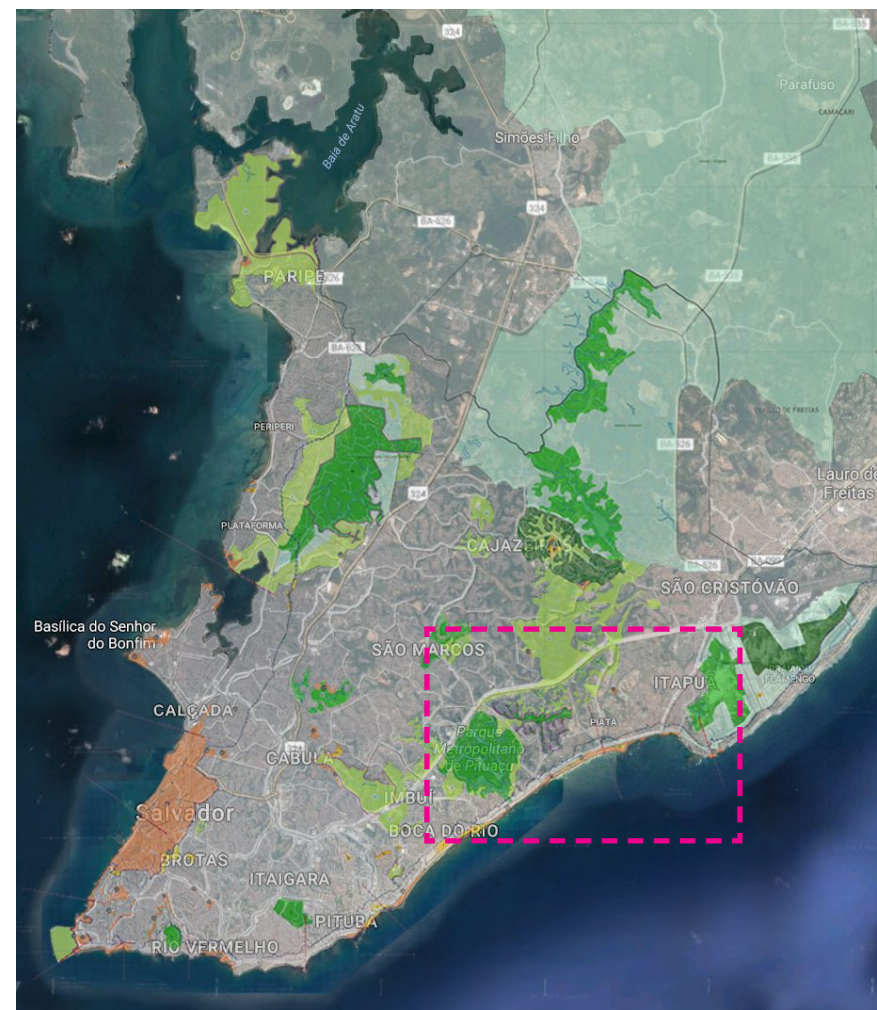
**Subsistema de Áreas de Valor Urbano-Ambiental:** Constituído por áreas cujos valores naturais encontram-se parcialmente descaracterizados, mas que contribuem para a manutenção da permeabilidade do solo e qualidade ambiental do espaço urbano, também áreas cuja paisagem é referência para a imagem, história e cultura local, e ainda espaços abertos urbanizados utilizados para o lazer e recreação da população. Inclui as categorias de Área de Proteção aos Recursos Naturais (APRN), Área de Proteção Cultural e Paisagística (APCP), Parque de Bairro, Parque Urbano, Praças e Largos, Área de Borda Marítima (ABM) e Áreas Remanescentes do Bioma Mata Atlântica (RMA).

### Observações

Considerando os objetivos do macrozoneamento e do SAVAM e a aplicação desses instrumentos na região, podem ser observadas algumas questões:

**Macrozona de Conservação Ambiental:** Algumas áreas importantes não estão incluídas na Macrozona:

- **Área do Trobogy** - Apesar de apresentar áreas significativas de remanescentes de Mata Atlântica, está demarcada como APRN no SAVAM mas não está incluída na macrozona, enquanto o Parque de Pituáçu que apresenta menor área de Mata Atlântica está.
- **Vale Encantado** – Podemos notar que, apesar de apresentar uma continuidade, apenas metade do Vale Encantado está incluída no SAVAM



- APA ESTADUAL
- APNR - ÁREA DE PROTEÇÃO DE RECURSOS NATURAIS
- APCP - ÁREA DE PROTEÇÃO CULTURAL E PAISAGÍSTICA
- PARQUE DE BAIRRO
- PARQUE URBANO
- PARQUE URBANO PROPOSTO
- UNIDADES DE CONSERVAÇÃO INDICADAS
- UCM - UNIDADES DE CONSERVAÇÃO MUNICIPAL

como Unidade de Conservação indicada, enquanto a outra metade se enquadra como APRN, e somente a primeira está incluída na Macrozona.

**Rios:** Apesar de protegidas por outras legislações como APP, e da sua importância, as margens dos rios não são consideradas pelo planejamento da cidade e não aparecem em nenhum dos dois instrumentos. Alguns trechos dos rios estão incluídos em APRN, mas de forma pontual e os trechos mais próximos à foz, e mais propensos a enchente, não são contemplados por qualquer estratégia de preservação.

**Parque de Bairro do Rio Jaguaribe:** O trecho final do rio Jaguaribe está incluído no SAVAM, porém como Parque de Bairro, uma categoria que é destinada ao lazer e atividades sociais urbanas, que independem de elementos naturais. Assim, apesar de compor um sistema de espaços livres públicos essa categoria permite a urbanização do trecho do rio e falha em resguardar as suas qualidades ambientais.

A partir dessas observações considera-se que não parece haver uma estratégia clara e integrada de preservação, e a inclusão das áreas de valor ambiental nas categorias previstas se dá de uma forma fragmentada. Apesar das APRN estarem sujeitas a regulamentação por lei específica, algumas, pela sua importância, já poderiam estar incluídas em categorias mais rigorosas. Observa-se que áreas contíguas e com as mesmas características estão incluídas em categorias distintas e áreas importantes, como as margens dos rios, nem mesmo estão incluídas no SAVAM.







SISTEMA DE ÁREAS DE VALOR AMBIENTAL E CULTURAL (SAVAM)

Áreas Remanescentes do Bioma Mata Atlântica

- Estágio Avançado
- Estágio Médio
- Estágio Inicial
- Manguezal
- Restinga



- |  |   |   |   |
|--|---|---|---|
|   | APA ESTADUAL                                    |  | PARQUE URBANO                           |
|   | APNR - ÁREA DE PROTEÇÃO DE RECURSOS NATURAIS    |  | PARQUE URBANO PROPOSTO                  |
|   | APCP - ÁREA DE PROTEÇÃO CULTURAL E PAISAGÍSTICA |  | UNIDADES DE CONSERVAÇÃO INDICADAS       |
|  | PARQUE DE BAIRRO                                |  | UCM - UNIDADES DE CONSERVAÇÃO MUNICIPAL |



3) Rio Jaguaribe (APRN)



4) Terreiro Ilê Asipá (APCP)



5) Vale Encantado (UC Indicada)



6) Orla de Piatá (APCP)



1) Terreiro Mokambo (APCP)



2) Lagoa região Trobogy (APRN)



7) Rio Jaguaribe (Parque de Bairro)



8) Parque de Pituçu (Parque Urbano)

## 5.3 Usos e Ocupação

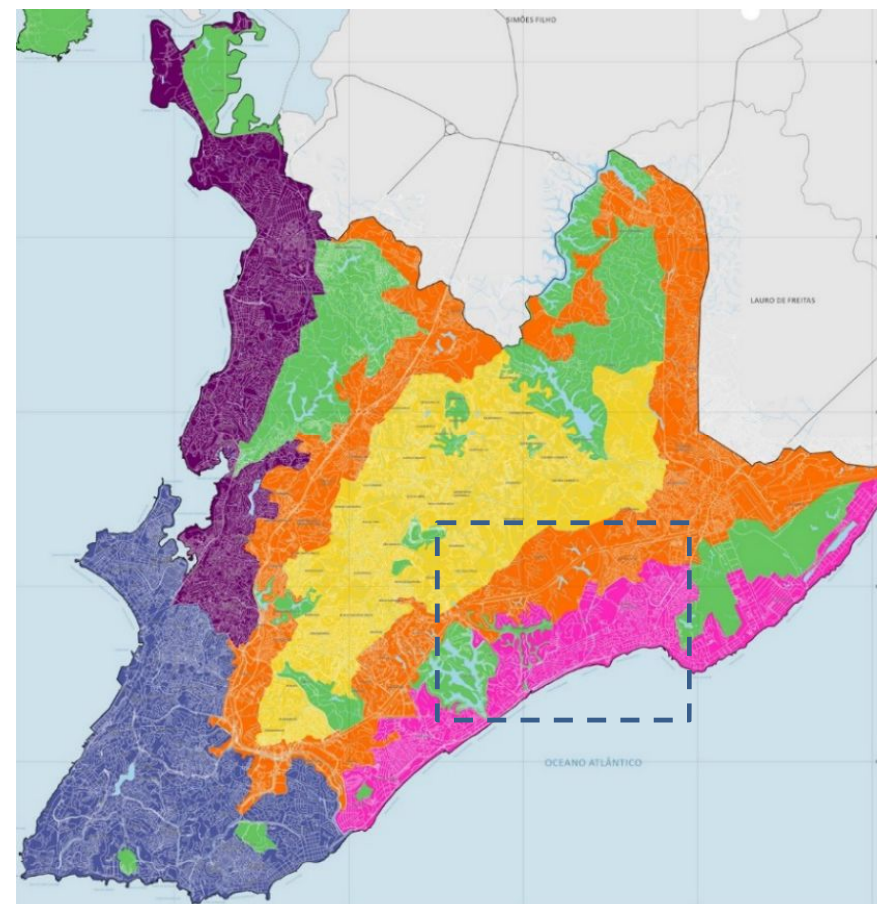
### 5.3.1 MACROÁREAS PDDU

Para uma organização funcional da cidade e a distribuição espacial das atividades, o PDDU divide o território em macroáreas, com objetivos e diretrizes específicas. O recorte escolhido para realização do trabalho é representativo do projeto proposto para a cidade, no que se refere à diferenciação funcional entre a região da orla Atlântica e a porção interior do território (conhecida como o Miolo de Salvador), e abarca áreas incluídas nas seguintes macroáreas:

**Macroárea de Integração Metropolitana (MIM)** – Compreende áreas ao longo dos principais corredores de mobilidade que conectam Salvador ao seu entorno regional, a Paralela e a BR-324. Essa macroárea pretende promover um maior adensamento demográfico e de atividades ao longo dos principais eixos de transporte, concentrar usos variados e as atividades econômicas que deverão alavancar o desenvolvimento da cidade.

**Macroárea de Estruturação Urbana** – Corresponde às áreas mais internas da península, conhecidas como o Miolo de Salvador e pretende qualificar e expandir a ocupação existente, promovendo a sua maior integração à cidade através de corredores de transporte transversais. A macroárea busca consolidar o papel da região como área de intensificação pragmática da urbanização de Salvador, abrigando quantitativamente o aumento populacional e construtivo necessários ou advindos do desenvolvimento da cidade e a sua conexão funcional às outras áreas.

**Macroárea de Requalificação da Borda Atlântica** - Compreende as áreas marginais à Orla Atlântica à partir do bairro do Costa Azul até o limite com Lauro de Freitas. As diretrizes para essa macroárea buscam um maior aproveitamento do solo urbano, já dotado de infraestrutura porém considerado sub-utilizado, apesar do valor simbólico. Assim pretende-se intensificar a ocupação e utilizar o potencial paisagístico da Orla para o fomento de atividades ligadas ao lazer e ao turismo.



#### LEGENDA

- Macroárea de Requalificação Atlântica
- Macroárea de Integração Metropolitana**
- Macroárea de Integração Metropolitana
- Macroárea de Estruturação Urbana
- Macroárea de Urbanização Geralizada
- Macroárea de Requalificação da Borda Atlântica
- Macroárea de Reestruturação da Região do Baixo de Todos os Santos
- Hidrografia

Essa divisão está de acordo com uma setorização histórica da cidade, onde a Orla tem sido valorizada pelas suas características paisagísticas e destinada à fruição estética, ao lazer, ou à moradia confortável próxima ao mar, enquanto o Miolo teve a sua ocupação ligada ao projeto de expansão urbana através da produção em massa de habitações de interesse social, sem a devida implantação de infraestrutura e serviços públicos correspondentes. A Paralela se consolida enquanto um dos principais vetores de mobilidade da cidade, e a promoção de um maior adensamento ao longo desse eixo poderá ser um dos principais fatores que influenciarão a dinâmica urbana de Salvador no futuro.

As áreas trabalhadas estão localizadas principalmente na faixa entre a Orla e a Paralela, e as estratégias e diretrizes estabelecidas para essas macroáreas terão uma grande influência na dinâmica urbana que será desenvolvida ali, e nos interesses a que essas áreas estarão submetidas.

Algumas das principais diretrizes do PDDU para essas **macroáreas** são:

#### Macroárea de Integração Metropolitana:

- Promoção de maior adensamento demográfico e construtivo, para um maior aproveitamento do solo e da infraestrutura urbana. Concentração de usos diversos, residenciais e não residenciais, e de atividades econômicas de alcance metropolitano e regional.
- Qualificação da oferta de diferentes sistemas de transporte coletivo, articulados a modos de deslocamento não motorizados.
- Estimulo à provisão de habitações para média e baixa renda, especialmente nas proximidades das estações de metrô, bem como a promoção da regularização fundiária dos assentamentos precários e informais. Provisão de infraestrutura, equipamentos e serviços urbanos adequados e estímulo à implantação de atividades econômicas geradoras de emprego e renda.



- Indução à conformação de nova centralidade metropolitana na interseção entre a Av. 29 de Março/Orlando Gomes e a Av. Paralela, destinando-se à implantação de atividades voltadas para a pesquisa tecnológica, usos institucionais de educação e saúde, complexos de entretenimento, hospedagem e convenções, além de atividades comerciais e de serviços.



## Macroárea de Requalificação da Borda Atlântica

- Elevar a densidade e diversidade de usos, promovendo maior aproveitamento dos espaços e da infraestrutura existente.
- Estimular o remembramento de lotes para a instalação de atividades econômicas, culturais e de lazer, além de usos voltados para o turismo.
- Conservação das unidades integrantes do SAVAM e criação de um circuito de parques públicos integrando espaços com portes e usos diversificados.
- Implantação de equipamentos de apoio e qualificar a Orla para atividades de recreação, lazer e prática de esportes.
- Elevação da qualidade urbana dos bairros populares, atendendo às necessidades de infraestrutura de mobilidade e saneamento, além de oportunidades de ocupação e renda.
- Regularização fundiária dos assentamentos precários (ZEIS I), dotando-os de infraestrutura, equipamentos sociais e serviços urbanos.
- Garantir o manejo adequado de resíduos sólidos e efluentes de esgotos e águas pluviais com foco na manutenção da condição de balneabilidade das praias.
- Implantação de melhoramentos viários para a complementação do sistema de suporte ao transporte coletivo, estimulando a substituição do transporte individual.
- Indução à formação de centralidades lineares ao longo dos corredores de transporte coletivo, entre eles as avenidas Otávio Mangabeira, Pinto de Aguiar e Orlando Gomes.

É possível perceber algumas questões em comum, como o adensamento, dinamização dos usos e o apoio à habitação de interesse social. Apesar disso essas medidas se encaixam em contextos diferentes. Enquanto na MIM, existe um enfoque maior em uma urbanização compacta e eficiente, ao longo de um corredor de mobilidade e com atividades econômicas de grande abrangência, na MRBA, existe um enfoque maior na qualidade ambiental e na criação de espaços para serem vividos. Com base nesse contexto podemos nos perguntar: Qual seriam as consequências da inclusão de uma área como o Bairro da Paz ou como a área de lagoas e mata na região do Trobogy na MIM? A quais pressões estarão submetidas? Considera-se que poderiam ser desenvolvidos estudos mais aprofundados e, especialmente para o Bairro da Paz, a decisão pela inclusão em uma ou outra macroárea tomada em um processo participativo.

### 5.3.2 ZONAS DE USO - LOUOS

A partir dos objetivos estabelecidos pelo PDDU, a LOUOS divide o território em Zonas de Uso, que irão definir os parâmetros e atividades permitidos em cada lote. Analisando-se o zoneamento proposto para a região, foram observadas algumas questões que indicam a abordagem do planejamento e possivelmente qual é o projeto de cidade que se pretende viabilizar:

**ZPR – Densidade e Usos:** Percebe-se a demarcação de zonas residenciais com parâmetros muito diferentes de densidade e usos em áreas contíguas e com as mesmas características. As ZPR-1 correspondem exatamente aos contornos de alguns condomínios fechados, localizados inclusive nas margens da Orlando Gomes, onde seria mais eficiente um maior adensamento. As ZPR-3, por outro lado, incluem áreas onde seriam adequadas densidades mais baixas, como as bordas de áreas de proteção ambiental, a exemplo do Vale Encantado e margens de rios. A faixa mais próxima à Orla também está demarcada como ZPR-3, permitindo, em tese, gabaritos mais altos, o que pode ser limitado, porém, por outras medidas. Além disso o zoneamento atrela os parâmetros de ocupação aos usos permitidos e existem apenas três tipos de zona predominantemente residencial, o que causa algumas limitações:

**ZPR 1:** A não permissão de algumas categorias de uso excluem atividades de costureiras, sapateiros, padaria, entre outras, contribuindo para a baixa diversidade de usos e a falta de opções para os moradores.

**ZPR2:** Se fosse utilizada poderia oferecer um equilíbrio entre uma maior diversidade de usos e aproveitamento do solo, sem causar impactos tão grandes nas áreas de maior resguardo ambiental.

**ZPR3:** Atende à intenção de promover um maior adensamento, mas com isso também está permitida a categoria de uso R3-03, correspondente aos grandes conjuntos de prédios, que apesar do adensamento, tem falhado em promover uma diversidade e dinamização correspondentes, contribuindo, para uma maior fragmentação e esvaziamento do espaço público.



- ZCLMe - Zona Centralidade Linear Metropolitana
- ZCLMu - Zona Centralidade Linear Municipal
- ZCMe - Zona Centralidade Metropolitana
- ZEIS - Zona Especial de Interesse Social
- ZPR 1 - Zona Predominantemente Residencial 1
- ZPR 3 - Zona Predominantemente Residencial 3
- ZUE - Zona de Uso Especial
- ZPAM - Zona de Proteção Ambiental

**ZCLMu** – Avenida Tamburugy: A demarcação dessa rua como ZCLMu pode ser considerada inadequada, já que tem um fluxo apenas local e não conecta áreas significativas da cidade, estando entre duas avenidas que já cumprem esse papel, a Pinto de Aguiar e a Orlando Gomes. Além disso essa rua está na borda do Vale Encantado, uma área de proteção ambiental demarcada como ZPAM, onde uma maior urbanização seria prejudicial.

**ZPAM:** As áreas demarcadas como ZPAM são aquelas incluídas na Macrozona de Conservação Ambiental, mas outras caracterizadas no SAVAM como APRN ou protegidas por outras legislações, como as APPs nas margens de rios, não são consideradas. A falta de compatibilidade entre o zoneamento e os parâmetros de proteção ambiental provoca uma insegurança para o cumprimento das normas e para a garantia real dos cuidados com a ocupação nessas áreas.

**ZCMe:** A ZCMe inclui áreas principalmente ao Norte da Paralela, enquanto ao Sul, ainda que dentro da Macroárea de Integração Metropolitana, predomina a ZPR-3. Um fator a se questionar é a demarcação da área de mata e lagoas na região do Trobogy, classificada no SAVAM como APRN, nessa zona de uso, o que poderia dificultar uma maior conservação das suas qualidades ambientais



Ocupação característica ZPR 3

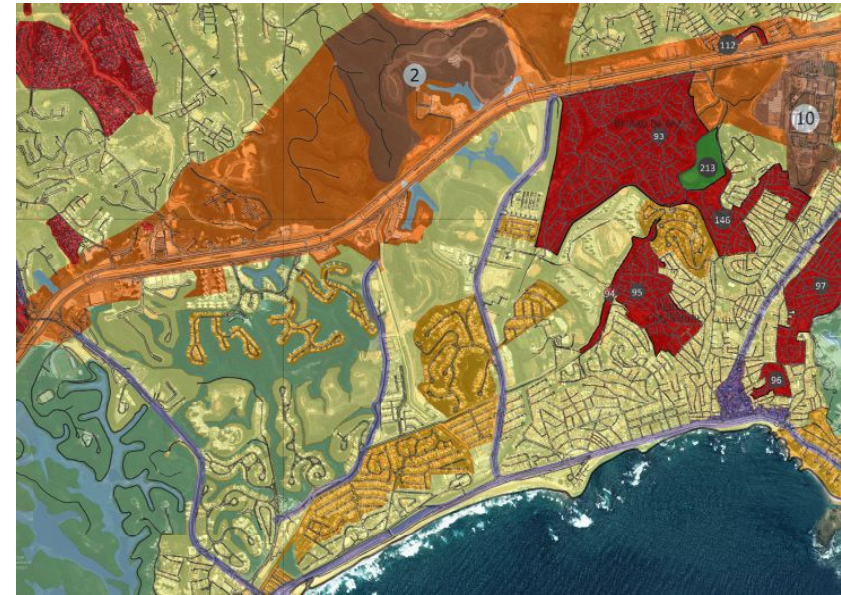


ZCLMu - Av. Tamburugy



## ZONAS DE USO - LOUOS

**ZEIS:** Existem algumas áreas demarcadas como ZEIS, entre elas o Bairro da Paz. Apesar das diretrizes de provisão de habitação de interesse social nessas macroáreas, observa-se que quase todas as ZEIS enquadram-se como ZEIS 1, correspondendo às áreas de ocupação já consolidada. Existe uma única ZEIS 3 oferecendo a possibilidade de novas terras a ser utilizadas, enquanto o entorno dos bairros atuais está incluído em zonas de alto interesse econômico. A julgar pelo histórico apresentado pelos moradores e pelo representante comunitário do Bairro da Paz, pode-se concluir que o bairro estará sob forte pressão do mercado imobiliário e assim questiona-se a adequação desse zoneamento para viabilizar a permanência moradores a longo prazo na região.

As zonas de uso não parecem ser utilizadas para condicionar a ocupação a partir de uma visão integrada da cidade, em busca de adensamentos adequados e do tipo de paisagem e vida urbana que se pretende alcançar, mas principalmente para atender a situações isoladas, e interesses particulares. O procedimento que parece guiar o zoneamento é a definição generalizada de ZPR-3, atendendo-se a exceções pontuais, como parece ser o caso das ZPR-1 utilizadas para “proteger” alguns condomínios existentes, ainda que definam densidades e usos inadequadas para a sua localização. Pode-se perceber, também, uma incompatibilidade entre os parâmetros de ocupação e a definição do próprio PDDU a respeito das áreas de proteção ambiental. Assim, uma conclusão possível é a da utilização do zoneamento para oferecer possibilidades máximas de lucro ao setor imobiliário, em detrimento da qualidade ambiental e urbana e da possibilidade de construção de uma cidade mais democrática.



Zona Especial de Interesse Social

-  ZEIS 1 - Assentamento Precário - Favelas, Loteamentos Irregulares e Conjunto Habitacionais Irregulares
-  ZEIS 3 - Terrenos não edificadas, sub utilizados ou não utilizados



## 5.4 Mobilidade

## 5.4.1 TRANSPORTE COLETIVO - PDDU

O PDDU considera a mobilidade urbana como parte do direito à cidadania e coloca como um dos objetivos da política urbana melhorar as condições de mobilidade. A macro estratégia da mobilidade urbana tem como objetivo integrar os diversos espaços do Município, proporcionando acessibilidade universal às diversas regiões, através de uma rede multimodal, com prioridade para o transporte coletivo, que compreende os seguintes subsistemas:

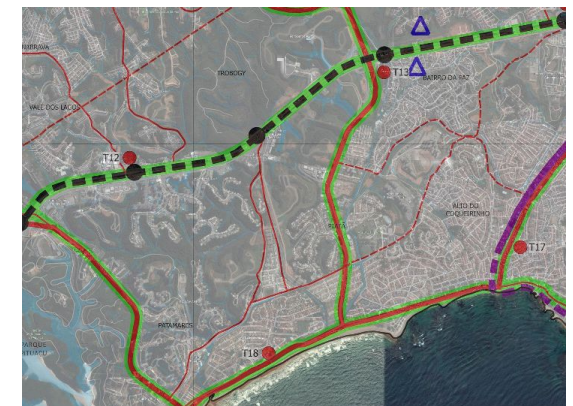
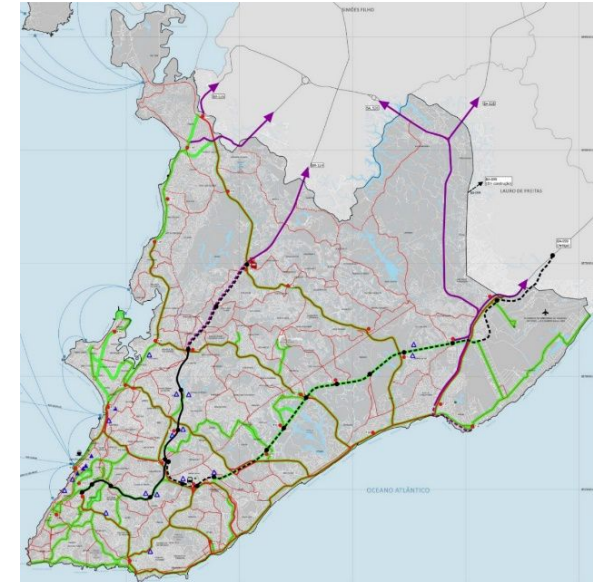
**Subsistema Estrutural** - De alta capacidade, composto pelas linhas 1 e 2 do Metrô, e de média capacidade, com o uso dos sistemas VLT e BRT;

**Subsistema Municipal Convencional** - De baixa capacidade, corresponde à rede de serviço regular do transporte coletivo percorrendo predominantemente vias arteriais, ou coletoras, além das demais linhas de ônibus convencionais no acesso aos centros de bairro;

**Subsistema Municipal Complementar** - Opera em roteiros não atendidos pelos subsistemas Estrutural e Convencional, com a função de complementá-los localmente;

**Subsistema Municipal de Serviços Especiais** - Opera com serviços seletivos, executivos, turísticos e destinados ao atendimento de demandas específicas, podendo ter atendimento expresso, com conforto diferenciado, ou para transporte de malas;

**Subsistema Auxiliar Local** - Tem a função de facilitar o acesso em regiões topograficamente acidentadas e garantir a conexão entre os diversos modos de transporte, fornecendo a microacessibilidade, tais como passeios, rampas e escadarias especiais, escadas rolantes, ascensores verticais, planos inclinados e teleféricos;



A área do trabalho está localizada na interseção entre dois importantes eixos de transporte coletivo, o Metrô na Paralela e o corredor de ônibus na Linha Vermelha composta pela Estrada Paripe-Base Naval, pela Av. 29 de Março, para a qual está previsto sistema BRT e a Av. Orlando Gomes, para a qual está previsto o sistema BRS\*. Esse corredor transversal conecta a Orla Atlântica ao Subúrbio Ferroviário e a BR-324 à Paralela, promovendo uma maior integração da região à cidade como um todo. Para dar sequência ao planejamento o PDDU determina a elaboração do Plano de Mobilidade Sustentável de Salvador (PlanMob), que será o instrumento de orientação das políticas públicas para o setor de mobilidade. Este plano ainda não foi aprovado, o que dificulta análises mais específicas.

#### LEGENDA



## TRANSPORTE NÃO MOTORIZADO – PDDU

O modo de transporte não motorizado inclui os deslocamentos a pé e por bicicleta. De acordo com o Diagnóstico da Mobilidade da RMS\*, o modo não motorizado representa a maior parte das viagens realizadas em Salvador, a grande maioria destas realizadas a pé. Considerando que a maior parte das viagens por transporte coletivo, segunda maior forma de deslocamento, também se iniciam a pé, esse modo ganha ainda mais relevância. A mobilidade por bicicleta ainda representa uma porcentagem baixa das viagens mas tem crescido e tem um grande potencial de integração com outros meios.

**Circulação de pedestres:** As diretrizes para o deslocamento de pedestres têm como premissas básicas a reconquista do logradouro público como espaço de integração social no ambiente urbano, adequando-o à circulação de pessoas. Assim as medidas devem garantir a autonomia, segurança e conforto do pedestre, com adoção de parâmetros ergonômicos contemplando a diversidade, a especificidade e as necessidades dos indivíduos. É prevista a implantação de vias exclusivas para pedestres e adequação das existentes, obedecendo aos princí-



pios da acessibilidade universal, e contando com mobiliário urbano, paisagismo e arborização. A circulação de pedestres deve ter prioridade sobre o trânsito de veículos nas vias em geral, mas especialmente nas vias coletoras e locais, com incentivo à implantação de estruturas para a redução de velocidade em áreas com grande conflito com a circulação de pedestres.

**Transporte cicloviário:** O PDDU estabelece como principais diretrizes para o transporte cicloviário a elaboração de um Plano Cicloviário e a continuidade do projeto e implantação de uma rede contínua e articulada aos outros modos de transporte, principalmente o transporte coletivo. É prevista a implantação de bicicletários junto às estações metroviárias, terminais e pontos de conexão intermodal, em especial nas zonas de centralidade municipal. Além disso deve ser priorizada implantação de ciclovias e bicicletários em toda a borda marítima e áreas de atração turística.

O PDDU reconhece a importância do transporte não motorizado, mas não apresenta definições mais específicas, o que deverá ser desenvolvido no PlanMob. As rotas de bicicleta aparecem subordinadas aos grandes eixos de transporte, mas existe a indicação de que deverá ser elaborada uma rede de penetração no interior dos bairros. A circulação de pedestres por sua vez não aparece nos mapas, mas é prevista a implantação de vias exclusivas (VP) e qualificação de vias existentes.



## 5.4.2 SISTEMA VIÁRIO - PDDU

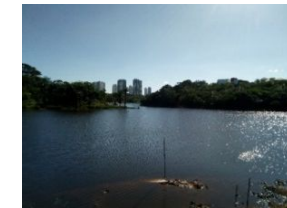
O PDDU propõe algumas intervenções viárias como a construção de novas vias e a ampliação de vias existentes. Observando-se essas propostas é possível identificar algumas questões:

**1) Linha Viva:** O PDDU inclui a proposta da Linha Viva, uma Via Expressa pedagiada que seria construída embaixo da linha de alta tensão da CHESF, com seis faixas de trânsito. Essa via, em linha reta, corta diversos bairros e áreas de importância ambiental, prevê a construção de diversos túneis e viadutos para a sua conexão com o sistema viário da cidade, além de incluir 20 pontos de pedágio. A Linha Viva está muito próxima e realiza o mesmo trajeto da Paralela, representando uma solução voltada principalmente para o automóvel individual, causando enormes impactos e contribuindo negativamente para a qualidade do espaço urbano.

**2) Via Atlântica:** Essa Via Expressa cruza o Parque de Pituacu e o Vale Encantado, áreas de preservação definidas pelo próprio PDDU. Está localizada entre a Paralela e a Orla, representando mais um investimento voltado principalmente para o automóvel individual, e que contribui para a construção de uma mobilidade e cidade menos sustentáveis.

**3) Via Arterial proposta:** A construção dessa via, classificada como Arterial, causará grandes impactos no seu trajeto, tanto nas áreas de preservação nas margens dos rios Jaguaribe e Mangabeiras, quanto no trecho em que passa dentro do Bairro da Paz. Essa Via Arterial não visa atender às necessidades locais, mas principalmente ao trânsito de passagem, em conexão com a Via Atlântica e poderá representar uma perda daquele espaço para o bairro e contribuir para a sua fragilização.

**4) Avenida Tamburugy:** Essa via foi construída recentemente e está sendo finalizada a construção de outra, paralela e muito próxima, ao longo do rio Trobogi, fazendo a mesma conexão. Por tratar-se de uma área com ocupação restrita, ao lado do Vale Encantado, essa via pode ser considerada redundante e



1

2

4

5

representou custos e impactos ambientais que poderiam ter sido evitados sem prejuízos para a mobilidade.

**5) Continuação da Rua da Gratidão:** A Via Coletora indicada como existente que seria uma continuação da Rua da Gratidão, conectando a Orlando Gomes ao Alto do Coqueirinho, na verdade não existe. A Rua da Gratidão sobe e dá acesso apenas aos empreendimentos da construtora PDG e o acesso à região conhecida como Baixa do Tubo, entre Piatã e o Alto do Coqueirinho, é realizado através de uma área verde e não permite a passagem de carros.

## 5.5 ANÁLISE GERAL PDDU E LOUOS

A partir das análises e principalmente da comparação entre diferentes definições do planejamento, pode-se observar incompatibilidades entre os critérios adotados, que não parecem coincidir para uma estruturação coerente da produção do espaço urbano. Essas definições não parecem antever as consequências espaciais do que está sendo estabelecido e não parece haver uma concepção clara de uma cidade para ser vivida, mas apenas como um lugar genérico, palco de atividades econômicas.

Apesar do discurso da sustentabilidade e da superação das desigualdades, é possível observar que estes não são os eixos principais que orientam o planejamento da cidade, representando antes uma tentativa de adequação a conceitos em voga na opinião pública atual e o atendimento relutante às exigências de grupos e movimentos sociais que se organizaram para defender o seu lugar na cidade. As áreas destinadas à promoção do direito à moradia, restringem-se ao mínimo que já está ocupado e sem um maior suporte até mesmo a regularização fundiária poderá ser utilizada para incentivar a venda dessas casas e a apropriação desse território pelo mercado imobiliário. De forma semelhante as restrições de ocupação em áreas de proteção ambiental são relativizadas já pelo próprio planejamento, sendo previstos adensamentos máximos em APRN e no entorno de Unidades de Conservação, além da construção de vias que atravessam essas Unidades.

## Sobreposição do Sistema Viário ao SAVAM



Politicamente a proposta apresentada parece representar os interesses de grandes grupos econômicos, com a intenção de inserir o território da cidade em uma rede econômica global e regional, através dos eixos BR-324 e Paralela, mas principalmente através da possibilidade de lucros máximos para o setor imobiliário. O horizonte do planejamento parece ser a edificação do lote e a venda, resultando em uma ocupação desordenada formal, ao invés de pensar uma cidade capaz de promover a qualidade de vida dos seus habitantes e uma maior integração entre as pessoas. O discurso do adensamento e dinamização, que justificaria a predominância das ZPR-3, torna-se frágil quando se observa a ausência de critérios mais rigorosos para a definição dos adensamentos e a proliferação dos empreendimentos do tipo R3-03 (Le Parc, Cores de Platã e outros do complexo PDG), contribuindo negativamente para a diversidade de atividades e riqueza da vida urbana, mas constituindo produtos imobiliários vendáveis.

Por essas razões considera-se que, apesar de também não contemplar os interesses dos grupos privilegiados que já habitam a região, o planejamento atual não representa uma ruptura com o ciclo de desenvolvimento desigual que tem perpetuado os privilégios e exclusões na sociedade brasileira. As consequências desse processo deverão ser muito mais graves para os grupos que se encontram em uma maior vulnerabilidade social e enquanto os moradores de condomínios talvez tenham que conviver com a visão dos prédios, ou se mudar para buscar um novo lugar “rodeado de verde”, muitos moradores do Bairro da Paz talvez tenham que se mudar para novas áreas desprovidas de infraestrutura e distantes dos centros de atividade, recomeçando a vida com as mesmas dificuldades e sofrendo a mesma estigmatização.

## 6. PROPOSTAS PARA O PLANEJAMENTO

## 6.1 RELAÇÃO COM A NATUREZA

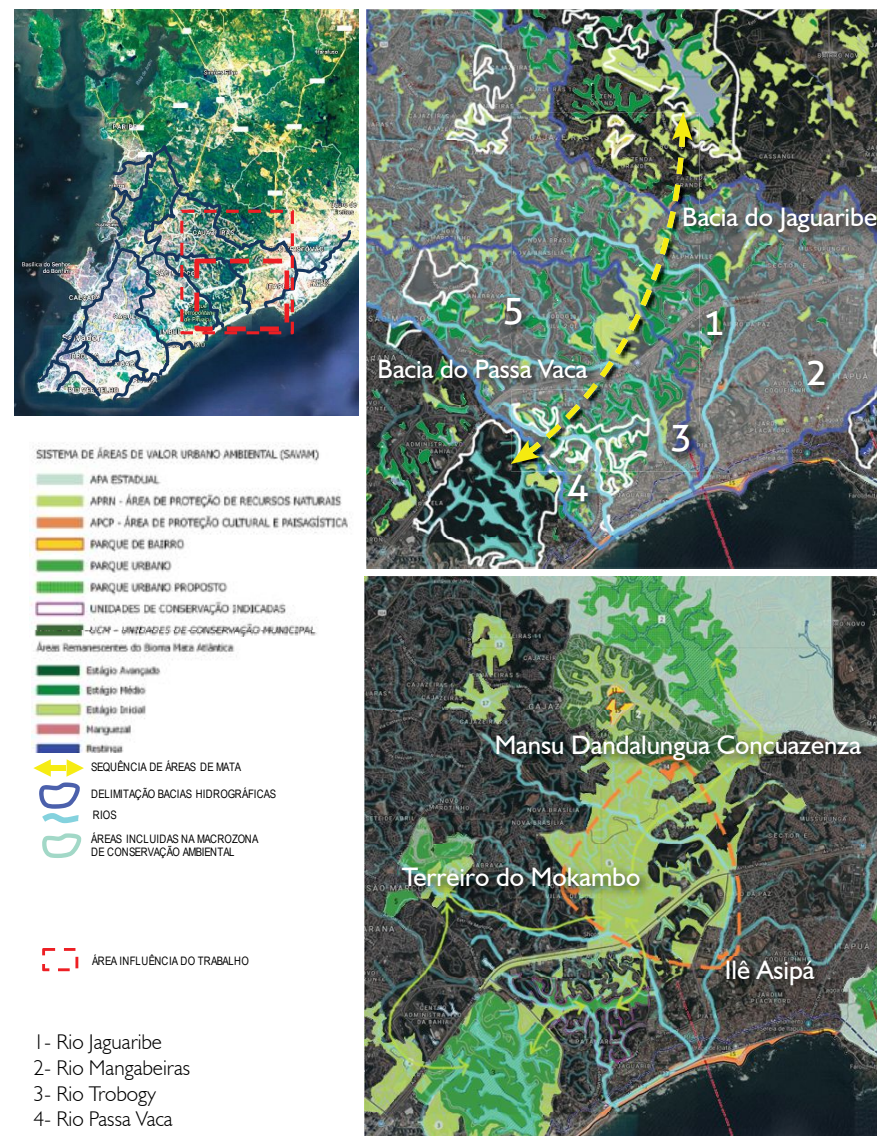
## ÁGUA E FOLHAS

Para entender como a cidade pode se relacionar da melhor forma com a natureza partimos de dois elementos mencionados em todas as conversas e considerados de suma importância tanto para o candomblé quanto para a ecologia, associados ao equilíbrio, à saúde e ao bem estar humanos: A Água e as Folhas, ou a Água e as Florestas. Assim, procurou-se entender como esses elementos estão presentes na região e que conexões constituem com o contexto mais amplo da cidade.

O recorte espacial do trabalho está situado dentro das bacias hidrográficas do rio Jaguaribe, a segunda maior da cidade em superfície, com 52,76 Km<sup>2</sup>, e do rio Passa Vaca, com 3,72 Km<sup>2</sup>. Apesar de constituírem duas unidades distintas os dois rios se encontram na foz e desaguam no Oceano Atlântico e juntas representam 18,28% do território da cidade. A foz do rio Passa Vaca possui o último remanescente de manguezal da Orla Atlântica de Salvador, um ecossistema associado à Mata Atlântica que pode ser considerado de importância oceânica, pois serve de nascedouro para diversas espécies marinhas.

Destacando-se as áreas verdes no mapa, é possível perceber que a região faz parte de uma sequência de áreas naturais que vão da borda atlântica ao interior do continente. Essas áreas apresentam remanescentes de Mata Atlântica e estão classificadas em diferentes categorias do SAVAM, mas nem todas estão incluídas na Macrozona de Conservação Ambiental. Para preservar as suas características e a biodiversidade que abrigam é fundamental promover a conexão entre essas áreas.

O vale do Rio Trobogy incluído em uma APRN no SAVAM é um ponto central dessa continuidade, além de ser uma área de natureza que está no entorno de três importantes terreiros protegidos como ACP: Ilê Asipá, Onzó Ngunzo Za Nkisi Dandalunda Ye Tempo (Terreiro do Mokambo) e o Candomblé Mansu Dandalungua Concuazenza. Como visto na conversa com o líder religioso do Ilê Asipá, essas comunidades estabelecem uma relação espiritual com a natu-



reza e as práticas religiosas não se dão apenas dentro do terreiro mas também no seu entorno. Existe uma riqueza de significado na relação com a paisagem e para manter esse patrimônio é importante não apenas proteger os terreiros em si, mas também as características do entorno que permitem a continuidade do culto e que dão um sentido de identidade àquelas comunidades. Considerando a importância da área e a fim de viabilizar a sua proteção, propõe-se a sua inclusão na Macrozona de Conservação Ambiental e em uma categoria mais específica no SAVAM.

## PROPOSTAS PARA O SAVAM - UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E CONEXÕES ECOLÓGICAS

**U.C. do Trobogy** – Para viabilizar a proteção da área propõe-se a criação de uma Unidade de Conservação, cuja categoria deverá ser definida através de estudos mais aprofundados e de um processo participativo envolvendo as comunidades que se relacionam e utilizam esse espaço. O trabalho traz como sugestão uma poligonal incluindo regiões de vale dos rios Trobogy e Mokambo e totalizando cerca de 1,68 km<sup>2</sup> ou 168,3 hectares de área protegida.

**Ampliação do Vale Encantado** – Atualmente apenas metade do Vale Encantado está caracterizada como UC indicada e a outra porção se enquadra como APRN, correspondendo às áreas públicas do loteamento Alphaville. Para uma gestão coerente e proteção efetiva dessas áreas é necessário que integrem uma única unidade, com a sua inclusão na poligonal da UC.

**Corredores Ecológicos:** Além da inclusão das áreas mencionadas acima, é importante minimizar os efeitos da fragmentação das áreas verdes, promovendo conexões ecológicas entre as áreas protegidas:

**Vale Encantado - Trobogy:** Para conectar o Vale Encantado à UC proposta do Trobogy é fundamental a recuperação da continuidade na área atrás de Cobeba, perdida com a construção da Avenida Tamburugy, chegando até a área verde pública do Shopping Paralela, onde se pode estudar as possibilidades de construção de uma passagem de fauna ligando ao outro lado da avenida.

- APA ESTADUAL
- APRN - ÁREA DE PROTEÇÃO DE RECURSOS NATURAIS
- ACP - ÁREA DE PROTEÇÃO CULTURAL E PAISAGÍSTICA
- PARQUE DE BAIRRO
- PARQUE URBANO
- UNIDADES DE CONSERVAÇÃO INDICADAS
- UCM - UNIDADES DE CONSERVAÇÃO MUNICIPAL
- CONEXÕES ECOLÓGICAS
- NOVAS APRN PROPOSTAS
- AMPLIAÇÃO DO VALE ENCANTADO



**Vale Encantado – Parque de Pituáçu:** Esta conexão, atravessando a Av. Pinto de Aguiar também é muito importante, conectando duas áreas significativas de preservação ambiental, e constituindo parte de uma continuidade maior com outras áreas.

**Conexões internas ao Vale Encantado:** A configuração do Vale Encantado apresenta vales internos, conectando-se apenas no centro e isolados pelas cumeadas urbanizadas. Propõe-se também a construção de passagens de fauna através desses condomínios nas cumeadas, possibilitando uma circulação mais livre dos animais por toda a U.C.

**APRNs Amortecimento das UCs:** Para diminuir os impactos das atividades urbanas nas áreas de preservação mais rigorosa é importante que sejam estabelecidos parâmetros específicos para a ocupação no seu entorno, com definição de usos, tipos de construção e adensamentos, entre outros fatores. Para atender a essa necessidade, propõe-se a inclusão das áreas do entorno das Ucs como APRN, para as quais deverão ser definidos os parâmetros considerados adequados.

**Ampliação das ACP do Ilê Asipá e Mokambo:** O SAVAM prevê a divisão das ACP em Área de Proteção Rigorosa (APR) e de Área Contígua à Área de Proteção Rigorosa (ACPR). Assim, para valorizar o patrimônio cultural representado pelos terreiros, ligado à uma forma própria de se relacionar com o mundo, propõe-se a extensão da proteção paisagística para o seu entorno imediato, incluindo essa área como ACPR.




## ALAGAMENTOS

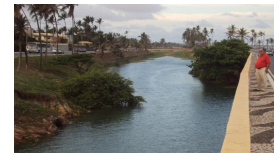
Uma das questões que está em pauta na região, apontada por pessoas de todos os grupos, com diferentes visões, são as obras de canalização dos rios. Uma moradora do condomínio Horto Ville Piatã, próximo ao rio Trobogy, e a integrante do movimento SOS Vale Encantado expressam a sua preocupação com a questão ecológica, enquanto alguns moradores do Bairro da Paz e o líder religioso do Ilê Asipá esperam que as obras possam contribuir para a limpeza dos rios Jaguaribe e Mangabeiras. O controle das muriçocas é também mencionado, principalmente pelos moradores do condomínio Solaris e do do Bairro da Paz, assim como o representante comunitário, e quase todos consideram que o problema está relacionado a um desequilíbrio ambiental. Apesar dessas questões o objetivo das obras é o de evitar os alagamentos em épocas de chuva, um problema que só é mencionado pelo representante comunitário do Bairro da Paz. Apesar de afetar tanto moradores do bairro quanto de condomínios, o problema pode não ter sido mencionado por ser eventual e portanto não representar uma preocupação no cotidiano das pessoas.

Em uma apresentação realizada pelo governo do Estado é apresentado um mapa com indicação das áreas sujeitas a enchente e fotos de áreas alagadas em épocas de chuva. São apresentados como finalidades ou objetivos das obras os seguintes pontos:

- A obra reduzirá a possibilidade de enchentes e alagamentos, dos rios Jaguaribe e Mangabeira;
- A população prejudicada é superior a 50.000 habitantes;
- 300 famílias serão remanejadas e poderão optar por novas residências do MCMV;
- As obras possibilitarão corrigir o lançamento de esgoto direto do rio Mangabeira no rio Jaguaribe;



 Áreas sujeitas a inundação



1



2



3



4



5



6

- As travessias das adutoras de abastecimento de água da Embasa, que abastecem parte da população de Salvador, serão protegidas e reforçadas evitando um colapso no abastecimento sem precedentes;
- A área da intervenção será urbanizada recebendo, onde couber, ciclovias e equipamentos esportivos e de lazer, melhorando a qualidade de vida do cidadão local, além de áreas verdes recompondo a arborização do entorno;
- O trecho da Orla (Rio Jaguaribe) receberá tratamento paisagístico com espécies arbóreas e vegetação, resistentes ao ambiente agressivo daquela região;

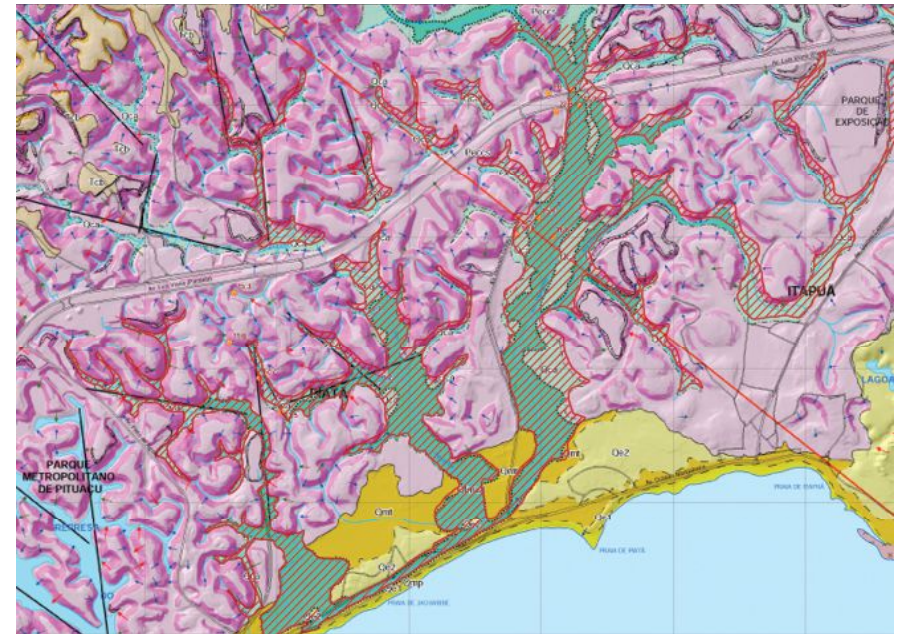
Dos pontos apresentados apenas os dois primeiros estão relacionados diretamente à canalização dos rios ou às enchentes e não estão necessariamente atrelados aos outros. A correção das ligações de esgoto, relocação de famílias em áreas de risco, proteção da travessia das adutoras, construção de ciclovias e equipamentos de lazer, arborização e tratamento paisagístico poderiam ser realizados independentemente da canalização, mas são apresentados como dependentes dessa obra. Apesar disso os alagamentos são um problema real e a hidrografia é um fator importante para a região.

## REGIME DOS RIOS

Sobrepondo as áreas indicadas na apresentação ao mapa geológico da região, percebe-se que estas correspondem exatamente aos tipos de solo considerados alagados ou sujeitos a inundações e não representam, necessariamente, as áreas inundadas pelas cheias dos rios, mas toda uma conformação da região, da qual estes fazem parte. Essa conformação é característica da foz dos rios, quando têm mais volume de água e menor velocidade, o que favorece uma maior cobertura da superfície. Essas condições refletem a configuração natural da cidade de Salvador e, para além do simples escoamento da água, integram ciclos ambientais e ecológicos.

A urbanização contribui para um aumento do volume e da velocidade com que a água escoar, devido à impermeabilização do solo e redução da sua retenção natural pela vegetação, o que, aliado à ocupação das áreas onde essas águas se acumulam, causa os inúmeros prejuízos com alagamentos. Nesse cenário, a canalização dos rios surge com o objetivo de aumentar a sua vazão, concentrando-se a água nesses “canais” para ser despejada o mais rápido possível no oceano. A canalização, porém, não impede outros fatores que contribuem para a falha do sistema de drenagem, como o entupimento de calhas e bocas de lobo pelo lixo, a própria topografia, a ocupação de áreas inadequadas e a impermeabilização do solo. Ao contrário, isso vai na contramão de uma abordagem mais ampla, integrada e sustentável, pois ao invés de partir das condicionantes reais para evitar problemas, ignora-se esses fatores e passa-se a gastar recursos em obras e manutenção para evitar ou reparar prejuízos que poderiam nunca ter acontecido. Mais importante, porém, ao encarar a natureza como um problema, perde-se de vista os grandes benefícios que ela pode nos oferecer e esforça-se para construir uma cidade como se não houvesse chuva, rios, lagoas e nascentes, negando a presença da água e a sua importância para o ambiente e o ser humano.

A canalização dos rios, em Salvador como em outras cidades, não tem sido capaz de evitar os alagamentos e menos ainda diminuir a poluição. Essa artifi-



- Áreas sujeitas a inundação
- Qfma/t - Solos argilosos, ricos em matéria orgânica e de alta plasticidade. Ocupam regiões planas e baixas, muitas vezes alagadas. Potencialidade para inundações em chuvas mais intensas.
- Qca - Solos com proporções variáveis de areia, silte e argila que influenciam na sua coesão e permeabilidade. Muitas vezes estão permanentemente saturados e o freático é muito raso a aflorante. Ambiente suscetível a assoreamento e/ou inundações em chuvas mais intensas.
- Qe2 - Dunas constituídas de material arenoso e de granulação média, coesão natural muito baixa e altos valores de permeabilidade.
- Qmt - Sedimentos esbranquiçados de granulação média. Solos hidromórficos arenosos, muito permeáveis e com baixa coesão natural. O freático varia de 0,1 a 2,4m.
- Peccs - Associação de rochas cristalinas com profundidades de 0,4 a 31 m entre rocha e solo. Os solos são siltosos a silte-argilosos. Profundidade média de freático de 10,3m.

cialização afasta a percepção do rio enquanto elemento natural na paisagem e reforça uma lógica de produção da cidade que não se responsabiliza pelos seus impactos no meio ambiente. Dois exemplos emblemáticos são o rio Camurujiipe, o maior da cidade, e o Rio das Pedras, ou “Canal do Imbui”, tamponado recentemente com grande divulgação. Como pode-se ver nas fotos a canalização não foi capaz de evitar os alagamentos no seu entorno, e os rios continuam poluídos, despejando essa água nas praias.



Alagamento no Imbui, ao lado do o Rio das Pedras canalizado.



Foz do rio Camurujiipe no Costa Azul, conhecida como Cocô Beach.



Foz do Rio das Pedras poluída, na Boca do Rio.



Alagamento no vale do rio Anhangabaú, São Paulo, em 2012



Alagamento ao lado do rio Camurujiipe canalizado.

# ÁGUAS

Reconhecendo que a região do trabalho é o trecho final e a foz de rios importantes da cidade, a hidrografia torna-se ainda mais importante e uma questão determinante para a produção do espaço. Observando o mapa com indicação das áreas sujeitas a enchente, percebe-se que muitas delas ainda não estão ocupadas e correspondem a lagoas, charcos, córregos e os leitos de cheia dos rios, locais onde a água se acumula naturalmente e não causaria prejuízos, desde que não sejam ocupadas.

A urbanização da região vem sendo feita sem levar em conta esses fatores, e como pode-se ver nas fotos, a maior parte dos problemas de alagamentos vêm exatamente pela ocupação das áreas naturalmente inundáveis. Diferentemente da abordagem atual, o trabalho procura tirar partido das características ambientais locais para construir uma cidade mais integrada à natureza e que mais do que evitar problemas, possa se beneficiar e valorizar as suas características naturais.

Salvador é beneficiada por um grande volume de chuvas e tem água em abundância. Isso no entanto tem sido considerado um problema, enquanto a captação da água que abastece a cidade é feita cada vez mais longe. É fundamental que o desenvolvimento urbano promova uma relação sustentável com a água, preservando as qualidades que a tornam viável para o uso humano e utilizando esse recurso de forma eficiente. Assim procura-se adotar uma abordagem preventiva, levando em consideração as diversas formas como a água se comporta no ambiente e interage com os seres vivos, contribuindo para manter o equilíbrio do qual o ser humano faz parte. Algumas dessas medidas são:

- Estabelecer exigências e oferecer incentivos e assistência técnica para a captação da água da chuva nas edificações, que pode ser aproveitada para usos adequados, diminuindo o desperdício e a sobrecarga no sistema de drenagem.



Áreas apresentadas onde inundações causariam problemas.

Áreas não ocupadas, onde inundações não causariam problemas.



1

2

3



4

5

6

- Criar áreas permeáveis nos lotes, em calçadas, parques, praças e estacionamento para infiltração da água no solo, recarga dos mananciais subterrâneos e diminuição do volume que chega aos rios e da poluição difusa levada por essa água.
- Implantação de um serviço eficiente de limpeza urbana para impedir a destinação incorreta do lixo, que pode causar entupimentos e poluição. Também é importante viabilizar a coleta seletiva e reciclagem, diminuindo o número de resíduos que chegam ao meio ambiente.
- Promover o acesso universal ao saneamento básico com esgotamento sanitário adequado, como uma medida fundamental para a promoção da saúde.
- Criação de um plano específico para viabilizar a despoluição dos rios. Incentivar a ocupação em áreas adequadas e evitar a ocupação de áreas sujeitas a inundação.
- Aproveitar as áreas que não devem ser ocupadas para reter a água e diminuir o volume que se acumularia mais à frente provocando inundações.

## SISTEMA DE BACIAS DE DETENÇÃO

Para lidar com a questão das inundações, o trabalho propõe um sistema de bacias de retenção ao longo do curso dos rios, que numa situação de cheia deverão acumular a água temporariamente, evitando que invada áreas já ocupadas. A implantação das bacias impede também que essas áreas sujeitas a enchente sejam ocupadas, trazendo prejuízos para a sociedade.

Bacias de Detenção: São reservatórios projetados para receber a água do curso d'água e áreas adjacentes quando esta atinge uma determinada altura e devolvê-la em uma vazão menor. Isso provoca um acúmulo e retira temporariamente aquele volume do sistema, que será devolvido à medida que o nível da água abaixa. Em condições normais o reservatório fica seco e pode ser utilizado para outras atividades ao ar livre, podendo inclusive abrigar quadras de esportes.

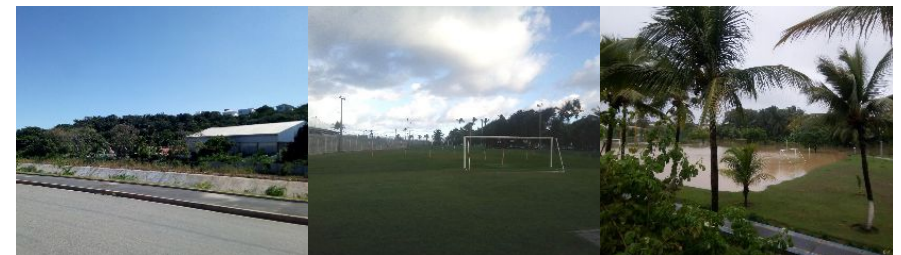


Sistema de bacia de retenção

A proposta exemplifica no recorte espacial do trabalho, e no contexto atual, um tipo de abordagem que deve levar em conta toda a bacia hidrográfica e preferencialmente fazer parte do planejamento anterior à urbanização. Entende-se que à partir do esquema apresentado, o planejamento do sistema e o projeto das bacias necessitaria de estudos mais aprofundados, atendendo aos critérios técnicos cabíveis. Ainda assim foram identificadas algumas áreas não edificadas ou cujo uso tem conflitado diretamente com o regime das águas, e que poderiam ser utilizadas para a implantação das bacias, atendendo ao interesse público e evitando prejuízos.

As áreas cuja ocupação precisaria ser ajustada são:

- 1) Adelba – Relocação do clube para um terreno do outro lado do rio.
- 2) Condomínios – As áreas livres ao fundo dos Condomínios Aldeia Jaguaribe e Jardim Piatã seriam utilizadas para promover a renaturalização do rio Trobogy (2.1.), e uma área do Jardim Piatã e do Village Piatã (2.2.) deveriam ser compatibilizada com a implantação da bacia.
- 3) Famílias nas margens do rio Mangabeiras – Essas famílias estão ocupando áreas de risco e estão sendo removidas para a obra de canalização, porém estão sendo realocadas para Cajazeiras. Propõe-se a sua realocação para áreas disponíveis no próprio bairro.
- 4) Famílias em área inundável – Essas famílias também estão ocupando uma área inadequada e têm sofrido com as inundações. Sendo uma das únicas área nesse trecho com baixa ocupação e tendo uma configuração favorável à implantação da bacia, sugere-se a elaboração, e proposição para os moradores, de um plano de realocação para uma área adjacente, demarcada como ZEIS 3.
- 5) Espaço Maanaim – Compatibilizar o uso dos espaços livres com a bacia de retenção.



1

2.1

2.2



3

4

5







Funcionamento  
Bacias de Detenção

## IMPLANTAÇÃO BACIA DE DETENÇÃO



----- Limites da Bacia de Detenção

 Área para retirada de casas

 Área para realocação

## ILUSTRAÇÃO BACIA VAZIA



## ILUSTRAÇÃO BACIA CHEIA



## INTERVENÇÕES NOS RIOS TROBOGY E JAGUARIBE

O trecho final do rio Trobogy, onde se encontra com o Jaguaribe, é um ponto crítico para inundações, que afetam os moradores dos condomínio e o clube do SESC.

Para lidar com essa situação, propõe-se a recuperação de parte das áreas ocupadas por esses empreendimentos para promover a renaturalização do curso do rio, permitindo a variação natural do seu volume sem interferência nas atividades humanas e recuperando o equilíbrio ecológico. As quadras ou quiosques existentes seriam realocados para áreas mais internas disponíveis.

- Limites da Bacia de Detenção
- Retirada de elementos
- Relocação de elementos
- Perímetro de Renaturalização
- ▭ Muretas de contenção da água



Devido à localização onde se acumula um grande volume de água, é prevista também, a utilização de algumas áreas para a construção de bacias de retenção, se necessário.



1



2



3

## SITUAÇÃO NORMAL



## EVENTO DE CHEIA











## PROPOSTA FINAL - SAVAM

À partir da identificação das áreas mais propensas à inundação, adota-se uma estratégia preventiva, em favor da qualidade ambiental e de uma lógica sustentável de ocupação do solo urbano. Assim propõe-se a inclusão dessas áreas no SAVAM como APRN, onde deverão ser adotadas condições específicas para a ocupação.



### SISTEMA DE ÁREAS DE USOS URBANOS AMBIENTAIS (SAVAM)

-  APA EDIFÍCIOS
-  APRN - ÁREA DE PROTEÇÃO DE RECURSOS NATURAIS
-  APR - ÁREA DE PROTEÇÃO CULTURAL E PATRIMÔNIO
-  MARQUE DE BARRIO
-  PARQUE URBANO
-  PARQUE URBANO PROPOSTO
-  ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO URBANA
-  UCM - UNIDADES DE CONCENTRAÇÃO MUNICIPAL



## FLORESTAS

Existe uma íntima relação entre a água e as florestas que estabelece um equilíbrio favorável para o desenvolvimento da vida. Enquanto a água é essencial para sustentar uma rica vegetação, a floresta é um elemento de suma importância para a proteção dos mananciais e para a presença da água potável no ambiente. A presença da vegetação favorece um maior equilíbrio entre os períodos de cheia e de seca, já que intercepta e retém parte da água que chegaria aos rios e propicia uma maior infiltração da água no solo, recarregando os mananciais subterrâneos. As plantas têm a capacidade de retirar água do solo e através da evapotranspiração mantêm um nível relativamente constante de umidade do ar, contribuindo para a formação das chuvas e impulsionando a circulação da água que se torna disponível para os seres vivos em diversos nichos ecológicos. Esse ambiente oferece condições favoráveis para a hidratação, alimentação e reprodução de diversos animais e assim estima-se que as florestas úmidas conseguiram produzir grande parte da biodiversidade do planeta.

**Recuperação das Matas Ciliares:** As matas localizadas nas bordas de rios, lagos e nascentes podem ser consideradas especialmente importantes para a manutenção desse equilíbrio, pois evitam a erosão das margens que causaria o acúmulo de sedimentos na calha do rio, diminuindo a sua capacidade de vazão e contribuindo para maiores inundações nas enchentes. Além disso o material carregado para o rio causa turbidez na água e deteriora a sua qualidade, o que é ainda mais grave em áreas urbanas devido à presença de lixo e poluentes que podem ser levados até o rio. Ao reter parte da água, por outro lado, a vegetação diminui o volume que se acumularia mais à frente, diminuindo a possibilidade e a intensidade das enchentes. Por fim a presença da vegetação é fundamental para a manutenção da biodiversidade no meio ambiente aquático, onde o equilíbrio ecológico evita a reprodução excessiva de animais que podem ser prejudiciais à saúde humana, como alguns insetos, e mantém esses animais no seu habitat, ao invés de procurarem áreas ocupadas pelo ser humano.

Assim, aliada à implantação das áreas de retenção e da adoção de outras medidas preventivas, o trabalho propõe a recuperação das matas ciliares nas margens dos rios, onde for possível, não apenas para evitar problemas com



Mata ciliar

enchentes e o excesso de muriçocas, mas também para a construção de uma cidade que ao invés de se contrapor à Natureza, possa aceita-la e se usufruir de diversos benefícios que a natureza pode oferecer e que não são substituíveis por medidas tecnológicas isoladas. Alguns desses benefícios são:

- A presença da vegetação contribui para temperaturas mais amenas.
- Pode reduzir o nível de ruídos urbanos.
- Promove o equilíbrio ecológico e evita a proliferação de insetos como muriçocas e mosquitos da dengue.
- Algumas plantas aquáticas contribuem para reduzir o nível de poluição da água.
- A vegetação evita a erosão e o assoreamento dos rios, preservando a sua capacidade de escoamento e a qualidade da água.
- Reduz a velocidade da água, favorecendo a infiltração no solo e a recarga dos mananciais subterrâneos.
- Rios e matas ciliares funcionam como corredores ecológicos, conectando outras áreas preservadas na cidade.
- Propicia diversas formas de relação com a Natureza (espirituais, de contemplação, lazer, obtenção de alimento, promoção da saúde, geração de renda, entre outras).

## SISTEMA DE ÁREAS VERDES “VALORIZAÇÃO DE TODOS OS ESPAÇOS”

Entendendo o ser humano como parte da Natureza, e a importância de compatibilizar a urbanização com a manutenção do equilíbrio natural, deve-se também reconhecer a importância de compatibilizar a preservação da natureza com a presença humana e que, principalmente dentro da cidade, para viabilizar a proteção dos espaços naturais é necessário valorizar os diferentes usos que esses espaços permitem. Observando-se essa diversidade de usos, mais uma vez dá-se conta da dimensão que a Natureza assume diante da vida humana e, para além do seu valor utilitário, pode-se perceber a riqueza de significados, formas de ver, se relacionar e estar em contato com a Natureza estabelecidas pelas pessoas.

Assim, a partir das formas de relação e valorização identificadas e critérios e definições apresentados, o trabalho propõe a criação de um sistema de áreas verdes, conectando áreas fragmentadas e conformando um circuito que permeia e compõe o tecido urbano, afirmando a presença da Natureza na paisagem e tornando-a parte da Cidade. Essas áreas, com diferentes características, contribuem para a promoção da qualidade ambiental e da saúde física e espiritual da população e possibilitam a realização de atividades variadas.

Com o objetivo de valorizar as diversas formas de relação com a Natureza e aproveitar os diferentes benefícios que ela pode oferecer, propõe-se a seguinte classificação, a partir do grau de intervenção humana e forma de inserção desses espaços na cidade:

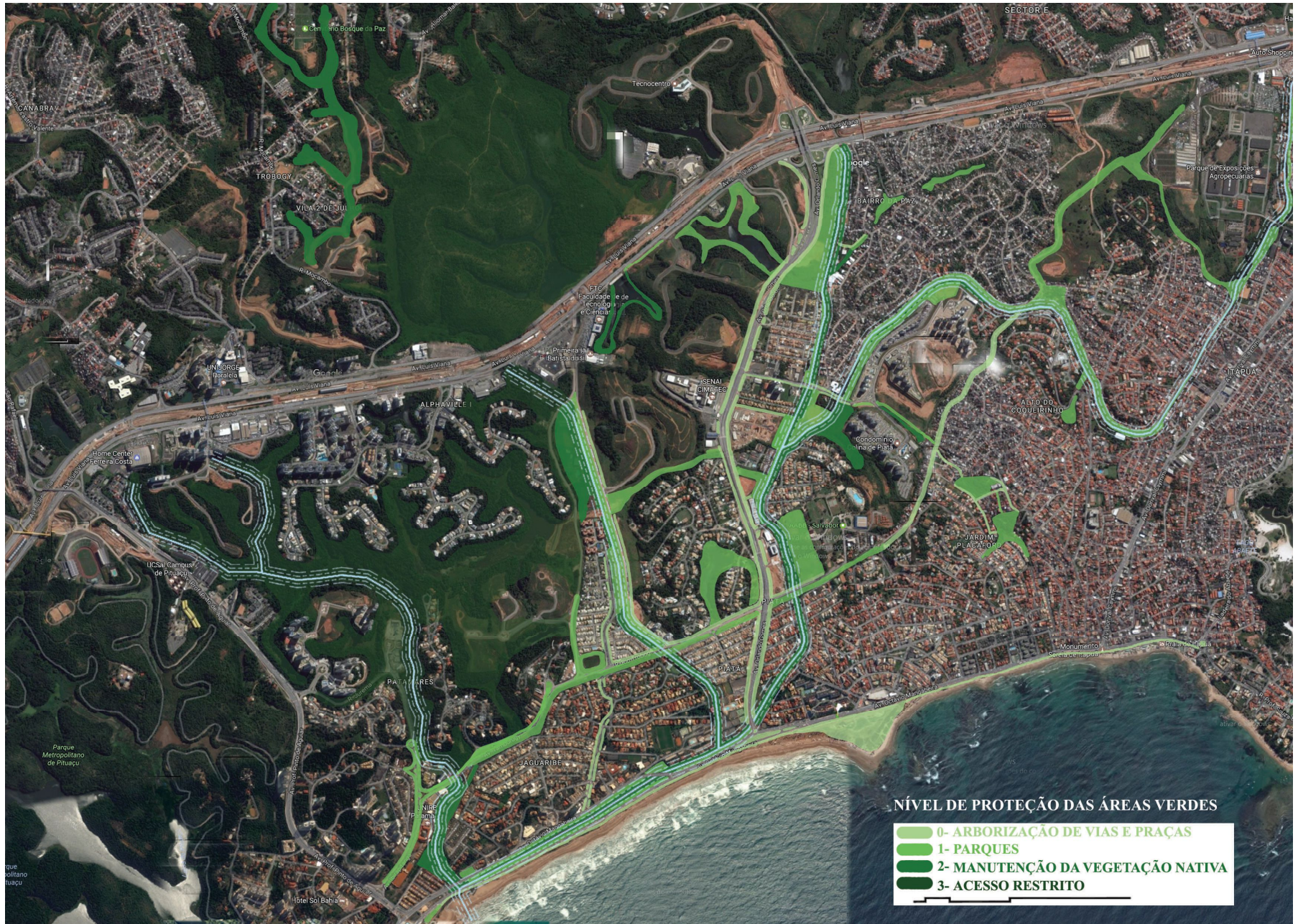
1 – Arborização de vias, praças e canteiros: Espaços livres públicos onde a vegetação é utilizada para embelezar, garantir maior conforto para o usuário e contribuir com a sua presença para uma maior qualidade ambiental da cidade como um todo. Serão priorizadas as espécies nativas e exóticas consideradas adequadas, com especial ênfase para as nativas, evitando-se aquelas que possam causar danos às calçadas e fiações ou que dificultem a limpeza urbana.

2 – Parques e áreas verdes urbanas: Áreas destinadas à promoção de maior qualidade ambiental na cidade, assim como ao usufruto da população para diversas atividades culturais, religiosas, produtivas, de lazer entre outras, onde a vegetação é protagonista. Serão priorizadas as espécies nativas adequadas para cada situação, como frutíferas, ornamentais, de importância ecológica, religiosa, entre outras, e as exóticas que sejam consideradas importantes. Poderão ser desenvolvidas atividades produtivas que promovam a geração de renda e meios de sobrevivência para a população, como a implantação de hortas e agroflorestas comunitárias, cultivo de plantas ornamentais e de importância econômica, produção de mudas e sementes, produção de composto orgânico, entre outras.

3 – Preservação da Vegetação Nativa: Áreas onde serão adotadas medidas para a preservação e recomposição da fauna e principalmente da flora nativas, bem como dos processos ecológicos naturais. Essas áreas localizam-se principalmente nas margens dos rios e não terão restrição de acesso, apenas será realizada a fiscalização periódica para acompanhar o impacto das atividades humanas e adotar medidas para a sua redução. Deverão ser realizadas também campanhas de educação ambiental, aproximação da população aos objetivos da preservação e conscientização sobre formas sustentáveis de utilização dessas áreas. Deverá ser feito o acompanhamento e controle das espécies exóticas, evitando-se aquelas que não tenham maior importância religiosa ou ecológica para aquele ecossistema.

4 – Áreas de Proteção Rigorosa São as Unidades de Conservação Integral, de maior controle, visando preservar a dinâmica ambiental o mais inalterada possível e oferecer um refúgio para as espécies animais e vegetais nativas. Serão desenvolvidas atividades constantes de acompanhamento da flora e da fauna e serão adotadas medidas para fortalecer as populações e o equilíbrio ecológico. Serão permitidas atividades de tipo e frequência que não causem impactos significativos no equilíbrio natural da área. Não será permitida a introdução de espécies exóticas, a não ser aquelas de importância religiosa pelos grupos que já utilizam a área, ou espécies que possam ser utilizadas estrategicamente pela sua importância ecológica, o que deverá ser feito em acordo com um corpo técnico, visando atender tanto aos objetivos das comunidades quanto os da proteção dos ecossistemas nativos.





## BACIA DE DETENÇÃO, REGIÃO DA AABB



## BACIA DE DETENÇÃO RIO JAGUARIBE



## 6.2 MOBILIDADE

## REDE DE CONEXÕES

A região estudada está na interseção de importantes corredores de transporte coletivo, previstos no PDDU, e tomando-os como referência de conexão com a cidade, o trabalho se concentra especialmente na mobilidade interna. São propostas novas conexões, ampliando e consolidando uma rede capaz de facilitar a circulação das pessoas por toda a região e possibilitar uma maior apropriação do território por todos os cidadãos

As intervenções viárias voltadas para o carro individual, apesar de consideradas positivas por facilitar o acesso, não têm contribuído para a construção de uma cidade mais dinâmica e democrática. Enquanto a maioria dos moradores do Bairro da Paz utiliza principalmente o transporte coletivo, ou se desloca a pé ou de bicicleta, os moradores dos condomínios, mesmo deslocando-se principalmente de carro, têm queixas quanto ao que consideram uma dependência, pela falta de atividades próximas e a sensação de insegurança no entorno “deserto”. Desse modo a proposta prioriza a mobilidade não motorizada, responsável por grande parte das viagens, e entendida como capaz de promover uma maior apropriação do espaço público pelas pessoas, favorecendo a implantação de atividades voltadas para a demanda local e contribuindo, de forma geral, para uma cidade mais viva e segura.

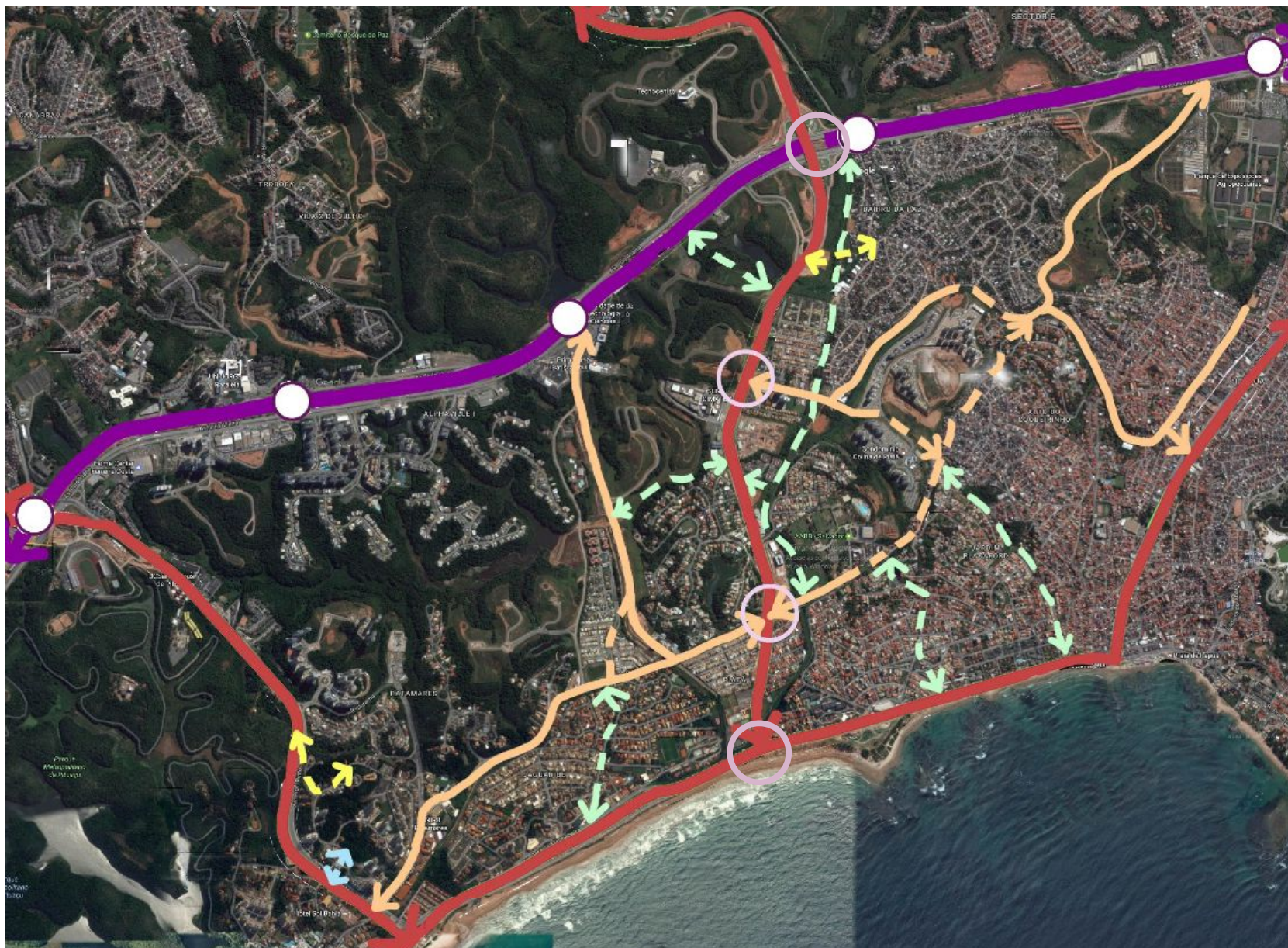
### **Conexões Intermodais**

A Orlando Gomes é o elemento central da região e com a implantação do sistema BRS na Linha Vermelha torna-se ainda mais importante a ligação entre as áreas residenciais e esta avenida. Apesar de não ser o foco do trabalho, pela dimensão espacial e amplitude das questões trabalhadas, ressalta-se a necessidade de se planejar a integração intermodal e a microacessibilidade de forma eficiente, garantindo o conforto e a segurança do pedestre e a eficiência do sistema. Assim, as interseções entre a Orlando Gomes e as suas vias transversais, Rua da Gratidão, Rua Rio Trobogi e Rua Deputado Paulo Jackson, são pontos nodais de encontro e distribuição de fluxos, que fazem a conexão entre

a escala local e a escala da cidade. Nesses pontos são identificados terrenos vazios que podem ser utilizados no futuro para a implantação de estações intermodais, que realizem a integração entre o sistema de média capacidade e o transporte público local, contando ainda com estacionamentos, bicicletários e outras instalações de apoio. O encontro da Orlando Gomes com a Av. Octávio Mangabeira (Orla) é outro nodal importante e a área disponível no canteiro central existente pode ser utilizada a implantação de uma estação de conexão entre esses dois eixos. Com relação à integração com o Metrô na Paralela, cuja estação já está construída, levanta-se a possibilidade de utilização das áreas remanescentes do viaduto para a implantação das estações, já que estão em uma localização bastante vantajosa, mas que dificilmente seriam aproveitadas para outros usos.



# REDE DE CONEXÕES



## ALTERAÇÃO DO SISTEMA VIÁRIO PROPOSTO NO PDDU

Para estabelecer um diálogo com o PDDU, é apresentada uma alternativa à proposta atual para o sistema viário, de modo a atender às demandas e expectativas identificadas e aos objetivos propostos pelo trabalho. Para isso considerou-se pertinente a eliminação de algumas vias, bem como a modificação das características de outras e ainda a inclusão de novas vias não previstas, especialmente aquelas exclusivas para a mobilidade não motorizada, de que o instrumento não trata.

### Vias eliminadas

1) *Linha Viva* - A construção dessa via causará grandes impactos ambientais e sociais, atravessando áreas de proteção, bairros e separando comunidades, com altos custos e sem, no entanto, representar uma solução real e sustentável para a mobilidade urbana.

2) *Vias na UC Trobogy* – Com a criação da UC do Trobogy essas vias tornam-se desnecessárias e estariam cruzando por dentro da unidade proposta.

3) *Via Atlântica* - Essa via expressa atravessaria o Parque de Pituagu e o Vale Encantado. O seu trajeto é redundante com a Orla e a Paralela e parece atender unicamente a um cenário de utilização máxima do automóvel individual, o que deveria ser desencorajado em busca de uma mobilidade e uma cidade sustentáveis.

4) *Avenida Tamburugy* – Essa via deve ser eliminada para a ampliação do Vale Encantado e com a relocação das poucas construções a que dá acesso o deslocamento que ela permite pode ser feito pela outra via existente ao lado.

5) *Via Arterial trecho 1* – Esta Via Arterial seria uma continuação da Via Atlântica e num contexto de priorizar o transporte público e a mobilidade não motorizada, em favor de uma maior qualidade do espaço para as pessoas, esse trajeto pode ser realizado pela rua Rio Trobogi existente.



### REDE VIÁRIA ESTRUTURAL (RVE)

-  Via expressa existente
-  Via expressa a construir
-  Via arterial existente
-  Via arterial a construir
-  Via arterial a duplicar

### REDE VIÁRIA COMPLEMENTAR (RVC)

-  Via coletora existente
-  Via coletora a construir
-  Via coletora a ampliar

6) *Via Arterial trecho 2* - A construção de uma via arterial nas margens do rio Jaguaribe e ao lado do Ilê Asipá causaria grandes impactos nas dinâmicas ambientais e na relação que a comunidade estabelece com o entorno. Além disso o deslocamento que ela permite pode ser feito através das vias existentes.

### Vias modificadas

7) *Via Arterial > Via Coletora*: A construção de uma via arterial causaria grandes impactos no espaço e na dinâmica do Bairro da Paz, com o potencial de introduzir novas atividades, voltadas para uma demanda externa, e que venham a substituir os vínculos atuais dos moradores. Considera-se que uma via Coletora seria mais adequada para atender às necessidades de deslocamento e acesso ao bairro, permitindo o desenvolvimento de atividades que estão mais relacionadas ao cotidiano local além de ser menos agressiva com relação às margens do rio Mangabeiras.



Av. Tamburugy



Beira Rio, Bairro da Paz



Local onde seria construída a via arterial em continuação com a Via Atlântica



## PROPOSTA ALTERNATIVA PARA O SISTEMA VIÁRIO

### Vias propostas

*Via Coletora na Baixa do Tubo* - A conexão viária que vai da Orlando Gomes até o Bairro da Paz, pela região da Baixa do Tubo, já existe, porém com algumas discontinuidades. A construção de uma ligação mais fluida, como via coletora (já prevista no PDDU), oferecerá mais uma opção de acesso para os moradores do entorno, alternativa à Orla, e atrairá fluxos para o interior, constituindo uma nova centralidade e contribuindo para a integração da região. Deve-se atentar, porém, para que a construção dessa via não desagregue as relações existentes e provoque a exclusão dos moradores e usuários atuais.

*Ligação da Rua da Gratidão à Baixa do Tubo*: A ligação viária entre a rua da Gratidão e a Baixa do Tubo aparece no PDDU como Via Coletora existente, porém o que existe é um acesso informal sem pavimentação e sem acesso de carro. Potencializar essa conexão poderá intensificar o contato entre os bairros, favorecer novas relações e uma maior integração da região como um todo, desde que sejam previstas estratégias para assegurar a presença dos atuais moradores.






*Ligação transversal da Orlando Gomes à Paralela*: É proposta uma via em um ponto de topografia menos íngreme e em continuidade com a Rua da Gratidão, dando acesso às colinas a Oeste da Orlando Gomes e promovendo uma conexão entre a Paralela e o interior da região.

*Nova ligação do Bairro da Paz à Orlando Gomes*: Essa via surge de uma demanda apresentada por um representante comunitário do Bairro da Paz, para permitir mais um acesso do bairro à Paralela no sentido do centro. Esse acesso permite a realização do retorno no viaduto, já que depois da implantação do Metrô o retorno mais próximo está em São Cristóvão.

*Nova ligação de Patamares à Av. Pinto de Aguiar*: A conexão viária direta entre a Colina A de Patamares e a Av. Pinto de Aguiar pode otimizar o acesso e reduzir o trânsito de veículos por outras vias internas do bairro.



#### REDE VIÁRIA ESTRUTURAL (RVE)

-  Via expressa existente
-  Via expressa a construir
-  Via arterial existente
-  Via arterial a construir
-  Via arterial a duplicar

#### REDE VIÁRIA COMPLEMENTAR (RVC)

-  Via coletora existente
-  Via coletora a construir
-  Via coletora a ampliar

## Vias para pedestres e ciclistas

Via ao longo do Rio Jaguaribe: Conexão longitudinal, independente da Orlando Gomes e do trânsito de veículos, podendo constituir-se em uma opção de trajeto agradável ao longo do rio.

*Ligação Orlando Gomes Paralela:* Acesso à Paralela integrado às margens da lagoa.

*Ligação da nova via ao interior de Itapuã:* Essa ligação seria a implantação de uma ciclorrota, aproveitando algumas vias existentes e adequando-as para uma circulação prioritária ao ciclista.

*Ligação da Orlando Gomes à região do rio Trobogy (Piatã):* Ao invés de uma Via Arterial essa via faria uma descida mais suave pela margem da colina, causaria menores impactos e favoreceria uma forma diferente de mobilidade nessa área.

*Ligação da região do HortoVille Piatã a Jaguaribe:* A abertura de um trecho do condomínio Aldeia Jaguaribe para a passagem de pedestres, possibilita a conexão entre dessa região interna de Piatã à Orla, reduzindo o isolamento da área e favorecendo uma utilização mais dinâmica.

A partir das conexões evidenciadas, o trabalho propõe a construção de uma rede de mobilidade integrada às áreas verdes, oferecendo caminhos agradáveis através dos quais as pessoas possam vivenciar a cidade e a Natureza no seu cotidiano. Com a criação desse circuito, busca-se compatibilizar as necessidades de maior intensidade de atividades urbanas, voltadas para uma demanda local, e de preservação dos espaços naturais, dando acesso a esses espaços com diferentes graus de proteção para permitir diferentes tipos de relação e benefícios que podem oferecer.

Para atender às diversas necessidades de deslocamento, são previstas diferentes tipologias, como vias exclusivas para a mobilidade não motorizada, ciclovias, pisos compartilhados, vias de baixa velocidade e vias convencionais, procurando, entretanto, reduzir a prioridade dada ao automóvel. Tornando a cidade mais confortável para o pedestre, procura-se atrair as pessoas para o espaço público e, através desse circuito, criar uma continuidade permeando e conec-

tando diferentes bairros da região. Espera-se ainda que isso possa favorecer uma maior circulação das pessoas por toda a região, reforçando o vínculo com o lugar onde moram e que através da paisagem contribuir para a criação de uma identificação em comum.



Interrupção da continuidade da rua Deputado Paulo Jackson



Local para construção da via de ligação com a Paralela. deve ser mantida a permeabilidade do solo nas áreas mais baixas.

## REDE DE CAMINHOS





Proposta de via coletora com tratamento para compatibilizar o transito de veículos com a apropriação do espaço pelos pedestres.



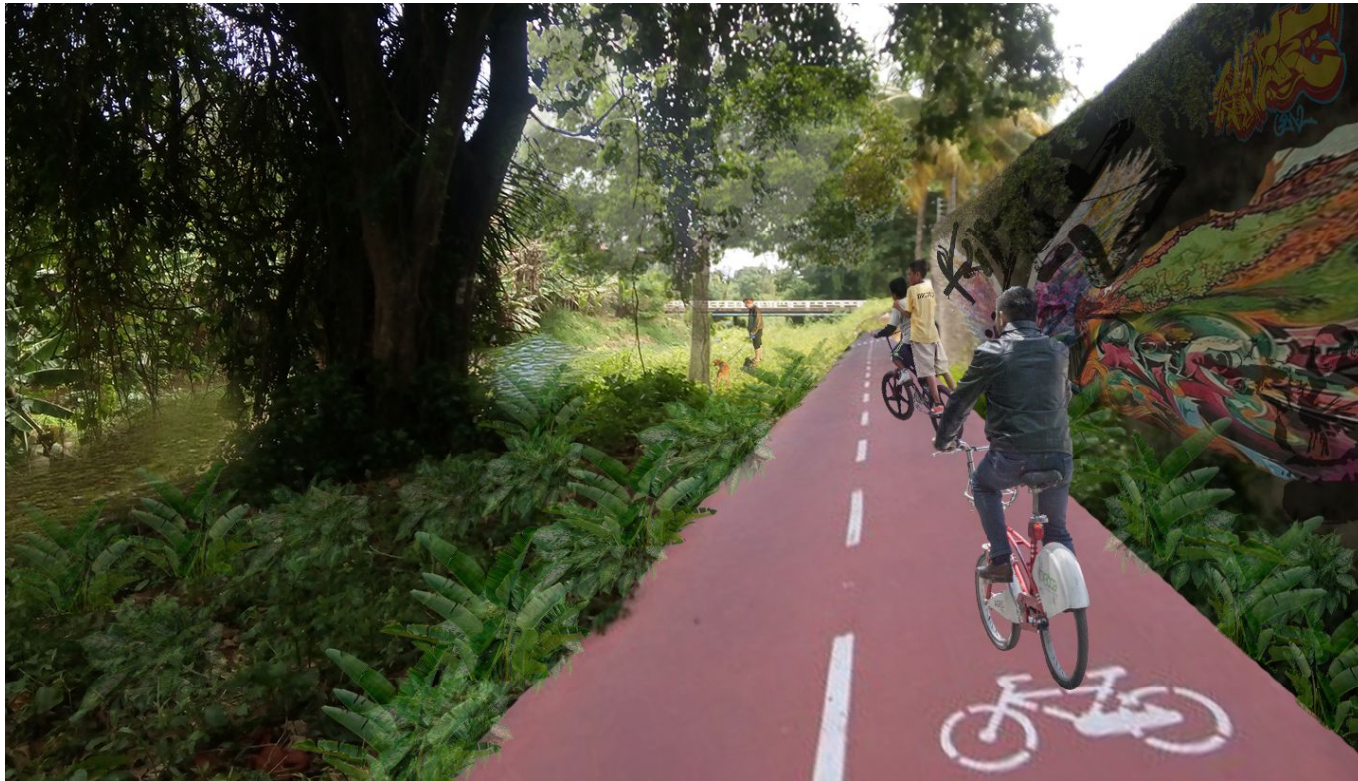


Proposta de conexão entre a rua da Gratidão com a nova via da Baixa do Tubo.





Proposta de parque linear com implantação de ciclovia às margens do Rio Jaguaribe.





Proposta de ciclovia conectando a Orlando Gomes com a Paralela pela margem da lagoa e a sua qualificação para uso de lazer da população.



## 6.3 USO E OCUPAÇÃO



## Condicionantes estruturais da ocupação

O aumento da urbanização ao longo da Paralela é uma realidade que vem se concretizando rapidamente. Como discutido anteriormente, a região do trabalho é significativa para se pensar esse processo, apresentando tanto uma importância ambiental quanto urbana, com a tendência a tornar-se uma centralidade. Assim surge o debate sobre os impactos desse crescimento, tanto nas dinâmicas ambientais quanto sociais existentes, e a disputa sobre quais são os critérios que deverão guiar o desenvolvimento. Para contribuir com o debate, procura-se apresentar uma proposta que aponte no sentido de integrar o desenvolvimento urbano com a preservação da natureza, compatibilizando os benefícios que podem oferecer ao ser humano. Ao mesmo tempo entende-se que o desenvolvimento da cidade deve contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes, sendo importante a participação e a apropriação desses benefícios pelos moradores locais.

A partir dos objetivos propostos e das questões identificadas na análise, o trabalho parte das características naturais como condicionantes da ocupação, identificando as áreas a serem protegidas e os cuidados necessários. A isso soma-se a rede de mobilidade, para então definir os locais e o tipo de ocupação que poderá atender às demandas e expectativas dos moradores, bem como ao novo papel que essa região tende a desempenhar na cidade. Para compatibilizar a preservação dos espaços naturais com um aproveitamento eficiente da terra urbana, deu-se prioridade à proteção das áreas consideradas de maior importância ambiental, ecológica, ou cultural, como as áreas de mata mais preservada, as áreas necessárias à conexão ecológica e os rios e suas margens, onde a construção deve ser restrita. Além disso, considera-se importante minimizar o impacto das atividades urbanas nesses ambientes, permitindo adensamentos menores no seu entorno. Evita-se também a ocupação de áreas naturalmente inundáveis e recomenda-se, para esses locais e áreas próximas, a adoção de medidas mais rigorosas quanto à drenagem, exigindo-se maiores índices de permeabilidade e medidas de controle da vazão na fonte, como o armazenamento da água da chuva.

A região, por outro lado, tem grande potencial para abrigar novas pessoas e atividades, contribuindo para o crescimento de Salvador com qualidade e atendendo ao desejo dos moradores por uma maior proximidade a opções de trabalho, comércio, serviços e vida urbana. Procura-se, então, identificar as áreas onde um maior adensamento é desejável, como as bordas das principais vias de mobilidade e estações de transporte coletivo e, para equilibrar a redução da ocupação nas áreas de importância ambiental, procura-se promover um maior adensamento em outras áreas mais adequadas.

### **Áreas de preservação ambiental:**

- Unidades de Conservação
- Zonas de amortecimento
- Rios

### **Áreas de proteção paisagística:**

- Orla Atlântica
- Terreiro Ilê Asipá
- Terreiro do Mokambo

### **Geologia**

- Solo indicando a propensão natural ao acúmulo de água
- Solo arenoso característico de dunas
- Solo "firme"

### **Mobilidade**

- Linha de Metrô
- Linhas de BRT/BRS

## CONDICIONANTES ESTRUTURAIS DA OCUPAÇÃO



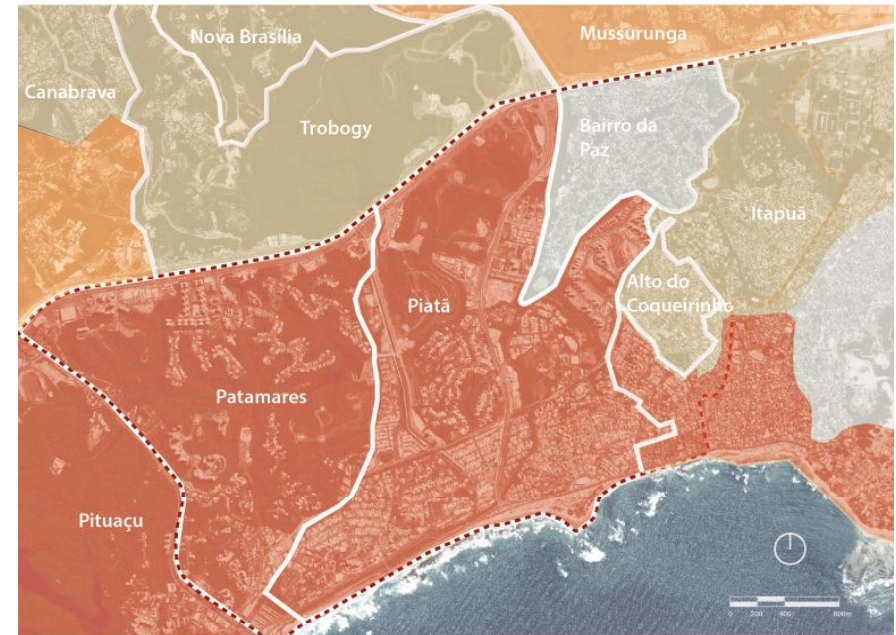
## CONDICIONANTES SOCIAIS DA OCUPAÇÃO

Para além de uma visão apenas utilitária ou tecnicista, entende-se que as formas de ocupação e uso do espaço estão relacionadas a formas de estar no mundo e o seu planejamento diz respeito à ideia de cidade, paisagem e vida urbana que se deseja alcançar. A aplicação das diretrizes apresentadas deve ser compatibilizada, portanto, com a ocupação atual e as relações existentes, buscando atender da melhor forma às necessidades e expectativas dos moradores, mas não pode fugir de uma interpretação e de um posicionamento próprios frente a essas questões.

A região apresenta diferentes formas de ocupação e utilização do espaço, assim como diferentes formas de relação social, associadas a especificidades culturais, mas marcadas por grandes desigualdades, relacionadas à exclusão histórica da população negra, perpetuada pelo planejamento. Essas diferenças de inserção social se traduzem em perspectivas e necessidades distintas, assim como em posições diferentes diante dos impactos da nova onda de urbanização, influenciando na capacidade dos grupos de participar das decisões, se apropriar das oportunidades e se inserir de forma autônoma na nova situação.

Assim, a partir de uma ideia de cidade como um suporte à vida e às relações sociais, procura-se equacionar as diferentes visões e objetivos para apresentar uma proposta que, se não for capaz de atender integralmente a todos os interesses, tenta construir algo em comum, uma interseção possível, negociando-se as diferenças e distribuindo os ônus e bônus de forma equânime, na busca pela construção de uma cidade mais democrática.

Dessa forma, torna-se necessário equilibrar as possibilidades de adensamento e usos com os impactos que a valorização econômica do solo urbano pode ter sobre a permanência dos moradores em maior vulnerabilidade socioeconômica e que tem sofrido historicamente diversos tipos de violência por parte desses grupos. Assim procura-se adotar medidas que fortaleçam a permanência desses moradores e ofereçam um maior suporte para a sua inserção na cidade.



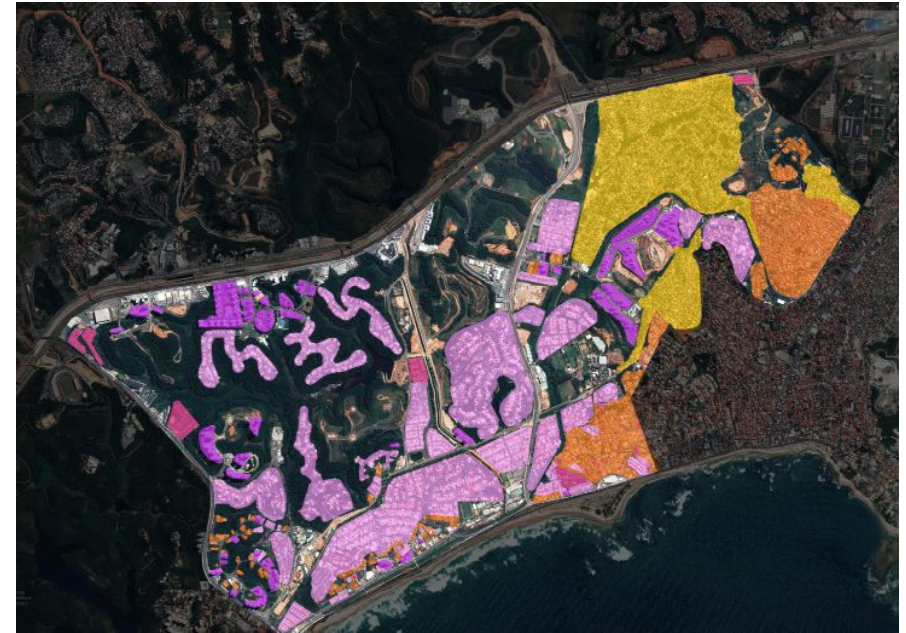
----- Poligonal de estudo

Fonte: Santos et al., Caminho das Águas em Salvador, 2010.  
Cidade Map 2017, IBGE 2010 and CONDER/INEC/MS/CEPIS 2014

### Tipologia Sócio-Espacial

- média - superior
- média
- popular
- popular - inferior

Existem também áreas onde a densidade e a diversidade de uso são muito baixas e onde há o interesse em promover uma vida urbana mais intensa. Assim, adotam-se parâmetros que permitam uma dinamização das formas de apropriação do espaço e um maior aproveitamento do solo, especialmente nas bordas das avenidas. Entendendo que esses moradores possuem maior capacidade econômica e social para resistir a possíveis pressões, nessas áreas a principal preocupação é com os impactos da urbanização no equilíbrio ambiental da cidade e com a manutenção da paisagem desejada, desde que isso não signifique um privilégio individual em detrimento de direitos coletivos.



### Tipologias de habitação

- Prédios
- Condomínios fechados horizontais
- Conjuntos de prédios baixos
- Casas
- Bairro oriundos de ocupação informal

## SUGESTÕES DE ALTERAÇÃO DO ZONEAMENTO










Considerando o zoneamento da LOUOS como o instrumento atual de definição dos usos e parâmetros permitidos, o trabalho apresenta uma sugestão de alteração desse zoneamento, a partir da abordagem e dos objetivos propostos. Questiona-se porém a vinculação dos índices de ocupação a certos usos para as zonas e por esse motivo optou-se pela adoção de zonas correlatas às atuais, mas relativizando-se as permissões de usos, sem no entanto fixar novas regras, o que exigiria estudos além da capacidade deste trabalho.

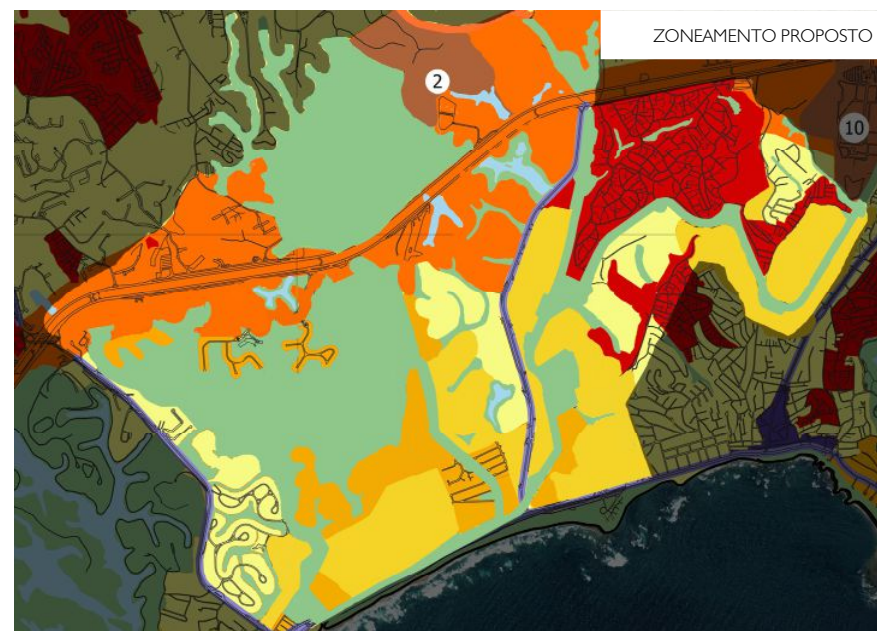
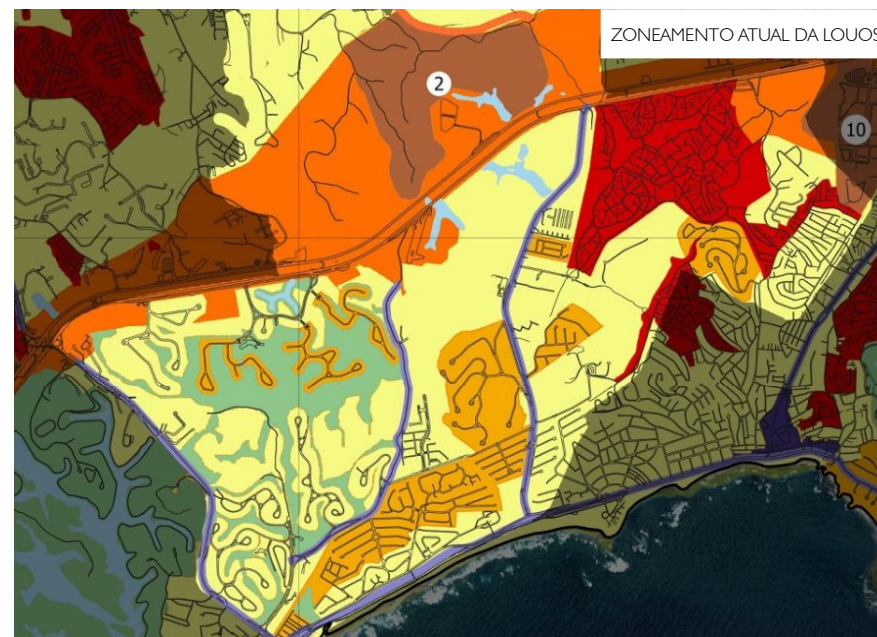
São propostas as seguintes alterações:

**ZPAM:** U.C. do Trobogy: Com a criação dessa Unidade de Conservação e a sua inclusão na Macrozona de Conservação Ambiental, essa área deve ser classificada pelo zoneamento como ZPAM, para garantir os cuidados necessários à sua proteção.

**Vale Encantado:** Com a ampliação da U.C. do Vale Encantado é necessária a classificação das áreas acrescidas como ZPAM.

**Áreas de amortecimento:** A ocupação no entorno das áreas de proteção mais rigorosa deve obedecer a critérios específicos para minimizar o impacto da cidade nas suas dinâmicas ambientais e ecológicas. Em alguns pontos mais importantes essas áreas são classificadas como ZPAM e são incluídas, também, algumas áreas de vale onde deve-se manter a permeabilidade do solo.

-  ZCLMe - Zona Centralidade Linear Metropolitana
-  ZCLMu - Zona Centralidade Linear Municipal
-  ZCMe - Zona Centralidade Metropolitana
-  ZEIS - Zona Especial de Interesse Social
-  ZPR 1 - Zona Predominantemente Residencial 1
-  ZPR 2 - Zona Predominantemente Residencial 2
-  ZPR 3 - Zona Predominantemente Residencial 3
-  ZUE - Zona de Uso Especial
-  ZPAM - Zona de Proteção Ambiental



**APPs dos Rios:** Propõe-se a inclusão dos rios e das Áreas de Proteção Permanente nas suas margens como ZPAM, compatibilizando o planejamento municipal com a legislação federal e legitimando a sua influência para a cidade. Para isso adotou-se como padrão a dimensão de 30 metros, que deve, entretanto, ser compatibilizada com as ocupações existentes em situações específicas.

**Praia:** É proposta, também, a inclusão das praias como ZPAM, já que são espaços naturais, compondo ecossistemas e onde existem usos de lazer, obtenção de alimento e geração de renda, que podem ser prejudicados pela poluição e outros impactos.

**ZCMe:** Com a retirada da área relativa à U.C. do Trobogy da ZCMe, propõe-se a inclusão de outras áreas, entre a Paralela e a Orlando Gomes e na região do Alphaville mais próxima à avenida. Sugere-se também a possibilidade de redução da ZUE do Centro Tecnológico e inclusão da porção mais distante da U.C. e mais próxima da interseção entre a Paralela e a 29 de Março na ZCMe.

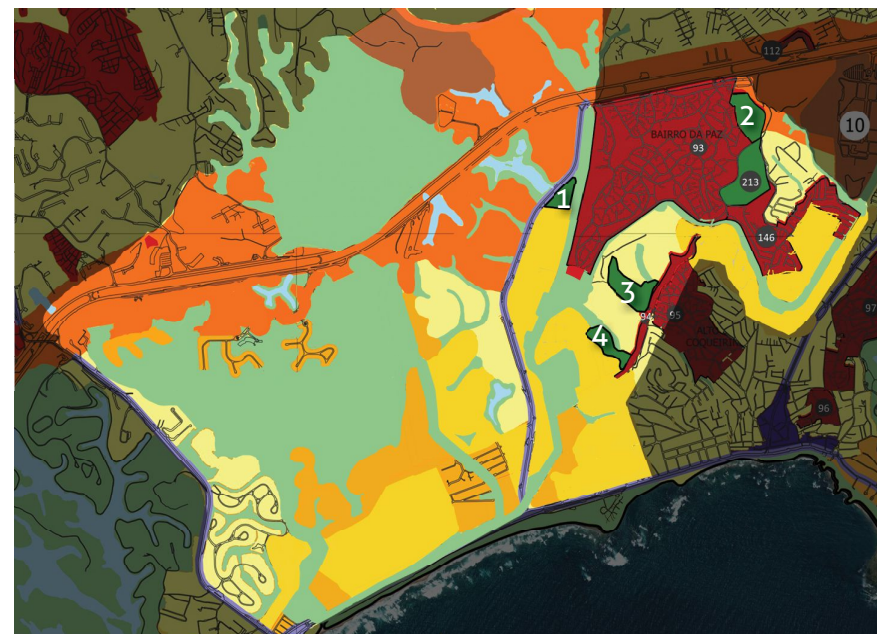
**ZCLMu – Avenida Tamburugy:** Essa zona é considerada inadequada pela pouca importância que essa via tem para a cidade e pelos impactos que causaria no Vale Encantado. Assim, com a eliminação da via para ampliação da U.C. elimina-se a ZCLMu.

**ZEIS:** Para fortalecer o direito à moradia na região, frente à valorização crescente e aos impactos das próprias intervenções propostas, são identificados terrenos vazios passíveis de ser transformados em ZEIS:

**ZEIS 3 (1):** A promoção de habitação de interesse social nessa área próxima ao rio Jaguaribe reforça a sua ligação com o Bairro da Paz e a sua apropriação enquanto espaço público, de uso da população. Isso garante ao mesmo tempo o aumento da ocupação nas margens da Orlando Gomes, contribui para um maior movimento de pessoas na avenida e pode oferecer oportunidades para os moradores.

**ZEIS 3 (2):** Essa área corresponde às áreas públicas do parcelamento do loteamento Porto Paralela e pode ser transformada em uma ZEIS, oferecendo condições de um crescimento planejado e com mais qualidade para o Bairro

## PROPOSTA DE ZONEAMENTO AMPLIAÇÃO DAS ZEIS



### ZONAS ESPECIAIS DE INTERESSE SOCIAL

- ZEIS 1 - Assentamentos precários - favelas, loteamentos irregulares e conjuntos habitacionais irregulares
- ZEIS 3 - Terrenos não edificadas, subutilizados ou não utilizados
- ZEIS 4 - Assentamentos precários ocupados por população de baixa renda inseridos em APA ou em APRN
- ZEIS 5 - Assentamentos ocupados por comunidades quilombolas e comunidades tradicionais, especialmente aquelas vinculadas à pesca e mariscagem

da Paz.

**ZEIS 3/4 (3):** Essa área pode ser utilizada para realocar os moradores possivelmente afetados pela construção da nova via na Baixa do Tubo e contribuir para a continuidade das relações existentes. Além disso, a sua destinação para habitação de interesse social pode contribuir para uma maior apropriação do espaço público, que os conjuntos de prédios têm falhado em promover. Assim é possível aumentar o adensamento próximo à via proposta e, ao mesmo tempo, juntamente com outras estratégias, evitar processos de gentrificação nas outras ZEIS do entorno. Essa área está caracterizada como APRN, assim, apesar de ser um terreno vazio, recomenda-se a adoção dos parâmetros aplicáveis às ZEIS 4 (Assentamentos precários ocupados por população de baixa renda inseridos em APA ou APRN).

**ZEIS 3 (4):** Essa área também pode ser utilizada para a possível realocação de moradores afetados pela construção da via proposta, além de oferecer oportunidades de moradia para outras pessoas, próxima aos circuitos de parques e espaços públicos propostos.

**ZPR:** Nessas zonas para uma distribuição mais coerente das densidades, a partir de critérios de impacto ambiental e paisagístico, aproveitamento eficiente da infraestrutura urbana e diversificação das atividades são utilizadas as seguintes classificações:

**ZPR 1-a:** São classificadas como as áreas menos favoráveis ao adensamento, estando no entorno de Unidades de Conservação ou áreas sujeitas a inundação onde se deseja realizar a retenção da água da chuva.

**ZPR 2-a:** Aplica-se às zonas onde se deseja promover um maior aproveitamento do solo urbano, mas onde é necessário minimizar os impactos ambientais ou paisagísticos.

**ZPR 3-a:** Essa zona é utilizada em áreas onde o adensamento não causará maiores impactos ambientais e onde se deseja promover um maior aproveitamento do solo urbano, como as bordas das avenidas mais importantes.



ZEIS 3 - 3 (ver mapa pág. 113)



ZEIS 3 - 1 (ver mapa pág. 113)

## SÍNTESE DA PROPOSTA

*“Se eles querem que Salvador cresça, então que cresça com saúde”*

**Paisagem:** Apesar do aumento da ocupação procura-se valorizar os espaços livres, pensando uma cidade para ser vivida e não apenas como palco de relações impessoais genéricas. Ao invés disso parte-se das características naturais, próprias da região para condicionar o seu desenvolvimento futuro, valorizando a natureza na paisagem e através de uma rede integrada de caminhos dar acesso a esses espaços e promover um contato das pessoas com a cidade e a no espaço público.

**Verticalização:** Para a ocupação futura procura-se adotar parâmetros que busquem garantir a sustentabilidade da vida da sociedade, reconhecendo a necessidade da verticalização para um aproveitamento mais eficiente do solo e da infraestrutura urbana, principalmente nas áreas mais próximas das principais vias de acesso, como a Orlando Gomes e a Paralela. Um maior adensamento, entretanto, deve se concentrar nas áreas onde não causará grandes impactos ambientais. Considera-se que o modelo atual não tem contribuído para a construção de uma cidade mais viva e dinâmica, o que não se deve porém à verticalização em si mas ao uso exclusivamente residencial e aos grandes conjuntos de prédios que criam espaços homogêneos e isolados no seu interior e grandes perímetros fechados no exterior. Para evitar esse efeito negativo recomenda-se o estudo e adoção de medidas que promovam uma relação mais direta com o espaço público, como atividades comerciais no térreo e possivelmente a limitação da área a ser fechada e do número de torres, sugerindo-se aqui a eliminação da categoria de uso R3-03.

**Condomínios:** De forma semelhante os condomínios atuais, através das restrições de uso e acesso têm contribuído para manter uma diversidade baixa de atividades, que falha em atender às próprias demandas dos seus moradores. Esses conjuntos fechados contribuem também para um esvaziamento do espaço público, reforçando o cenário de insegurança que tentam evitar. Assim, apesar do trabalho não assumir uma posição radical, recomenda-se que sejam adotadas medidas futuras para a restrição a este modelo de ocupação, a limitação da área a ser fechada ou a restrição de acesso apenas para veículos, sendo

permitida para pedestres e ciclistas. Pode-se ainda exigir que tenham pelo menos dois acessos, estejam adjacentes a mais de uma via, para impedir o efeito de barreira física no espaço urbano.

**Bairro da Paz:** Para favorecer uma maior apropriação das oportunidades pelos moradores do Bairro da Paz, busca-se estratégias para assegurar não apenas a permanência dos atuais moradores, mas a continuidade do potencial do bairro de suporte à vida e à busca de maiores oportunidades de inserção social para mais pessoas. Assim é proposta a ampliação dos limites oficiais do bairro para englobar áreas desocupadas no seu entorno que já são utilizadas pelos moradores e podem ser enquadradas como ZEIS sendo utilizadas para promover o crescimento do bairro com qualidade. Para planejar esse crescimento e abordar outras questões mais específicas que fugiram ao escopo deste trabalho, considera-se importante a elaboração de um Plano de Bairro participativo, para reforçar os vínculos e desenvolver estratégias para uma maior estruturação do bairro a partir da visão dos próprios moradores.



## MAPA SÍNTESE DAS PROPOSTAS



## 6.4 PROPOSTA PARA O ENTORNO DA ORLANDO GOMES

## DOIS POLOS

A partir do que foi mencionado nas conversas podemos identificar dois circuitos distintos de convivência na região, que teriam o Bairro da Paz e Patamares como seus dois polos. Observa-se que a Orlando Gomes apesar de ser em tese um elemento de conexão, não possibilita a comunicação e, ao contrário, configura-se como uma barreira e um espaço inóspito que favorece o afastamento entre essas duas realidades.

**Piatã, Patamares, Jaguaribe, Itapuã, Barra, Graça, Rio Vermelho, Vilas do Atlântico...**

- Fruto de empreendimentos imobiliários
- População majoritariamente branca
- Renda média mensal alta
- Homogeneidade de usos e atividades
- Vivência em espaços privatizados
- Demanda por mais opções de serviços, manutenção da paisagem e segurança.
- Preocupação com a perda da tranquilidade.

**Bairro da Paz, Mussurunga, 17, São Cristóvão, Itapuã, Piatã, Santa Cruz, Boca do Rio...**

- Fruto da ocupação informal
- População majoritariamente negra
- Renda média mensal baixa
- Diversidade de usos e atividades
- Grande apropriação do espaço público
- Demanda por melhorias na infraestrutura, serviços públicos e áreas de lazer
- Preocupação com a permanência dos moradores

## SISTEMA DE ESPAÇOS PÚBLICOS

Utilizando-se as definições adotadas pelo trabalho, propõe-se a criação de um sistema de espaços públicos permeando e conectando esses dois polos de convivência e constituindo um circuito comum e um espaço de encontro entre as duas realidades. Qualificando o espaço público para o pedestre pretende-se atrair as pessoas para o espaço público e através de um circuito contínuo, facilitar a circulação das pessoas por toda a região. Espera-se com isso alcançar os seguintes objetivos:

- Compatibilizar a preservação das áreas naturais com atividades que possam ser realizadas ao ar livre, incluindo essas áreas na vida da cidade.
- Ampliar o vínculo das pessoas com o lugar onde vivem, e através da paisagem influenciar para a formação de uma identidade comum.
- Facilitar os atravessamentos, conectando os dois lados da avenida e promovendo maior contato entre pessoas de realidades diferentes.
- Dinamizar e intensificar a ocupação nas bordas da avenida com atividades diversas que atraiam movimento.
- Tornar mais confortável o deslocamento longitudinal ao longo da avenida, tornando-a mais “povoada”.
- Implantação nos dois polos da avenida de atividades e equipamentos que atendam ao entorno e à cidade de forma a atrair pessoas para a região e provoquem um fluxo em todo o trajeto.
- Através de uma vivência mais próxima no espaço público, enquanto o lugar de contato com as diferenças, ampliar os vínculos para além do seu grupo particular e fortalecer a consciência do pertencimento a uma sociedade mais ampla.

*Eu acho que esse modelo (condomínio) é de certa forma uma falência do espaço urbano como um todo, da estrutura urbana da gente. Eu acho que isso é uma coisa de repensar os espaços públicos que a gente precisa em algum momento ter um enfrentamento pra isso.”*

Maurício, morador do condomínio Águas do Jaguaribe



## PARQUE RIO JAGUARIBE

Essa é uma área sem ocupação nas margens do Rio Jaguaribe e ao lado do Bairro da Paz, utilizada pelos moradores como área de lazer e que atualmente está em obras para a canalização do rio Jaguaribe. Não foi possível descobrir a quem pertence o terreno, mas segundo alguns moradores existe a possibilidade de que seja da Santa Casa de Misericórdia. Existe a preocupação entre os moradores de que essa área venha a ser utilizada para a construção de prédios, o que significaria a perda desse espaço e contribuiria para isolar o bairro.

A partir das definições apresentadas no trabalho, está sendo proposta nessa área uma bacia de retenção e a criação de uma nova ZEIS, destinada à promoção de habitação social, além da nova via de acesso do Bairro da Paz à Orlando Gomes. Para compatibilizar esse diferentes usos propõe-se a criação de um parque, contando com equipamentos de esporte e áreas livres próximas à natureza, que atendam não apenas os moradores locais mas que pela sua localização privilegiada possa constituir um espaço público de lazer e socialização para pessoas de toda a cidade. As áreas verdes podem ser utilizadas ainda para atividades que gerem renda para os moradores, como hortas e agroflorestas comunitárias.



Março de 2018



## ABERTURA DE TRECHO DO CONDOMÍNIO PARQUE COSTA VERDE

O condomínio Parque Costa Verde foi aprovado como um loteamento aberto e com o passar do tempo adotou medidas para fechar os seus limites. Com isso pode-se observar que o muro atual do condomínio contribui para a má condição de circulação de pedestres na Orlando Gomes e para a falta de atividades ao longo da avenida, tornando-a deserta e mais insegura, além de limitar a oferta de opções a que os moradores se referem.

Estando em uma localização onde é necessário um maior aproveitamento do solo e uma maior diversidade de usos, propõe-se abertura desse trecho e a sua retirada do condomínio. Assim é possível recuperar a área privatizada para o espaço público, promovendo uma maior qualificação desse espaço para todos os cidadãos e permitindo a implantação de diferentes atividades que atendam às demandas existentes.





Retirada do muro do condomínio Parque Costa Verde, para qualificar a Av. Orlando Gomes enquanto espaço público para o pedestre.



## ESCOLA PARQUE

A parte do terreno da AABB onde foi proposta a implantação da bacia de retenção está sendo desmembrada. Para fortalecer o uso desse espaço e atender a demandas não apenas da região como de toda a cidade propõe-se a implantação de um Escola Parque, nos moldes da atualmente existente no bairro da na Caixa d'água), que ofereça cursos e atividades complementares ao currículo básico e que atenda a todas as escolas da região, especialmente as do ensino público. Além disso essas instalações podem ser utilizadas podem oferecer mais opções de serviços e atrações culturais para os moradores da região e da cidade como um todo.





## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização do trabalho foi possível compreender melhor como as relações sociais são um aspecto fundamental para a organização espacial da sociedade e como algumas ideias vem definindo os rumos do planejamento, com consequências diferentes para diferentes grupos. Sem perder de vista a subjetividade presente na relação pessoal com o espaço, o trabalho se coloca o desafio de entender de que forma os instrumentos aparentemente técnicos utilizados pelo planejamento oficial da cidade impactam na vida cotidiana dos cidadãos e a quais interesses subjetivos podem estar submetidos.

A partir dessa proposta procura-se adotar uma abordagem ampla para abarcar diferentes questões consideradas importantes pelos moradores e integrantes de alguns grupos da região, e então realizar o exercício de compatibilizar possíveis soluções para essas questões, em uma proposta integrada e coerente com a ideia de cidade que se deseja propor. É importante ressaltar que o que se propõe não são soluções definitivas ou uma ideia de cidade ideal, mas principalmente a construção de uma narrativa e apresentação de argumentos para estimular a discussão sobre a produção da cidade, sobre o que seria ou não possível e quem decide o caminho a seguir. Ao abarcar diferentes temáticas, visões de mundo e eixos de abordagem, tampouco foi a intenção assumir uma posição centralizadora do planejamento, mas novamente a realização de um exercício, onde se pretendeu ilustrar o caráter interdisciplinar de um processo como esse, assim como a necessidade de participação dos diferentes segmentos que compõem a sociedade.

Ainda assim foi possível identificar algumas questões chave como a necessidade de se pensar os impactos da urbanização no meio natural e as consequências desse impacto para a sociedade, bem como identificar diferentes visões e formas de se relacionar com a natureza que devem ser levadas em consideração. A mobilidade apresenta-se também como um aspecto fundamental para a produção do espaço para a relação que se estabelece com a cidade. O trabalho procura incluir estratégias para incentivar a mobilidade não motorizada, mas reconhece que o tema precisa de estudos mais aprofundados, principalmente no que se refere às possibilidades de conexão intermodal com o transporte coletivo, acessibilidade universal entre outros fatores. Apresenta-se também

como aspecto fundamental da análise as lógicas e parâmetros que determinam o tipo de ocupação do espaço e as atividades que são realizadas. Fica evidente que as lógicas de produção do espaço urbano voltadas para os interesses do mercado imobiliário não estão necessariamente alinhadas à lógica da vivência do espaço ou mesmo de um aproveitamento eficiente da infraestrutura urbana e não tem sido efetivas ao longo da história em atender as necessidades de moradia da população, muito menos em promover a construção de uma cidade viva, democrática e sustentável.

A região do trabalho está crescendo e tende a assumir um papel de centralidade, o que é percebido pela maior parte dos moradores. Nesse contexto é fundamental uma atenção mais detalhada sobre as possíveis consequências desse novo momento para os atuais moradores e sobre os possíveis efeitos gentrificadores dos projetos para a área. Reconhecendo essas consequências como possíveis também para a proposta apresentada, procurou-se adotar medidas que legitimem a presença dos atuais moradores e possibilitem oportunidades de apropriação dos benefícios oferecidos. Essas medidas, porém, são apenas imaginadas no trabalho e necessitariam de um maior aprofundamento nas áreas do conhecimento específicas e, novamente, de uma participação e acompanhamento constantes por parte da população.

Por fim o trabalho reconhece a necessidade de interlocução com outros grupos e agentes sociais, a exemplo do poder público, os agentes do setor imobiliário e os moradores dos novos condomínios de prédios da região, que representam formas diferente de habitar a cidade e considera-se que a abordagem adotada poderia ser utilizada de maneira semelhante para esses grupos

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Rafael de Aguiar. FUGINDO DOS “MALES” DA CIDADE: Os condomínios fechados na Grande Salvador. 2011. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2011.

BAHIA. Secretaria de Meio Ambiente (SEMA). O Caminho das Águas em Salvador: bacias hidrográficas, bairros e fontes. Salvador: CIAGS/UFBA, 2010.

BARROS, Nayara Sales. A Densidade e a Morfologia Urbana como Parâmetros para o Planejamento de Bacias Hidrográficas. Belém, 2014.

CIDADES, Ministério das. MODERAÇÃO DE TRÁFEGO: MEDIDAS PARA A HUMANIZAÇÃO DA CIDADE. Brasília: Ministério das Cidades -secretaria Nacional de Transporte e da Mobilidade Urbana, [20--?].

CONDER -companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da BAHIA. Painel de Informações: Dados Socioeconômicos por Bairros e Prefeituras-Bairro do Município de Salvador. Salvador: CONDER -Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia, 2016. 189 p.

CORREIA, Marcelo Amorim. A (RE)PRODUÇÃO DE MUSSURUNGA E DO BAIRRO DA PAZ NA AVENIDA LUÍS VIANA FILHO (PARALELA), SALVADOR-BA. 2007. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós- Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

GORDILHO SOUZA, Angela. Limites do Habitar: Segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX. Salvador, EDUFBA, 2008.

Inaiá M. M. de; PEREIRA, Gilberto Corso. Como Anda Salvador e sua Região Metropolitana. Salvador: EDUFBA, 2008.

JACOBS, Jane. Morte e Vida nas Grandes Cidades. Ed. WMF Martins Fontes Ltda, São Paulo, 2011.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Espaço Livre: Objeto de Trabalho. Paisagem Ambiente: Ensaios, São Paulo, n. 21, p.175-198, jan. 2006.

MENDONÇA, Frederico A. R. C. Estratégias de Localização dos Conjuntos Habitacionais da URBIS em Salvador, entre 1964 e 1984. [S.l.]

OLIVEIRA, Adriana Rocha Perazzo. CONDOMÍNIOS HABITACIONAIS NA AV. PARALELA: RETRATO DA EXPANSÃO URBANA NA VIRADA DO SÉCULO XX. 2015. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2015.

OLIVEIRA, Amanda de Souza. AGENDA 21 E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL:: UMA CRÍTICA REALISTA. 2007. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Relações Internacionais, Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2007.

Pinto et al. 1976. Hidrologia Básica. São Paulo: Ed. Edgard Blücher Ltda.

POMARES, Rui Miguel Cândido. Diminuição do Pico de Cheia na Rede de Drenagem de Águas Pluviais através do Sistema de Aproveitamento de Água da Chuva. 2010. 255 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia de Recursos Hídricos, Universidade do Algarve, Faro, 2010.

Ramos et al. 1989. Engenharia hidrológica. Rio de Janeiro: ABRH, Editora da UFRJ. Vol.2. Coleção ABRH de Recursos Hídricos.

RAMOS, Maria Estela Rocha. Bairros Negros: uma lacuna nos estudos urbanísticos um estudo empírico-conceitual no bairro do engenho velho da federação, salvador (bahia). 2013. 333 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2013.

RAMOS, Maria Estela Rocha. TERRITÓRIO AFRODESCENDENTE: Leitura de cidade através do bairro da Liberdade, Salvador (Bahia). 2007. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SAMPAIO, Antonio Heliodoro Lima. Formas Urbanas: Cidade-real e Cidade-ideal; Contribuição ao Estudo Urbanístico de Salvador. Salvador: Quarteto Editora, 2015.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SOUZA, Conrado Blanco de; MACEDO, Sílvia Soares. APPs Fluviais Urbanas e Sistemas de Espaços Livres: O papel da legislação ambiental na configuração do espaço urbano à beira d'água. Belém, 2014.

TARDIN, Raquel. Ordenação Sistêmica da Paisagem. Rio de Janeiro: ENANPARQ. 2010.

VERÓL, Aline Pires et al. Rios Urbanos e Paisagens Multifuncionais: estudo de caso: rio dona eugênia. Paisagem Ambiente: Ensaio, São Paulo, n. 36, p.91-115, 2015.

Villela & Mattos. 1975. Hidrologia Aplicada. São Paulo: McGrawHill.

ZAHED FILHO, Kamel et al. PHD2537 Água em Ambientes Urbanos: Renaturalização de Rios em Ambientes Urbanos. São Paulo: Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 2009. 15 p.